



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO  
COMUNICAÇÃO ORGANIZACIONAL

**DO CÁRCERE AO PRÊMIO HUTÚZ: a gestão e  
promoção do disco “Exilado Sim, Preso Não”,  
de Dexter.**

Patrick Osvaldo Amora Barchini

Brasília – DF, dezembro de 2016



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO  
COMUNICAÇÃO ORGANIZACIONAL

**DO CÁRCERE AO PRÊMIO HUTÚZ: a gestão e  
promoção do disco “Exilado Sim, Preso Não”,  
de Dexter.**

Patrick Osvaldo Amora Barchini

Monografia apresentada ao curso de Comunicação Organizacional, da Faculdade de Comunicação, Universidade de Brasília, como requisito parcial para obtenção do grau de bacharel em Comunicação Social.

Brasília – DF, novembro de 2016.



Universidade De Brasília

Faculdade De Comunicação

Comunicação Organizacional

Orientadora: Professora Dra. Ellis Regina Araújo da Silva

### Banca Examinadora

---

Professora Dra Ellis Regina Araújo da Silva (orientadora)

---

Professora Dra. Elen Cristina Gerales

---

Professora Natália Oliveira Teles da Silva

---

Professora Dra. Denise Moraes Cavalcante

Brasília – DF, novembro de 2016.

## **Dedicatória**

Dedico este trabalho à minha orientadora, professora Dra. Ellis Regina, por acreditar no potencial da pesquisa e pelas importantes considerações feitas. Ao “Claudinho” por auxiliar na articulação das entrevistas, ao Dario pela compreensão e ao Dexter, pela humildade, confiança e inspiração. Aos professores do curso de Comunicação Organizacional pelo conhecimento compartilhado até aqui. Aos colegas de curso, parceiros de treino e amigos que me estimulam nos momentos de fraqueza e, por último e mais importante, à minha mãe, Alessandra; ao meu pai, Leonardo; e à minha irmã Paloma, que tentam encurtar as distâncias sempre que possível.

## Resumo

A partir dos anos 2000, o rap passou a ser o gênero mais escutado ao redor do mundo. Idealizado pela população pobre, negra e situada as periferias urbanas, esse gênero musical teve como proposta inicial, a denúncia sobre as mazelas sociais que essas pessoas enfrentam diariamente. O disco “Exilado Sim, Preso Não”, do músico e compositor paulistano Dexter, insere-se nessa lógica, ao ser concebido enquanto o músico esteve no sistema penitenciário por treze anos. A partir da realização de entrevistas com quem esteve envolvido na produção e divulgação do disco e com o próprio Dexter, verificou-se a capacidade de gestão do músico, enquanto esteve privado de liberdade, como aspecto fundamental para a idealização do álbum. Dexter colocou-se no centro dos processos de comunicação que envolveram a produção do disco, o que contribuiu para a formação de redes de pessoas importantes para o *hip hop* que acrescentariam no trabalho, para o fortalecimento da reputação e identidade do músico, em coerência com os valores do *hip hop*.

Palavras chave: Comunicação; Estudos Culturais; Rap; Sistema Penitenciário; Narrativa.

## **Abstract**

Actually, rap is the hottest genre around the world. Conceived by the poor, black population and located in the urban peripheries, this musical genre had as its initial proposal the complaint about the social ills these people face daily. Dexter's "Exilado Sim, Preso Não", is embedded in this logic, when conceived while the musician was in the penitentiary system for thirteen years. From interviews with those who were involved in the production and dissemination of the album and with Dexter himself, it was verified the management capacity of the musician deprived of freedom, as a fundamental aspect for the idealization of the album. Dexter was at the center of the communication processes that involved the production of the disc, which contributed to the formation of networks of stakeholders around him and to the strengthening of his reputation and identity of the musician, in coherence with the values of *hip hop*.

Keywords: Communication; Cultural Studies; Rap; Penitentiary System; Narrative.

## SUMÁRIO

<b>1. Introdução.....</b>	<b>9</b>
1.1 Objetivo Geral .....	10
1.2 Objetivos específicos .....	10
<b>2. Entre a rua e o cárcere, “salvo pelo <i>Hip Hop</i>” – A história de vida do rapper Dexter .....</b>	<b>12</b>
<b>3. A legitimação do <i>rap</i> como objeto de estudo a partir do caráter interdisciplinar dos Estudos Culturais .....</b>	<b>18</b>
3.1 Estudos culturais e a hegemonia cultural .....	18
3.2 A falsa ideia de diversidade racial e a consolidação do racismo no Brasil.....	24
3.3 “Rap nacional”: estação do metrô de São Bento (SP) como ponto de partida .....	29
3.4 O rap de cárcere como ferramenta de sobrevivência nos presídios .....	33
<b>4. Metodologia .....</b>	<b>40</b>
<b>5. Do Calux até o exílio – narrativa com base nos depoimentos coletados sobre o disco “Exilado Sim, Preso Não” .....</b>	<b>43</b>
5.1 O movimento Hip Hop e a reputação de Dexter .....	50
5.2 “Exilado Sim, Preso Não” na perspectiva de redes .....	52
5.3 Ações de divulgação pela comunicação informal .....	54
5.4 A construção da identidade de Dexter.....	57
<b>6. Considerações finais .....</b>	<b>60</b>
<b>7. Lista de referências bibliográficas.....</b>	<b>62</b>

7.1 Matérias jornalísticas.....	66
7.2 Material audiovisual.....	69
<b>8. Anexos .....</b>	<b>71</b>



## 1. Introdução

Esta pesquisa tem como finalidade a investigação dos processos de gestão e promoção do disco “Exilado Sim, Preso Não”, de Dexter. O músico passou a infância no bairro Jardim Calux, na periferia de São Bernardo do Campo/SP e iniciou a trajetória no *rap* ainda na década de 1990, quando fundou o grupo *Snake Boys*. Após oito anos envolvido com o *hip hop* e prestes a lançar seu primeiro disco solo à convite de uma gravadora, Dexter foi inviabilizado de seguir com a produção por questões financeiras da empresa.

Dessa forma, recorreu à prática do assalto a mão armada para obter recursos, sendo detido em janeiro de 1998. Passou seis meses na detenção em regime semi aberto, mas após uma rebelião, fugiu com outros detentos. Desiludido com o *rap* e disposto a ser reconhecido entre os criminosos, Dexter ficou quatro dias na rua e cometeu mais quatro assaltos, quando foi recapturado e cumpriu o total de treze anos de pena.

Na penitenciária do Carandiru, fundou o grupo 509-E junto Afro X, amigo do Jardim Calux/SP e ganhou projeção nacional e, posteriormente, autorizações para deixar o presídio a fim de realizar shows e palestras pelo Brasil. Em uma dessas saídas, no ano de 2000, Dexter e Afro X participavam de um debate com o então Deputado e ex militar, Conte Lopes. Durante o debate, gravado no programa Altas Horas e exibido pela Rede Globo de Televisão, o 509-E discutiu com o Deputado e dois dias após o ocorrido, as saídas do grupo foram bloqueadas pela justiça a pedido do mesmo. Após Afro X conquistar a liberdade e os integrantes passarem a ter certa divisão de ideias, o grupo teve fim às atividades ano de 2003.

Dexter permaneceu privado de liberdade, mas continuou ativo nas composições musicas, até que em 2005, lançou seu primeiro álbum solo: o “Exilado Sim, Preso Não”. Todo o processo de produção e divulgação da obra foi concebido enquanto o músico esteve preso.

Verificou-se a possibilidade de se estudar a Comunicação Organizacional enquanto possível instrumento a ter sido utilizado pelo músico, mesmo estando o privado de liberdade. Pode-se dizer que o

processo é diferente de quando se está fora do sistema penitenciário, o que influenciou na escolha deste tema.

Assim, a pesquisa foi realizada com base nos Estudos Culturais, corrente que passou a incluir atividades não hegemônicas no diálogo cultural, o que pode ser associado com *rap*. O gênero denuncia mazelas sociais que frequentemente são vividas pela população pobre, periférica e moradora das periferias.

Este trabalho divide-se em quatro partes, sendo a primeira uma apresentação sobre o disco “Exilado Sim, Preso Não” e a história de vida do músico Dexter. Em segundo momento, realizou-se levantamento bibliográfico a fim de relacionar as obras científicas existentes com o tema desta pesquisa. Depois, a escolha da metodologia a partir da realização de entrevistas abertas com quem esteve envolvido nesse processo e, finalmente, a análise dos diálogos. Esta última parte foi concebida a partir da relação do material das entrevistas com os objetivos específicos desta pesquisa, sendo eles: 1) A formação da reputação de Dexter ao longo da carreira; 2) A observação à existência de redes no processo de comunicação do disco “Exilado Sim, Preso Não”; 3) A verificação às ações de divulgação do disco; e 4) A análise da consolidação da identidade de Dexter a partir do disco “Exilado Sim, Preso Não”.

### **1.1 Objetivo Geral**

Investigar o processo de comunicação da gestão e promoção disco “Exilado Sim, Preso Não”, do músico Dexter, produzido enquanto o mesmo cumpria pena no sistema prisional.

### **1.2 Objetivos específicos**

a) Verificar o processo de formação da reputação de Dexter ao longo da carreira;

- b) Observar a existência de redes no processo de comunicação do disco “Exilado Sim, Preso Não”;
- c) Verificar quais foram as ações de divulgação do disco “Exilado Sim, Preso Não”;
- d) Observar a consolidação da identidade de Dexter a partir do disco “Exilado Sim, Preso Não”.

## 2. Entre a rua e o cárcere, “salvo pelo *Hip Hop*” – A história de vida do rapper Dexter

A fim de esclarecer o leitor sobre do que se trata a pesquisa, é necessário contextualizar a história do músico Dexter, que compreende também o momento em que o disco foi concebido.

Marcos Fernandes Omena, popular e artisticamente conhecido como Dexter, nasceu em 17 de agosto de 1973 no bairro do Jardim Calux, na periferia de São Bernardo do Campo, em São Paulo. O apelido é inspirado em uma auto biografia de Martin Luther King, lida em 1993 pelo músico. Dexter era o nome de um dos filhos do líder e, além disto, o significado da palavra continha os adjetivos: destro, esperto, ligeiro e sagaz. Em entrevista à Folha de São Paulo, Dexter afirmou: “Você tem que ser um cara esperto na prisão. Você tem que ser um Dexter, assim como na periferia também, no seu dia a dia”. (NETO, 2012, p. 1). Foi criado por Maria Fernandes Omena, quem o adotou logo depois que nasceu, por volta do primeiro mês de vida.

Não distante da realidade dos moradores de regiões periféricas nas metrópoles, Dexter iniciou as jornadas de trabalho aos 9 anos de idade, exercendo a função de ajudante de pedreiro quando viveu no interior do estado, em Campinas. Tendo cursado apenas até a quinta série do ensino fundamental, mudou-se para Itapeva, em Minas Gerais, na adolescência. Lá, viveu com a irmã, mas a convivência não durou muito tempo. Depois, viveu com um amigo em Jundiaí.

No entanto, o momento que corroborou para maior afinidade com a música foi aos 17 anos, quando passou a viver com o pai biológico, quem havia conhecido somente na adolescência. O pai biológico de Dexter vivia em Diadema com outros filhos que já tinham contato com a música negra e com os bailes que aconteciam na região.

Influenciado por músicos renomados da música negra mundial, como: Marvin Gaye, James Brown e Jorge Ben; além de nomes do rap nacional, como, Racionais Mc’s e Thaide & DJ Hum, Dexter iniciou a trajetória musical no ano de 1990, quando fundou o grupo “Snake Boys”. Em 1994, optou por trocar o nome do grupo para “Tribunal Popular” e apenas em 1997 foram convidados a gravar o primeiro disco da carreira. Porém, o empresário

interessado no projeto foi roubado pelo próprio sócio e a produção do disco foi inviabilizada.

A partir desse momento, a vida do músico começou a tomar outro rumo. Incomodado com a situação e já com 8 de carreira, Dexter viu no crime a oportunidade de angariar fundos para produzir o seu primeiro álbum. Foi na prática do assalto a mão armada, que iniciou as atividades. O plano acabou não dando certo e no dia 28 de janeiro de 1998, quando Dexter se dedicava ao segundo assalto, acabou sendo preso.

Em entrevista ao jornal Folha de São Paulo<sup>1</sup>, Dexter chegou a detalhar a angústia e, ao mesmo, a vontade de produzir o disco, sentimentos que o levaram à prática dos atos pelos quais foi julgado:

Como é que eu entrei nessa? Eu entrei nessa por amor ao hip hop. Primeira vez que eu peguei numa arma e fui buscar dinheiro foi justamente para bancar um CD. Eu não tinha dinheiro. Eu recebi o convite de uma gravadora quando ainda era do Tribunal Popular, isso era em 1997, quando eu já tinha um certo destaque dentro do cenário hip hop lá em São Bernardo. Um certo empresário viu o grupo cantando na festa dele, gostou, chamou a gente para uma reunião e disse que ia bancar o disco pra gente. Entramos em estúdio felizes da vida, chamamos o Brown e o Edi Rock para produzir. Nessa época se fazia muito single, que era um cartão de visita. Só que em seguida, o sócio roubou esse cara. Ele ficou duro e não teve mais como bancar o CD. Eu amava tanto aquilo que eu queria ter meu próprio CD. (Folha de São Paulo, 2015)

Ao todo, Dexter devia 52 anos de pena à justiça brasileira, no entanto, conseguiu reduzir para 38 anos. Após a primeira prisão, o músico ficou encarcerado por seis meses, fugiu da penitenciária e ficou nas ruas por quatro dias. Neste período, cometeu mais cinco assaltos e foi acusado por um homicídio. Foi capturado novamente e cumpriu a pena completa, que salcançou 13 anos. Em regime fechado, Dexter ficou preso até 2011, quando obteve a liberdade condicional, o que durou até o ano 2014. Dexter obteve liberdade definitiva ainda no ano de 2014.

---

<sup>1</sup> Folha de São Paulo. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2012/05/1084690-dexter-atracao-da- virada-cultural-fala-sobre-rap-e-prisao.shtml?mobile>>. Acesso em: 14 abr. 2016.

Na penitenciária, Dexter manteve-se longe do rap por um momento curto em relação à pena. Em 1999, ano seguinte à primeira detenção, se juntou com o amigo do bairro do Jardim Calux, Cristian de Sousa Augusto, vulgo Afro X, que também cumpria pena no Carandiru. Assim, fundaram o grupo 509-E, cujo nome fazia alusão à cela que os músicos dividiam, localizada no quinto andar do pavilhão sete da penitenciária.

Foi pelo projeto Talentos Aprisionados<sup>2</sup>, que tinha como objetivo a descoberta de artistas no Carandiru, que a dupla ganhou projeção nacional. Após participarem de um concurso realizado pelo Projeto presídio, o 509-E gravou o primeiro álbum, chamado “Provérbios 13”<sup>3</sup>. Com o sucesso do disco, a dupla foi autorizada a sair do presídio pelo período de sete 7 meses a fim de realizarem shows, eventos, palestras e a participarem programas em emissoras de televisão. O sucesso adquirido ao longo do período de saídas não foi levado em consideração pela justiça brasileira, que cessou as saídas do 509-E, quando o grupo já havia deixado o Carandiru 157 vezes para fins de trabalho. Os músicos permaneceram juntos até 2002, quando Afro X foi libertado, pouco após o lançamento do segundo disco do grupo, intitulado, “2002 Depois de Cristo”<sup>4</sup>. Com a dupla desfeita, o 509-E acabou em 2003.

Entre 2004 e 2005, Dexter iniciou a pré produção de seu primeiro álbum solo, o “Exilado Sim, Preso Não”<sup>5</sup>, objeto a ser investigado nesta pesquisa. Produzido com doze faixas, o disco contou com a participações de *rappers* brasileiros, como, a rapper Tina, Mano Brown e GOG. Além de ter sido o primeiro álbum solo de Dexter, abordou temas que compõem a vida de um detento no sistema penitenciário. Os amparos na religião, nas drogas, a ociosidade nos presídios e, por último, as expectativas de vida após o cumprimento da pena, são objetos de reflexão nas doze faixas do disco. Como forma de crítica, Dexter não economizou palavras sobre o estado das cadeias no Brasil, segundo ele, incapazes de recuperar qualquer indivíduo.

---

<sup>2</sup> Idealizado por Sophia Bisilliat, o projeto “descobriu artistas e transformou presos do Carandiru em celebridades”. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/revista/rf2211200909.htm>>. Acesso em: 24 ago. 2016.

<sup>3</sup> Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=n4kWxE7gawo>>. Acesso em: 24 de nov. de 2016.

<sup>4</sup> Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=GdFtqeh8KJY>>. Acesso em: 24 de nov. 2016

<sup>5</sup> Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=HjbWfYGyjjo&list=PL2JT9FPOSeHFS5OJ4znhD0-HBmKR\\_CIR9](https://www.youtube.com/watch?v=HjbWfYGyjjo&list=PL2JT9FPOSeHFS5OJ4znhD0-HBmKR_CIR9)>. Acesso em: 22 de nov. de 2016.

Prova disto é taxa de reincidência entre os detentos. Como informa pesquisa realizada pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea)<sup>6</sup>, cerca de 70% dos presos que deixam o sistema prisional, voltam a praticar atos infracionais.

Em entrevista ao portal Ponte<sup>7</sup>, especializado em direitos humanos, justiça e segurança pública, Dexter falou sobre o processo de composição quando se está inserido no sistema carcerário. “Você tem o seu tempo de muito mais tempo para pensar. É muito louco isso, mas é fato, é verdade, então com certeza tem sim uma introspecção maior nesse disco”. (GUIMARÃES, 2015, p.1). Ao todo, o processo de produção do álbum “Exilado Sim, Preso Não” durou dois meses. Em estúdio improvisado na “Penitenciária II”, de São Vicente, Dexter finalizou a produção, além de ter corrigido ritmos e “levadas” nas músicas do disco. Isto pelo fato de, em momento anterior, na penitenciária de Presidente Bernardes, Dexter já ter iniciado composições para o disco. Na companhia de mais dois companheiros, conhecidos com Tico e Função, foram captadas as vozes no mini estúdio improvisado e, posteriormente, o material foi enviado ao estúdio YB, na Vila Madalena, em São Paulo. Assim, foi realizado o processo de masterização e mixagem, que durou mais um mês.

Já o processo de distribuição ficou a cargo da gravadora Porte Illegal, sob os comandos de Dário Nunes Silva, amigo de Dexter. Gravadora esta que já lançou nomes importantes para o rap nacional, como RZO, além de ter sido a primeira do segmento a promover premiações sobre o gênero no Brasil. O disco tinha no encarte personagens que passaram pelo sistema penitenciário, como, o ex presidente Luiz Inácio Lula da Silva, Angela Davis, 2 Pac e Malcom X, todos referências para Dexter. Em seguida, a frase: “Todos eles também já estiveram em cárcere privado, e nem por isso deixaram de ser grandes homens e grandes mulheres”.

Apesar de o disco ter passado por processo de produção peculiar, o que pode ter atrapalhado a qualidade do material sonoro, apenas no primeiro

---

<sup>6</sup> Relatório de Pesquisa sobre “Reincidência Criminal” no Brasil (2015). Disponível em: <<http://jota.info/wp-content/uploads/2015/07/577d8ea3d35e53c27c2ccc265cd62b4e.pdf>>. Acesso em: 26 ago. 2016.

<sup>7</sup> Disponível em: <<http://ponte.org/album-de-dexter-sobre-prisoos-faz-dez-anos-e-pouca-coisa-mudou/>>. Acesso em: 24 de nov. de 2016

dia de lançamento, haviam sido vendidas 3 mil cópias do exemplar. Em entrevista<sup>8</sup> ao Real Hip Hop, no ano de lançamento do álbum (2005), Dexter contextualizou o então novo trabalho:

Minha mente continua funcionando, mesmo estando aqui eu me considero um liberto das coisas que o sistema oferece, como por exemplo, o álcool e as drogas. Mas o título do álbum surgiu quando eu estava lendo o livro Exílio na Ilha Grande, de André Torres. O Autor entendia seus escritos como documentos e eu entendo minhas músicas da mesma forma, é por isso também que me considero um exilado. (Real Hip Hop, 2005).

Apenas no ano de 2009 ocorreu a festa de lançamento do disco, quando Dexter também lançou o primeiro DVD “Dexter & Convidados”<sup>9</sup>, na quadra da escola de samba “GRCES Unidos do Peruche”, em São Paulo. Foi a primeira gravação ao vivo do músico e contou com participações de nomes importantes para o rap nacional, como, Fernandinho Beat Box, Mano Brow, Thaide e Edi Rock.

Em 2013, a fim de comemorar o segundo ano de liberdade, gravou o segundo DVD “Dexter & Convidados – a liberdade não tem preço”<sup>10</sup>. Neste trabalho, em especial, além dos *rappers*, foram convidados nomes externos ao cenário do rap nacional, como, Péricles, Guilherme Arantes, Katinguelê e Seu Jorge. O último trabalho do músico, intitulado “Flor de Lótus”, foi lançado em novembro de 2016.

Ainda cumprindo pena no sistema penitenciário, em 2010, Dexter idealizou o projeto “Como Vai Seu Mundo?”, em parceria com o Juiz Corregedor da Vara de Execuções Criminais de Guarulhos, Dr. Jaime Garcia Junior e com o Instituto Crescer. O Projeto<sup>11</sup> almeja a reeducação social e

---

<sup>8</sup> Disponível em: <<https://mundodarua.wordpress.com/2010/09/05/entrevista-dexter/#more-489>>.

<sup>9</sup> Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=xbTT52Zbuag>>. Acesso em: 22 de nov. de 2016.

<sup>10</sup> Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=RMRS8IMwnN0>>. Acesso em: 22 de nov. de 2016.

<sup>11</sup> O Projeto “Como Vai Seu Mundo” é uma proposta de política pública para a ressocialização efetiva de cidadãos que cumprem pena nos estabelecimentos carcerários do Brasil. Disponível em: <<http://soulart.org/social/dexter-gog-e-coletivo-peso-como-vai-seu-mundo/>>. Acesso em: 26 ago. 2016.



política de pessoas que se encontram encarceradas, tendo como sede principal a Penitenciária José Parada Neto, em Guarulhos (SP).

Após levantamento sobre a história de Dexter, na próxima etapa, será realizada pesquisa bibliográfica acerca da literatura existente sobre o que pode ser relacionado à história de vida do músico, pois é onde se insere a produção e divulgação do disco “Exilado Sim, Preso Não”.

### **3. A legitimação do rap como objeto de estudo a partir do caráter interdisciplinar dos Estudos Culturais**

Este capítulo tem a função de situar as temáticas envolvidas na história de vida do músico Dexter, bem como aspectos referentes ao disco “Exilado Sim, Preso Não” sob a ótica dos Estudos Culturais. A ideia é mostrar o caráter interdisciplinar deste campo de conhecimento a partir de diferentes aspirações sobre o que são, de fato, os Estudos Culturais. Isto se dá pelas possibilidades abordagens às temáticas durante a pesquisa. Inicialmente, tem-se o rap, a situação sócio econômica dos negros no Brasil e as peculiaridades do sistema penitenciário brasileiro como questões que cercam o disco. Assim, serão estabelecidas relações entre os campos com a finalidade de compreender o porquê da escolha dos caminhos seguidos pelo músico e pela equipe responsável no momento da produção e divulgação do disco “Exilado Sim, Preso Não”.

#### **3.1 Estudos culturais e a hegemonia cultural**

Fica claro que o campo de atuação deste trabalho permeia aspectos culturais. O fato se confirma ao observar o contexto no qual a história do músico Dexter está inserida. São eles: rap, o lugar de fala do povo negro no Brasil, bem como as características do sistema penitenciário brasileiro. Tais contextos serão objetos de reflexão a fim de que sejam, entre eles, estabelecidas relações. A intenção não é aplicar métodos rígidos sobre o campo multidisciplinar da pesquisa, e sim, algo próximo do que Geertz (1989) entende por etnografia: estabelecer relações, localizar fontes, interpretar textos e mapear campos. É de acordo com atividades dessa natureza que se chega a definições próximas do que se conhece pela cultura de determinados grupos. Isso, tendo a ideia de que este campo não é puramente científico e experimental. Geertz (1989) se apoia nos conceitos de Max Werber, ao crer que o ser humano é algo amarrado a significados mutáveis, construídos pela própria espécie. Assim, pode-se dizer que pelo caráter mutável da cultura, a sua análise não implicará no alcance de resultados concisos e incontestáveis

sobre determinada sociedade ou grupo. No entanto, é importante conceituá-la:

(...) assumo a cultura (...) não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura de significado. É justamente uma explicação que eu procuro, ao construir expressões sociais enigmáticas na sua superfície. (Geertz, 1989, p. 15).

Os ambientes nos quais Dexter passou são compostos por pessoas de legados sociais adquiridos a partir dos significados que compartilham entre si. Tanto no cenário do rap, entre aqueles que estão cumprindo pena no sistema penitenciário e, por último, a população negra do Brasil, possuem suas características, fruto de toda a construção de interpretações e significados alcançadas ao longo da vida.

Por estas razões, julgou-se que um dos elementos da base teórica, que terá enfoque em investigar os processos de produção e divulgação do disco “Exilado Sim, Preso Não”, de Dexter, deve compreender os Estudos Culturais. O fato se atesta pelas possibilidades de abordagens ao tema, que pode ser relacionado com mais de uma área de conhecimento. Hall (2003) situa o conceito de cultura idealizado por Raymond Williams<sup>12</sup>, como a soma das descrições disponíveis pelas quais as sociedades dão sentido e refletem as experiências comuns do dia-a-dia.

No entanto, antes da conceituação dos Estudos Culturais, é necessário frisar que não é o objetivo desta pesquisa, contextualizar a música, bem como os aspectos de produção nos ambientes hegemônicos. As condições de produção de um disco musical concebido em um presídio brasileiro é diferente daqueles produzidos pelas grandes gravadoras. Os presídios têm carência de infra estrutura, superlotação e não influenciam na diminuição das prisões, pois, como revela o Levantamento Nacional de

---

<sup>12</sup> Foi um dos principais estudiosos e criadores dos estudos culturais, e despontaria como um nome significativo nesta esfera na Nova Esquerda inglesa, no período que se seguiu ao fim da Segunda Guerra Mundial. Elaborou estudos sobre literatura, teatro e televisão, sempre procurando compreender estes veículos tanto do ponto de vista da cultura erudita, quanto da cultura popular, sem deixar de lado a famosa indústria cultural. Disponível em: < <http://www.infoescola.com/biografias/raymond-williams/>>. Acesso em: 2 de set. de 2016.

Informações Penitenciárias (Infopen)<sup>13</sup>, a taxa de aprisionamento no país cresceu 167% em dez anos (2004 a 2014). Os dados também informam que 53% dos detentos possuem apenas ensino fundamental incompleto, o que evidencia a relação entre a carência de acesso à educação e a recorrência ao crime como possibilidade de sobrevivência. Essas situações influenciaram no agravamento do estado dos presídios brasileiros ao observarmos o mesmo levantamento. Observa-se que o país ocupa o posto de quarto lugar no que diz respeito à população carcerária, tendo menos detentos, apenas, do que os Estados Unidos, China e Rússia.

É de acordo com esse cenário, que será feita referência às atividades desenvolvidas por indivíduos que não ocupam lugares nos ambientes hegemônicos. A história de vida do músico relaciona-se como caminho alternativo a ser seguido, em vez daqueles estabelecidos pela hegemonia da Indústria Cultural. Adorno apud Kellner (1972, 2001) afirma que ao passo em que a cultura se transforma em mercadoria, ela é massificada, tornando-se, muitas vezes, indissociável de modelos pré estabelecidos e, assim, age como mais um indutor na legitimação de ideologias das sociedades capitalistas.

Os aspectos de produção do disco “Exilado Sim, Preso Não” de Dexter não enquadram-se naquilo que Adorno entende por Indústria Cultural. Tal afirmação é coerente com a realidade porque não se trata de uma produção com fins estritamente comerciais, que tem como objetivo o sucesso entre os consumidores e financeiro. O disco busca mostrar reflexões sobre o que é estar encarcerado no Brasil, o porquê de tantos jovens terem como destino o cárcere e as possibilidades de reinserção à sociedade após o cumprimento da pena. A partir destas características e pelas peculiaridades que cada uma possui, deve-se observar o surgimento dos Estudos Culturais.

Os Estudos Culturais surgiram na década de 1950 e são originários de três obras, sendo Richard Hoggart com *The Uses of Literacy* (1957), Raymond Williams com *Culture and Society* (1958) e *The Long Revolution* (1961); e E. P. Thompson com *The Making of the English Working-class* (1963). Escosteguy (2016) entende que Williams e Thompson viam a cultura a partir de situações comuns na vida cotidiana, quando se evidenciava o

---

<sup>13</sup> Disponível em: < <http://www.justica.gov.br/noticias/mj-divulgara-novo-relatorio-do-infopen-nesta-terca-feira/relatorio-depen-versao-web.pdf>>. Acesso em: 20 de mai. de 2016.

papel do indivíduo como fator determinante dessas situações. Porém, Thompson optou por contextualizar a cultura como modos de vida distintos, o que contrariava a ideia de comportamentos globais, comumente discutidos à época. Já Williams, reafirmava discussões acerca dos impactos culturais dos meios massivos, “mostrando um certo pessimismo em relação à cultura popular e aos próprios meios de comunicação”. (ESCOSTEGUY, 2016, p.2.). Ao considerar que o disco “Exilado Sim, Preso Não” possui enunciações sobre reivindicações no sistema penitenciário, além de explicitar a situação sócio econômica dos negros e moradores das periferias no Brasil, o modo pelo qual Hoggart definia os conceitos de cultura, pode ser relacionado com o tema desta pesquisa. O autor é precursor das análises sobre cultura, quando a observa também como ferramenta de resistência, mudanças e não apenas obediência.

Também é importante atentar-se à história de Stuart Hall. Jamaicano negro e imigrante na Grã Bretanha, se considerava como um "intelectual diaspórico", que concentrou a atuação como pesquisador na investigação de práticas de resistência. Ele passou a ocupar a cadeira de diretor do *Centre for Contemporary Cultural Studies* (CCCS), da Universidade de Birghman, na Inglaterra, antes pertencida a Hoggart. Desde então, almejou “incentivar o desenvolvimento da investigação de práticas de resistência de subculturas e de análises dos meios massivos, identificando seu papel central na direção da sociedade”. (ECOSTEGUY, 2016, p. 3.).

Um fato importante e que vai de acordo com a ideia de a cultura não ser, necessariamente, homogênea nas sociedades e possuir inúmeras bases para sustentação é que: no âmbito dos Estudos Culturais britânicos, os estudiosos passaram a abominar o uso do conceito “cultura de massa”. Tal elemento, de acordo com a análise de Raymond Williams (1961) e membros da Escola de Birmingham, não considera aspectos culturais e costumes de cada grupo ou sociedade e classifica-os na totalidade como “massa”, sem compreender que assim, acabaria por torná-las homogêneas.

Assim, ao analisar a produção fonográfica realizada para o disco “Exilado Sim, Preso Não” dentro de um presídio brasileiro, nota-se que o fato possui características próprias, diferentes de quando se pensa na produção de álbuns do *mainstream*, por exemplo. Pelo caráter transformador de

realidades que o álbum tem, nota-se que o mesmo pode ser “retratado como uma ameaça ao *establishment*” (RIBEIRO, 2008, p. 29). Isto pela narrativa que compõe o álbum, sobre os presidiários e a população negra e moradora da periferia, diferente daquela contada pelas elites políticas e econômicas. O álbum denuncia mazelas do sistema capitalista, das prisões e, finalmente, o incentivo do consumo a qualquer custo. A partir disto, entende-se que tal produção, fora dos ambientes hegemônicos é apta a ser classificada como “possibilidade de sobrevivência” para aqueles que não representam os mesmos anseios de uma elite dominante.

As atividades na base da pirâmide são o que chamo de verdadeira globalização de baixo para cima. Proveem acesso a fluxos de riquezas globais que de outra forma nunca chegariam aos segmentos mais vulneráveis de qualquer sociedade ou economia. Elas abrem um caminho para a mobilidade ascendente ou a possibilidade de sobrevivência em economias nacionais e globais que não são capazes de prover pleno emprego a todos cidadãos. (Ribeiro, 2008, p. 29,).

Com a falta de oportunidades para os egressos do sistema penitenciário, o rap pode ser um instrumento que, além de pedagógico, é transformador de realidades. Isto se observa a partir dos processos de composição, produção e divulgação das músicas e álbuns, que podem ser exercidos por pessoas pobres e moradoras de regiões periféricas. Essas regiões normalmente possuem carência de infraestrutura básica e amparo do Estado no que diz respeito à saúde e educação. É nesse contexto que se verifica a importância fundamental dos Estudos Culturais na sustentação da pesquisa, justamente pelo caráter interdisciplinar nas abordagens, além de estar em evidência a relação entre os campos: Comunicação e Cultura.

Kellner (2001) entende os Estudos Culturais como combinação de teoria social, história e intervenções políticas, sem ter como parte única e fundamental a especialização dos campos de conhecimento. O autor também relembra a década de 1990 e o surgimento do multiculturalismo, momento no qual se situa a história de Dexter. Além do racismo enfrentado pelos negros no Brasil, o sistema penitenciário, a afinidade com o rap, que segundo Mello (2015 p. 39), é “um movimento que nasce da resistência para suprir

ausências em seu meio e dar voz aos excluídos”, tem-se de a necessidade de serem observados aspectos do multiculturalismo.

A existência do multiculturalismo teve consequência na adesão de grupos não hegemônicos nas discussões acerca da cultura. Pode-se dizer que grupos que se encontravam às margens da sociedade, minorias e questionadores, não eram incluídos no diálogo cultural. Este fato pode ser associado à produção do álbum “Exilado Sim, Preso Não”, fruto da inspiração e do conhecimento musical de Dexter, idealizado enquanto o músico cumpria pena no sistema penitenciário. No entanto, com a inserção desses grupos à discussão, o multiculturalismo sofreu repressões. Segundo Kellner (2001, p.37), “contra a ofensiva multicultural, os conservadores defenderam a cultura ocidental, com seus cânones ditados por grandes homens europeus (sobretudo)”. Isto torna evidente a repressão de atividades exercidas por indivíduos que não se encontram em padrões pré estabelecidos pelas elites culturais dominantes.

De acordo com as características do multiculturalismo, que visava a ruptura de um diálogo que contemplava apenas grupos dominantes, os Estudos Culturais também podem estar associados a tal corrente, a partir do momento em que concentra a força de atuação na quebra de paradigmas. Isto se observa na busca por inovações no campo das práticas acadêmicas, ao servir como complemento ao que é conhecido como teoria social. Apesar de existirem múltiplas teorias e de elas serem escolhidas como forma de embasamento para narrações, atestados ou questionamentos, entende-se como equívoco crer em “superteoria ou narrativa mestra que forneça as chaves da interpretação ou da explicação a todos os problemas intelectuais e políticos” (KELLNER 2001, p. 39).

Kellner (2001, p. 39) também sugere que os Estudos Culturais britânicos possibilitam “abordagens à cultura e à comunicação que nos forcem (...) a fazer discriminações políticas entre produções que tenham diferentes efeitos políticos”. Além disto, a abordagem dessa corrente de estudiosos não olvida questões, como, raça, sexo e classe a fim de colocá-las em evidência nos estudos de cultura da mídia e da comunicação.

Com esse enfoque, a pesquisa pretende compreender os processos de produção e divulgação do disco “Exilado Sim, Preso Não” a fim de que

sejam estabelecidas relações entre eles. A intenção é entender como se deram tais processos, bem como de quais formas as temáticas influenciaram no trabalho realizado acerca da obra.

### **3.2 A falsa ideia de diversidade racial e a consolidação do racismo no Brasil**

Para contextualização da pesquisa, é importante atentar-se à história de Dexter, um homem negro que ficou encarcerado por 13 anos. Isto viabiliza abordagens em relação a indivíduos que encontram nas práticas culturais a possibilidade de ocuparem lugares de fala. Segundo Silva (2014, p. 7), “desde o início da história oficial do Brasil, o negro já aparecia em um lugar bem definido na estrutura social, sujeito ao regime escravagista que o legitimava como uma raça inferior”. É válido lembrar que grande parte da população negra não pertence às classes de maior poder aquisitivo da sociedade.

A proximidade da história do músico é compreendida ao passo que são observados aspectos sobre a desigualdade racial no país. Afinal, mesmo o Brasil sendo o segundo país do mundo com maior população negra perdendo apenas para a Nigéria, somente 18% dos cargos de elite no país são ocupados por eles, como mostram os dados de levantamento realizado pela Folha de São Paulo<sup>14</sup>. Em contra partida, o Levantamento Nacional de Informações Penitenciárias, realizado no ano de 2014, aponta que os negros representam 67% dos encarcerados no Brasil.

É importante atentar-se à prática de atos racistas no país mesmo ao serem verificados levantamentos e dados brutos sobre desigualdade racial. Tais práticas não se restringem apenas a pessoas “despossuídas de informação” e “sem oportunidades” de acesso às instituições de ensino, da forma que normalmente é atribuída culpa por tais práticas.

---

<sup>14</sup> Negros ocupam só 18% dos cargos de elite, aponta levantamento. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2015/06/1638879-negros-ocupam-so-18-dos-cargos-de-elite-aponta-levantamento.shtml>>. Acesso em: 30 de ago. de 2015.



Exemplo disto foi o discurso proferido pela atriz Susana Vieira no programa “Encontro”, exibido pela Rede Globo de Televisão. Em 23-11-2012, a atriz participava do programa, que tinha como tema principal a posse do então ministro Joaquim Barbosa<sup>15</sup>, primeiro ministro negro a ser empossado no Superior Tribunal Federal (STF). Pôde-se observar a falta de argumentos da atriz para defender sua posição no que diz respeito à situação racial no país. Como mostra a matéria publicada pelo portal IBahia<sup>16</sup>, Susana disse que a apropriação de discursos contra a desigualdade racial, poderiam soar como “vitimização” dos negros:

Não vamos pegar as dores e fazer como se elas (as pessoas negras) fossem vítimas. O Brasil está oferecendo oportunidades para as pessoas melhorarem e se formarem. Porque senão fica parecendo que só o negro que não tem oportunidade (...) O maior problema do Brasil é um problema econômico. (iBahia, 2012).

Nas palavras da atriz, também fica claro o desconhecimento sobre o acesso de pessoas negras às universidades brasileiras. O Portal “RedeAngola.info”<sup>17</sup>, publicou matéria a partir de dados obtidos da população negra no Brasil de acordo com o Censo de 2010, realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Assim, observa-se que apenas 26% dos alunos das universidades brasileiras são negros, mesmo com o crescimento de 232% deste valor em relação à década passada (2000). Ainda segundo a matéria, a remuneração relativa bruta dos negros representa apenas 57,4% da remuneração de pessoas brancas, sendo que a comparação é feita a partir dos mesmos níveis de escolaridade e quando se desempenha a mesma função.

Trazer ao cerne da pesquisa elementos como o episódio do programa Encontro, que caracterizam o racismo como aspecto cultural no país, é

---

<sup>15</sup> “Joaquim Barbosa toma posse e é primeiro presidente negro do Supremo Tribunal Federal”. Disponível em: <<http://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2012/11/22/posse-joaquim-barbosa.htm>>. Acesso em: 12 de set. de 2016.

<sup>16</sup> Disponível em: <<http://m.ibahia.com/single-mobile/noticia/desentendimento-entre-toni-garrido-e-suzana-vieira-gera-bate-boca-no-encontro-com-fatima-bernardes/?cHash=f94ea08b2d511910e5119ec143948642>>. Acesso em: 30 de ago. de 2016.

<sup>17</sup> Disponível em: <<http://www.redeangola.info/multimedia/retrato-dos-negros-no-brasil/>>. Acesso em: 30 de ago. de 2016.

importante, pois reforça a presença do conceito de representação, expresso por Stuart Hall em *The Work of Representation* (1997). Nele, o autor explicita “os efeitos e consequências da representação – como o conhecimento produzido pelos discursos incide sobre as condutas, a formação ou a construção de identidades incide sobre a interpretação” (SANTI<sup>1</sup> e SANTI<sup>2</sup>, p. 3, 2008). Ou seja, é possível questionar como a veiculação desses discursos pela grande mídia incide e influencia na opinião dos brasileiros sobre o racismo.

A Rede Globo de Televisão é a maior emissora do mundo em produção de conteúdo em língua portuguesa de acordo com *ranking* divulgado pelo blog “Conexão TV”<sup>18</sup>. Já o programa “Encontro”, atingiu recorde de audiência no ano de 2016, além de ter superado as emissoras concorrentes, como mostra a matéria publicada pelo “Observatório da Televisão”, do portal “Uol”<sup>19</sup>. O programa também possui classificação livre, o que indica a possibilidade de ser assistido por crianças. Sendo assim, verificar o alcance que a emissora tem e a forma pela qual as mensagens produzidas pela mesma são assimilada pelas pessoas é uma inquietação, levanta a hipótese de que os meios de comunicação tem importância fundamental na consolidação dos pensamentos racistas no Brasil.

Quando se parte do conceito de Hall apud Santi<sup>1</sup> E Santi<sup>2</sup> (1997, 2008, p. 4) que “representação é a produção do significado, do conceito, em nossa mente através da linguagem, muito adiante da existência de fato ou da observação empírica”, fica claro que a atriz apenas reproduziu um discurso genérico, baseado em um consenso sobre raça, idealizado pela sociedade brasileira, sem que houvesse qualquer observação empírica relativa aos fatos. Hall (2003) faz referência ao italiano Antonio Gramsci, ao ressaltar a sua importância para os estudos sobre etnia e raça, quando Gramsci aborda a consolidação de ideias a serem apropriadas como “verdades”, independente de terem embasamento empírico e/ou teórico. Da mesma forma, a atriz o fez ao dar a opinião sobre a questão racial no Brasil.

---

<sup>18</sup> Disponível em: <<https://conexaotvaudiencia.wordpress.com/2014/03/04/record-ja-e-a-28o-maior-emissora-do-mundo-globo-sobe-pro-segundo-lugar/>>. Acesso em: 2 de set. de 2016.

<sup>19</sup> Disponível em: <<http://observatoriodatelevisao.bol.uol.com.br/audiencia-da-tv/2016/05/encontro-com-fatima-bernardes-cresce-em-audiencia>>. Acesso em: 1 de set. de 2016.

Pensando nessas tais “verdades absolutas”, Stuart Hall chega à explicação sobre o conceito de hegemonia:

É o terreno já formado e não questionado sobre o qual as ideologias e filosofias mais coerentes devem disputar o domínio; o solo que novas concepções de mundo devem considerar, contestar e transformar, para moldarem as concepções de mundo das massas e, dessa forma, se tornarem historicamente efetivas. (Hall, 2003, p. 322).

É a ideia de que as classes terão conhecimentos naturais, dados por instinto, no entanto, incoerentes quando se pensa na formulação de políticas públicas igualitárias. Isto gera a necessidade de induzir a “educação política e político-cultural para renovar e esclarecer essas construções do pensamento popular — “o senso comum” —“ (HALL, 2003, p.322).

É dessa forma que Gramsci apud Hall (2003) também idealiza as reivindicações sociais sendo indissociáveis de uma luta de hegemonias no campo político, porém, na busca de ideais opostos.

Retornando ao episódio do programa Encontro, é notório que o fato está em consonância com os discursos preconceituosos da pós modernidade, assim como afirmam Almeida, Pereira e Torres (p. 96, 2003), pois, “o preconceito atualmente é constituído por vários discursos que pregam a defesa irrestrita dos valores igualitários do pós-modernismo e, ao mesmo tempo, opõe-se às políticas sociais coerentes com esses valores”. No fato em questão, tentava-se evidenciar suposta igualdade entre negros e brancos no Brasil, o que pode ser desmentido a partir da verificação de estatísticas sobre a população brasileira.

Quando se observa os discursos justificadores sobre discriminação racial no Brasil, deve-se mencionar a diferenciação entre grupos dominantes e grupos não hegemônicos a partir de estudos clássicos sobre racismo. Dessa forma, nota-se que, na contemporaneidade, “pessoas utilizam teorias de senso comum sobre as características essenciais que diferenciariam o branco do negro” (ALMEIDA, PEREIRA E TORRES, p. 96, 2003).

Além disto, a sensação de pertencimento, a negação das emoções positivas de grupos minoritários, bem como a “acentuação das diferenças

culturais expressa na percepção de que os membros dos outros grupos não aderem aos valores do trabalho” (PETTIGREW e MEERTENS,1995 apud ALMEIDA, PEREIRA E TORRES, 2003, p. 97)

E é a partir da existência da discriminação racial no Brasil, por mais que seja velada, que se apropria da afirmação de Camino apud Almeida, Pereira e Torres (2004, 2003, p. 99), a qual “descreve uma dissociação cognitiva cuja característica central é o fato de as pessoas negarem que são preconceituosas atribuindo a responsabilidade do preconceito a uma abstração: a sociedade brasileira”. A partir deste posicionamento, nota-se que o país legitima tais práticas racistas. No entanto, quem se apropria disto, busca atingir discursos igualitários. A retórica se dá pela falsa ideia de “democracia racial” que existe no Brasil, consequência das relações afetuosas entre brancos, negros e indígenas ocorridas no território desde o período colonial. Isto produz o significado de a população negra e branca estarem em posições iguais no nível hierárquico quando se fala em oportunidades, além de induzir a crença de que o preconceito racial é, em sua raiz, ligado à divisão de classes e não à cor da pele, de fato. No entanto, esses discursos não são fundamentados pelo fato de a cor da pele ser mais uma dificuldade no que diz respeito ao nível de classe no Brasil. Isto pode ser atestado pela taxa de analfabetismo ser duas vezes maior entre os negros e por 7 a cada 10 casas beneficiadas pelo Bolsa Família<sup>20</sup>, serem chefiadas por negros, por exemplo. As informações são da matéria: “8 dados que mostram o abismo social entre negros e brancos”<sup>21</sup>, da Revista Exame.

O levantamento sobre a situação sócio econômica dos negros no Brasil, os conceitos de representação e a cultura do preconceito existente no país, servem para esclarecer a influência dos hábitos, bem como a assimilação das mensagens sobre o preconceito racial por parte dos brasileiros. No caso da atriz Susana Vieira, o significado que a fala acerca da

---

<sup>20</sup> É um programa de transferência direta de renda, direcionado às famílias em situação de pobreza e de extrema pobreza em todo o País, de modo que consigam superar a situação de vulnerabilidade e pobreza. Em todo o Brasil, mais de 13,9 milhões de famílias são atendidas pelo programa. Disponível em: <<http://www.caixa.gov.br/programas-sociais/bolsa-familia/Paginas/default.aspx>>. Acesso em: 2 de set. de 2016.

<sup>21</sup> Disponível em: <<http://exame.abril.com.br/brasil/noticias/8-dados-que-mostram-o-abismo-social-entre-negros-e-brancos>>. Acesso em: 1 de set. de 2016.

suposta “vitimização” dos negros pode ter ao ser veiculada na maior emissora do país.

Na contra mão dos discursos preconceituosos, que põem elementos da cultura negra em desvantagem em relação às culturas dominantes e, conseqüentemente, com maior poder aquisitivo, o *rap* surge na intenção de produzir narrativas não hegemônicas sobre a real situação sócio econômica do país. Shustermann (1998) entende que os rappers se classificam como artistas e poetas, mas exercem a função de investigadores do cotidiano, negligenciado ou distorcido pela história denominada como “oficial” e pela cobertura dos meios de comunicação. As canções do gênero também denunciam a opressão sofrida pela população negra do Brasil, o que será explorado no capítulo seguinte, juntamente com a consolidação do movimento *hip hop* no país.

### **3.3 “Rap nacional”: estação do metrô de São Bento (SP) como ponto de partida**

Diante dos fundamentos expostos acerca da cultura, a ideia de os estudos culturais serem, também, voltados para “análise das produções, práticas e instituições culturais (...) que mostram como a cultura oferece ao mesmo tempo forças de dominação e recursos para a resistência e luta” (KELLNER, 2001, p. 55), pode ser associada ao racismo enfrentado pelos negros no Brasil e na afirmação do *hip hop* no território nacional. O movimento, segundo Shustermann (1998, p.146) “designa um conjunto cultural mais amplo que o rap. Ele inclui o *break*, o graffiti e também um estilo casual de roupa”. Assim, é necessário contextualizar a história deste movimento, pois é onde se insere o álbum “Exilado Sim, Preso Não”, produzido por Dexter, especificamente.

Os primeiros momentos dos quais pode-se classificar como início do *hip hop* no Brasil, foram consolidados na cidade de São Paulo. De lá, saíram os primeiros nomes expressivos e precursores do movimento no país, como os representantes do rap, “Racionais Mc’s”, “Thaíde & DJ Hum” e “Rappin

Hood”. Como explica Zeni (2004, p. 231), “o hip hop surgiu em São Paulo (...) As primeiras manifestações foram realizadas por volta de 1984, no centro da cidade, na região da estação São Bento do metrô”. É importante observar que o *rap* também passou a ser ouvido pelas pessoas da classe média brasileira, como o autor Bruno Zeni observa em relação ao sucesso conquistado pelo do grupo Racionais Mc's:

Especialmente em 1997, quando lançam o *Sobrevivendo no inferno*, os integrantes, suas letras e músicas se tornam nacionalmente conhecidos. O CD fez enorme sucesso – segundo a banda, foram vendidos mais de um milhão de exemplares do disco e levou o rap a espaços antes pouco frequentados pelo gênero: as rádios comerciais, a TV e os toca-discos da classe média branca. (ZENI, 2004, p. 228)

Em relação ao movimento *hip hop*, também observa-se a difusão dessa cultura com outras intenções. Não sendo tão preocupados com as denúncias presentes nas canções dos precursores do *rap* nacional, apropria-se das canções tocadas por artistas que fazem parte da cena hegemônica da música negra americana. Sobre a popularização do hip hop, é notório que o movimento pode ter sido descaracterizado dos ideais iniciais:

as letras do rap norte-americano ganharam uma versão comercial, na qual em lugar do protesto e das denúncias sobre a vida nos guetos e nos conjuntos habitacionais, os videoclipes ostentam a riqueza de seus intérpretes, o que na visão de muitos deturpa o significado real do hip hop. (Silva, 2011)

Tal acontecimento foi influenciado pela globalização econômica. Macedo apud Silva (2007, 2011) sugerem que a mundialização do estilo de vida dos negros norte americanos com situação financeira privilegiada sendo ex bandidos, antes marginalizados pela sociedade, foi o que os tornou ícones para a juventude. Isto também é observado quando as casas noturnas, ao perceberem a adesão da música negra americana, inseriram festas de rap nos circuitos culturais das cidades. Isto pelo fato de o rap ter se tornado um produto rentável, atingindo inclusive as elites.

No entanto, é importante atentar-se ao que Shustermann (1998) atribui à ostentação de bens materiais pelos *rappers*. Para o autor, os sinais de status são apresentados como secundários e advindos da força verbal que os *rappers* optam por transmitir. Isto não deve ser pensado separadamente da real importância dada à fala pelo povo negro, diferentemente da cultura ocidental, que atribui supervalorização às técnicas de escrita. Os *rappers* inclusive podem condenar a lógica consumista como idealização de vida para os jovens moradores da periferia. Por isso, recorrem ao crime para obterem carros de luxo, drogas e aparelhos celulares, sem refletirem que essa rápida ascensão “termina, normalmente, em morte, prisão ou miséria, reforçando assim o ciclo da pobreza e do desespero” (SHUSTERMANN, 1998, p. 157).

No entendimento de Shustermann (1998) o rap também apresenta as suas contradições e paradoxos. Exemplo disto são artistas afro americanos que condenam a comercialização e a classificam como “prostituição artística e política”. Ao mesmo tempo, exaltam o próprio sucesso no meio comercial como forma de mensuração do indicativo de poder artístico.

A partir de uma análise histórica, observa-se que países receberam negros como força de trabalho, como é o caso dos Estados Unidos e países da Europa. No Brasil, pode-se dizer que ocorreu a mesma movimentação. Assim, “o negro foi, portanto, trazido para exercer o papel da força de trabalho compulsório” (PINSKY, p. 36, 2010). Como todo indivíduo obrigado a servir como força de trabalho, eram classificados como propriedades em vez de seres humanos autônomos, o que, como já foi mencionado, pode explicar a idealização dos *rappers* acerca dos bens de consumo:

Os artistas afro americanos precisam sempre, consciente ou inconscientemente, conviver com a história da escravidão e da exploração comercial que forma a base da experiência negra e de sua expressão. (...) sua maneira de reconquistar a independência era adquirir propriedade suficiente para comprar sua liberdade (como na tradicional história da libertação de Frederick Douglas). (SHUSTERMANN, p. 158, 1998)

Dessa forma, torna-se evidente que o hábito de ressaltar o sucesso por parte dos *rappers* está associado à independência inclusive das

atividades criminosas. Mais do que profissão, o *rap* possibilita poder, expressão artística e política. Isto faz crer que a ostentação de bens pelos integrantes do movimento *hip hop* pode ser classificada para além do que qualquer ato supérfluo de consumo.

Sem exaltar a aquisição desses bens, mas preocupado com orientações ao povo periférico, “Exilado Sim, Preso Não” não se trata apenas de um álbum puramente comercial. A partir das letras de “Fênix”<sup>22</sup> e “Me faça forte”<sup>23</sup>, por exemplo, são notórias as intenções do músico de reivindicar a situação do sistema penitenciário do Brasil, bem como a sócio econômica da população negra. Os versos “Bem ou mal, coisa e tal, sobrevivi/ Como Fênix renasci”, são provas de superação após Dexter conseguir passar pelo sistema penitenciário e inserir-se na sociedade novamente. Já em, “Me Faça Forte”, o músico evidencia mazelas do sistema penitenciário como, as drogas e a violência, presenciadas nos versos: “Quero poder vencer o que é difícil/E nem ser um escravo do vício” e “Quero ser rocha para suportar a dor/E assim como Ghandi difundir o amor”.

A partir dessas composições, nota-se proximidade no que diz respeito à identidade de jovens negros paulistanos que compartilham do hábito de ouvir rap, com a cultura negra norte americana. De acordo com Silva (2010), o fato pode ser explicado pela carência de espaço para debates em relação ao racismo, além de imagens não claras acerca da cultura negra na mídia local. Isto pode ser visto também no processo de formação escolar, quando há carência de divulgação de elementos da cultura negra expressivos na história do Brasil. Com a apropriação de elementos da cultura negra norte americana, os jovens passam a compartilhar do sentimento de pertencimento, assim como o encontro com as raízes, que sofrem com as tentativas de padronização. Silva (2010, p. 8) entende esses movimentos como “uma percepção e valorização da negritude que envolve muito mais coisas do que a questão estética”, vista por exemplo na utilização de cabelos nas formas naturais, intitulado no Brasil como cabelos *Black Power*, em alusão ao movimento norte americano.

---

<sup>22</sup> Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=QTNds4iJt4c>>. Acesso em: 2 de set. de 2016

<sup>23</sup> Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=scsubEF2DN8>>. Acesso em: 2 de set. de 2016.



Sendo assim, é possível concluir a partir dos conceitos de cultura, a representatividade que o rap pode exercer a partir do momento em que os ouvintes do gênero musical produzem significados ao escutarem as músicas. Quando compartilha-se as letras de rap, entende-se que, não necessariamente, deve-se recorrer ao crime para ter êxito na vida e que o dinheiro a qualquer custo pode sim ter um preço alto como foi mencionado. Na próxima etapa, será mencionado a inserção do rap nas penitenciárias, o que se associa com a produção do disco “Exilado Sim, Preso Não”, Dexter.

### **3.4 O rap de cárcere como ferramenta de sobrevivência nos presídios**

Tendo o sistema penitenciário como ambiente de produção do disco de Dexter, é importante verificar qual é a conexão do rap com esse sistema. O disco “Exilado Sim, Preso Não” levou cerca de dois meses para ser produzido, quando Dexter já não tinha autorizações para deixar o presídio para trabalhar, diferente de quando fazia parte do grupo 509-E.

os grupos saíam escoltados pela polícia para realizarem seus shows em diversas cidades do Brasil. Porém, após a participação polêmica do grupo 509-E numa discussão com o policial Conte Lopes num programa de televisão aberta, as saídas foram impedidas e ficando cada vez mais difíceis para eles e outros grupos. (MELLO, 2015, p. 57)

O episódio ocorreu durante o programa Altas Horas<sup>24</sup>, exibido pela Rede Globo de Televisão, quando Dexter e Afro X, do então 509-E participavam do debate com o policial Conte Lopes. Na ocasião, os rappers questionavam se existia diferença entre pessoas com pouco poder aquisitivo, que praticavam assaltos por questão de subsistência e àqueles que roubavam sem a utilização de armas, fazendo alusão aos políticos e

---

<sup>24</sup> Trecho do documentário “Entre a Luz e a Sombra” sobre a história do grupo 509-E que contempla a discussão entre Dexter e Afro X de um lado, contra o policial e ex comandante da Rota, Conte Lopes. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=Shuce9tbEzo>>. Acesso em: 5 de set. de 2016.

funcionários públicos. Segundo os músicos, seria a classe social da qual o policial faz parte.

O policial Conte Lopes é ex comandante da Rondas Ostensivas Tobias de Aguiar (ROTA), tropa de elite do Comando Geral da Polícia Militar do Estado de São Paulo e foi eleito vereador pela cidade de São Paulo. Lopes chefiou a corporação entre os anos de 1970 e 1980, quando a ROTA matou 41 pessoas<sup>25</sup>. Durante o debate, o policial afirmou que Dexter e Afro X não seriam “exemplo para ninguém”, duvidando da recuperação dos músicos durante o cumprimento da pena, além de dizer que a mudança de comportamento de ambos não deveria ser levada em consideração no processo de amadurecimento ou esclarecimento dos jovens.

Em um contexto de intolerância a quem por ventura se relaciona com a criminalidade, é válido lembrar de outro policial de São Paulo, o Coronel Telhada (comandante do então jovem Conte Lopes na Polícia Militar). Reafirmando a representatividade que a polícia pode ter com a sociedade, Telhada foi eleito o quinto vereador mais votado nas eleições de 2012 com o lema “bandido bom é bandido morto”<sup>26</sup>. Apesar da atribuição de 36 mortes ao policial durante os 30 anos de profissão, o mesmo garantiu que em todas as ocasiões os mortos eram “bandidos”. Dessa forma, a afirmação demonstra a existência de certa naturalidade em exterminar tais bandidos, na maioria das vezes, negros, pobres e moradores das regiões periféricas, o que também pode explicar o aumento das mortes por armas de fogo entre essas pessoas.

A partir do episódio, pode-se dizer que a relação entre agentes do poder e detentos não é das mais harmoniosas, podendo ser explicada pela falta de cidadania depositada na relação Estado-detentos pelo Sistema Penitenciário Brasileiro. O “massacre do Carandiru” pode ilustrar a tenuidade dessas relações:

Em 2 de outubro de 1992, a Polícia Militar foi de São Paulo invadiu o Pavilhão 9 da Casa de Detenção, durante uma

---

<sup>25</sup> Ex-policiais da Rota eleitos em SP somam 77 mortes. Disponível em: <<http://sao-paulo.estadao.com.br/noticias/geral,ex-policiais-da-rot-a-eleitos-em-sp-somam-77-mortes,942652>>. Acesso em: 28 de set. de 2016.

<sup>26</sup> Disponível em: <<http://www.bahianoticias.com.br/noticia/124207-com-lema-%E2%80%98bandido-bom-e-bandido-morto%E2%80%99-coronel-da-pm-e-o-5-mais-votado-em-sao-paulo.html>>. Acesso em 23 de nov. de 2016

rebelião. Para controlar os presos, a PM matou 111 presos. Os réus alegavam que os presos estavam armados. Eles foram condenados a penas que vão de 48 a 624 anos. (Brasil Post, 2016).

O episódio ganhou dimensão nacional à época. No entanto, no ano de 2016, o Tribunal de Justiça de São Paulo extinguiu o processo que condenava 74 policiais acusados pelas mortes dos detentos<sup>27</sup>. Com o argumento de legítima defesa e mesmo diante dados de que 90,4% das vítimas foram alvejadas no pescoço e na nuca, além de nenhum policial ter sido morto durante a operação, o processo foi anulado. Sendo assim, policiais acusados pela morte de 111 pessoas, das quais 89 ainda não haviam sido julgadas estão isentos de qualquer condenação.

A situação exposta esclarece as diferenças entre o tratamento dado pelas instituições do Estado aos menos favorecidos, por sua vez negros, pobres e habitantes das periferias; e ao tratamento dado aos que compõem o quadro de forças coercitivas dos governos. Thompson (2011, p. 261) discorre sobre o “esforço contínuo para proteger a integridade de tradições, e para reafirmar formas de identidade (...) pela exclusão daqueles que não fazem parte do grupo” Isto pode estar associado com o bloqueio de saídas do 509-E para a realização de shows. Segundo ele, esse tipo de ação, “quando apoiada pelos poderes político e coercitivo – pode se manifestar nas formas mais brutais de violência” (THOMPSON, 2011, p. 261).

Deve-se observar que de 2004 a 2014, o número de assassinatos subiu 49,9% entre os negros, enquanto entre os brancos esse número caiu 18,7%<sup>28</sup>. A partir da verificação desses dados, pode-se dizer que a lógica do encarceramento em massa dos menos favorecidos não surte efeito na diminuição da violência, nem da criminalidade. Sobre tal contexto autoritário, proveniente do aumento da violência no mundo contemporâneo, nota-se que políticas de repressão são mais aceitas por uma sociedade que enxerga nos criminosos a responsabilidade pela instabilidade global, o que intensifica a

---

<sup>27</sup> ‘Os PMs do Carandiru merecem repouso e meditação’, disse Temer na época do massacre. Disponível em: <[http://www.brasilpost.com.br/2016/09/27/carandiru-michel-temer\\_n\\_12224138.html](http://www.brasilpost.com.br/2016/09/27/carandiru-michel-temer_n_12224138.html)>. Acesso em: 28 de set. de 2016.

<sup>28</sup> Mapa da Violência – 2016. Disponível em: <[http://www.brasilpost.com.br/2016/02/23/mapa-da-violencia-2016\\_n\\_9297246.html](http://www.brasilpost.com.br/2016/02/23/mapa-da-violencia-2016_n_9297246.html)>. Acesso em: 28 de set. de 2016

degradação das prisões ao redor do mundo. O preconceito da sociedade para com as prisões ainda diminui as possibilidades de transformação dessa realidade, assim como colocam Barros e Jordão:

O fato de ser a prisão “o lugar do crime” faz com que o debate em torno das mudanças ou rupturas políticas com o seu modelo de gestão não seja atrativo à opinião pública, nem à sociedade civil organizada. O estigma da prisão afasta do seu debate quem pode contribuir para modificá-la. É necessário termos a compreensão de que o problema de gestão de uma unidade prisional é um problema político (...) como qualquer outro debate nacional. (Barros e Jordão, 2003, p. 5)

Com a insalubridade das prisões, os presos acabam por aprofundar o conhecimento acerca das práticas criminosas, quando deveriam ser apresentados a atividades que os auxiliassem na reinserção à sociedade. No Sistema Penitenciário Brasileiro, Barros e Jordão (2003, p.5) entendem que os detentos são submetidos a “tortura em muitas unidades prisionais, superpopulação carcerária, autoritarismo, ausência de projetos educativos e esportivos, e o desrespeito aos direitos humanos”. Sendo assim, o povo pobre brasileiro permanece imerso nos episódios de violência, o que leva a crer que a criminalidade se restringe apenas aos menos favorecidos.

Sobre tal imersão nos episódios de violência e a possível convivência para com as prisões, Mello (2015, p. 49) julga que frequentes contatos dos presidiários com o rap “os fazem se reconectar com o mundo exterior, buscando expurgar seus traumas e seus medos, e ao mesmo tempo recobrando certo controle sobre seus corpos e suas mentes”. É no contexto de enfrentamento da realidade do cárcere e reconexão com a vida pregressa é que mais uma vertente do gênero surge no Brasil: o rap de cárcere.

Dexter criou o 509-E e, em 2005, lançou o primeiro disco solo da carreira (“Exilado Sim, Preso Não”) na Penitenciária II de São Vicente, em São Paulo. Passar pelo sistema penitenciário e manter-se imune ao vício em drogas, por exemplo, tendo o rap como possibilidade, também foi relatado pelo músico:

(...) lá na cadeia o hip-hop salvou minha vida mesmo. Mantive minha cabeça ocupada na música, não tinha de me preocupar com outros caminhos ou propostas que acabaram levando vários outros indivíduos à morte. O ciclo da droga lá dentro é foda, você se torna um mentiroso, e o traficante jamais vai deixar o cara mentir e ficar por isso mesmo, você vai ser penalizado por isso. Enfim, as regras da prisão. Fugi de tudo isso com a música (...). (Revista Fórum, 2013).

Assim, percebe-se a relação do rap como possível forma de recuperação dos indivíduos encarcerados, já que cumprem pena em um sistema penitenciário com pouca capacidade de ressocialização. Tais fatos sugerem uma reflexão sobre a vida pregressa dos encarcerados como se observa nas palavras de Dexter:

Não existe política de reinserção ou de reeducação no sistema carcerário, sabe por quê? Como você vai reeducar quem nunca foi educado? Como vai reinserir quem nunca foi inserido? Nós vivemos à margem da sociedade. (Revista Fórum, 2013).

Pensando no momento que sucede o cumprimento da pena, os ex detentos enfrentam preconceito contra quem esteve ou cumpre pena no cárcere. A situação é observada no requerimento da documentação acerca dos antecedentes criminais nas entrevistas de emprego, conhecida como “Certidão Nada Consta”. Apesar de existirem leis que obrigam ou estimulam empresas contratadas pelo poder público a incluírem no quadro de funcionários, 2% a 10% de ex presidiários, ainda existem barreiras na reinserção no mercado de trabalho. Pode-se dizer que os empregadores optam pela contratação de indivíduos que não têm antecedentes criminais<sup>29</sup>, o que pode ser relacionado com o preconceito reproduzido na sociedade brasileira contra quem já passou pelo cárcere.

Barros e Jordão (2003) indicam o desejo de que prisões se façam de ambientes de punição e vigia dos criminosos, sem clamar pela humanização e possível reinserção dos mesmos à sociedade, ignorando inclusive a

---

<sup>29</sup>Disponível em: <<http://g1.globo.com/concursos-e-emprego/noticia/2010/12/apesar-de-leis-ex-presos-enfrentam-resistencia-no-mercado-de-trabalho.html>>. Acesso em: 26 de set. de 2016.

superpopulação e mazelas carcerárias. Nesse cenário, surgem pessoas que defendem a “desumanização” dos ambientes carcerários, tornando-se influenciadores de uma sociedade que enxerga os indivíduos marginalizados como culpados pelo crescente aumento da criminalidade. Sendo assim, é possível relacionar a relação que as penitenciárias podem ter com o *rap*:

A relação do rap com o universo prisional é de intimidade e reciprocidade. Por ser uma música surgida entre a população pobre, o rap tem, na grande massa carcerária brasileira, composta majoritariamente de negros e pobres, um público fiel e rapper em potencial. O movimento é de mão dupla: o rap tematiza o mundo da cadeia, ponto final daqueles que se envolvem com o crime e com a violência – ameaça vivida de forma próxima e intensa por grande parte dos moradores da periferia –, e as prisões produzem rap. (ZENI, 2004, p. 233).

É a partir do processo combate à naturalização das mortes do povo pobre, negro e periférico que o rap assume seu lugar de fala. Na estrutura do gênero, está o papel político, além da denúncia sobre os crimes cometidos contra indivíduos mais vulneráveis às mazelas sociais. Nota-se que o rap direciona o seu discurso aos sobreviventes da miséria, da fome, do crime, e da violência policial. Diante dessas aspirações, o rap delinea uma estética de sobrevivência, “a qual pode remeter a um ato de ‘viver além das expectativas’, um excesso, o que se encontra diretamente relacionado ao papel que o tempo presente tem na vida dos sujeitos excluídos”. (MELLO, 2015, p. 127).

É importante atentar-se ao fato de que, no cárcere, a atuação do rapper ser mais introspectiva, tendo as letras direcionadas à luta contra e com a própria mente, o corpo e conflitos existentes dentro das penitenciárias. Porém, o fato não exclui a possibilidade de também estar em questão a conexão com o mundo externo à prisão, quando verifica-se a existência de consciência dos músicos:

A crítica prevalece, mostrando que esses sujeitos têm consciência ativa, possuem conhecimento de suas causas, apontam um olhar aguçado para todo o sistema judiciário e prisional colocando em foco a enorme diferença entre o

munho do lado de cá das muralhas e o lado de dentro delas, o verdadeiro 'inferno'. (MELLO, 2015, p. 128)

Assim, pode-se dizer que o rap de cárcere é apto a cumprir, também, o papel da educação que, por lei, é atribuição do Estado. A disseminação da informação sobre a real situação que é imposta aos que se mantêm às margens da sociedade. Ao trazer à pesquisa os elementos da transição entre minoridade e maioria realizada pelos homens sendo libertados de suas tutelas, Kant (1783, p.2) esclarece que “após terem eles mesmos rejeitado o jugo da minoridade, difundirão o espírito de uma apreciação razoável de seu próprio valor e a vocação de cada homem de pensar por si mesmo”. É assim que o rap de cárcere pode exercer o papel transformador, ao ser um indutor no processo de expansão de consciência daqueles que permanecem com a liberdade limitada.

Frequentemente, esses indivíduos são fadados a morte. Sob discursos de “bandido bom é bandido morto”, a consciência despertada pelas músicas pode fazê-los buscar caminhos alternativos ao crime, bem como resistir à opressão. Entende-se que a libertação dos seres não se dá ao classificá-los como “vazios” de si próprio, mas com a consciência criada a partir do que se observa, são eles sim “corpos conscientes e na consciência direcionada ao mundo. Não pode ser a do depósito de conteúdos, mas a da problematização dos homens em suas relações com o mundo”. (FREIRE, 2005, p. 77).

Sendo assim, é possível concluir a partir dos conceitos de cultura, a representatividade que o rap pode exercer a partir do momento em expressa as questões propostas pelos rappers. Após, o embasamento sobre os Estudos Culturais, o lugar de fala do povo negro e a relação do rap com as unidades prisionais, no próximo passo, será definida a metodologia a ser adotada com a finalidade de investigação aos processos de produção e divulgação do disco “Exilado Sim, Preso Não”, de Dexter.

#### 4. Metodologia

Em relação à metodologia adotada nesta pesquisa, é possível afirmar que a mesma foi dividida em três vertentes. Utilizou-se da revisão bibliográfica, que segundo Duarte (2012, p. 52) “é uma atividade que acompanha o investigador, o docente e o aluno e, ao mesmo tempo, orienta os passos que devem seguir”, o que em síntese, pode ser classificado como verificação da literatura existente acerca do objeto de estudo.

Outro para a pesquisa é a análise documental, para Duarte (2012, p. 272), “recurso que complementa outras formas de obtenção de dados, como a entrevista e o questionário”. De acordo com este conceito, também serão entrevistadas pessoas que estiveram presentes no convívio com o músico Dexter e/ou aturam de forma direta e/ou indireta durante o processo de produção e divulgação do disco “Exilado Sim, Preso Não”, de sua autoria.

O conteúdo obtido durante a realização desses diálogos será observado para, posteriormente, analisá-los e relacioná-los com aspectos referentes à Comunicação Organizacional, que segundo Wels (2005, p. 74), divide-se em dois pilares:

(...) um diz respeito à comunicação interna, em que estão envolvidas todas as pessoas que fazem parte da hierarquia e do quadro funcional da organização. O outro se refere às relações externas da organização, em que o corpo organizacional é representativo na interação e interlocução com o meio ambiente. (WELS, 2005)

A partir destes dois ambientes onde a comunicação se aplica (produção e divulgação), os diálogos possibilitarão o entendimento de como o disco “Exilado Sim, Preso Não” utilizou-se de processos de comunicação para que se alcançasse os objetivos, tanto relacionados à produção do disco no sistema prisional, quanto a posterior divulgação. Vale lembrar que o músico, responsável pelas articulações que sustentaram esses processos, também estava privado de liberdade no segundo momento, o que pode ter interferido na divulgação.



Assim, quando se observa a comunicação fora dos ambientes hegemônicos, é necessário atentar-se que essa análise não deve contemplar apenas as técnicas utilizadas. Sobre a Comunicação Organizacional, Wels (2005, p.74), exclui a análise única das “formas ou instrumentos utilizados para que essa comunicação se estabeleça (...) é necessário ver o percurso da mensagem através de uma rede organizacional”. Ou seja, os indivíduos que estiveram envolvidos no processo de produção e divulgação também são fundamentais para se entender a recepção e assimilação de informações a respeito do fato.

Finalmente, foram realizadas entrevistas com Claudio Aparecido da Silva, responsável por articular questões legais enquanto Dexter cumpria a pena; Dario Nunes Silva, responsável pela gravadora Porte Illegal, que distribuiu o disco “Exilado Sim, Preso Não”; e Marcos Fernandes de Omena, conhecido como Dexter e autor do disco em questão.

Durante a investigação do objeto, deparou-se com a falta de informações a respeito dos processos de produção e divulgação do disco “Exilado Sim, Preso Não”, considerando que o disco foi concebido enquanto Dexter cumpria pena no sistema prisional. Por isso, o diálogo foi estabelecido a partir de entrevistas abertas, tendo como ponto de partida um tema ou questão ampla. Duarte (2012, p. 65), sugere aprofundamentos nas questões durante a entrevista, “de acordo com aspectos significativos identificados pelo entrevistador enquanto o entrevistado define a resposta segundo seus próprios termos”. Isto a partir do surgimento de informações comuns ao entrevistador, que para utilizá-las em favor dos objetivos da pesquisa, pode utilizar de seu “conhecimento, percepção, linguagem, realidade, experiência” (DUARTE, 2012, p. 65).

Posterior às entrevistas, a intenção é que seja produzida uma narrativa com base na história de vida dos entrevistados, onde sejam relacionados aspectos da Comunicação Organizacional, bem como do mercado fonográfico. O texto a ser escrito terá função de esclarecer os processos de produção e divulgação do disco “Exilado Sim, Preso Não”, de Dexter, a partir daquilo que Benjamin (1994, p. 203) reflete sobre o desaparecimento das narrativas:

Cada manhã recebemos notícias de quase o mundo todo. E, no entanto, somos pobres de histórias surpreendentes. A razão é que os fatos já nos chegam acompanhados de explicações. Em outras palavras: quase nada está a serviço da narrativa, e quase tudo está a serviço da informação (...) O extraordinário e o miraculoso são narrados com a maior exatidão, mas o contexto psicológico da ação não é imposto ao leitor. Ele é livre para interpretar a história como quiser, e com isso o episódio narrado atinge uma amplitude que não existe na informação. (BENJAMIN, 1994)

Nessa perspectiva, optou-se por contextualizar aspectos sobre mercado fonográfico e gestão musical na análise das entrevistas, realizada em forma de narrativas. A análise de Benjamin pode ter relação com o que Duarte (2012, p. 65) entende pela “capacidade de aprofundar as questões a partir das respostas” acerca das entrevistas abertas. Segundo ele, tal habilidade “torna este tipo de entrevista muito rico em descobertas. Uma das dificuldades é que o pesquisador deve ter afiada a capacidade de manter o foco e garantir a fluência e a naturalidade” (DUARTE, 2012, p. 65).

Os diálogos terão a função de lembrar fatos sobre o disco para que se produza uma narração rica em conteúdo para interpretação do leitor. Será a partir da junção das duas possibilidades que o trabalho se desenvolverá. Portanto, uma análise fiel sobre o conteúdo obtido a partir das entrevistas, é fundamental para se chegar a resultados relevantes sobre os processos de produção e divulgação do disco “Exilado Sim, Preso Não”, de Dexter.

## 5. Do Calux até o exílio – narrativa com base nos depoimentos coletados sobre o disco “Exilado Sim, Preso Não”

Compreender a história do músico Marcos Fernandes de Omena, conhecido como Dexter, é algo intrigante. O fato poderia ser compartilhado nas escolas, universidades e rodas de conversa. Isto, não apenas por tratar-se de um *rapper*, que canta músicas do gênero mais escutado no mundo, segundo o “mapa mundi musical”, produzido pelo *Spotify* e publicado pela *Billboard*<sup>30</sup>. A história de Dexter diz respeito à desigualdade racial, social e econômica do Brasil, tão presente nos anos 2000 quanto no período colonial, quando os negros eram tidos como propriedade. Além disso, explicitar a vida do músico, também transparece o papel pedagógico que o rap pode ter a partir das letras, que contam histórias pouco contadas nesses ambientes citados.

Um homem negro, filho adotivo, encarcerado por treze anos, morador da periferia de São Bernardo do Campo, no bairro Jardim Calux <sup>31</sup>, naturalmente marginalizado por uma sociedade a qual indivíduos que a concebem negam a existência do racismo. Essas informações, quando atribuídas a alguém, já são capazes de reduzir as chances de uma vida digna, aquela idealizada pelas novelas, pelas igrejas e pelas famílias tradicionais. Esses indivíduos, também podem ter o primeiro “encontro” com o Estado após uma detenção, realidade próxima aos que vivem nas periferias, assim como a do bairro do Calux. No entanto, a história de Dexter se diferencia pelo que se conhece por superação. Uma condenação inicial de cinquenta e dois anos pelo cometimento de sete assaltos a mão armada e a acusação sobre um homicídio, foi o que mudou os rumos da vida do músico, apesar de não ter conhecido o *hip hop* após esses fatos. Na verdade, o movimento foi um dos fatores que o colocou nesta realidade. Para Dexter, a motivação foi o amor. Amor ao *hip hop*.

---

<sup>30</sup> Disponível em: <<http://www.billboard.com.br/noticias/rap-e-o-genero-mais-ouvido-do-mundo-segundo-spotify/>>. Acesso em: 30 de out. de 2016.

<sup>31</sup> Em 1991 o bairro do Jardim Calux não possuía asfalto, nem esgoto encanado, além de ser um lugar muito violento. Disponível em: <<http://mundodaeducacaoinclusiva.blogspot.com.br/2011/11/memorias-bairro-jardim-calux-sbc.html>>. Acesso em: 24 de nov. de 2016.

Recorrer ao crime para bancar a produção de um disco poderia reforçar estereótipo depositado sobre os *rappers*, que produziam músicas de protesto. Talvez, o discurso de que: “rap é coisa de bandido”, fosse mais comum antes da popularização do gênero nos anos 2000 e, conseqüentemente, após adesão de parcela expressiva das elites ao gênero.

Dexter iniciou as composições em 1990. Em 1993, criou o grupo *Snake Boys*, que posteriormente virou “Tribunal Popular”, por entender que o nome deveria ter identidade brasileira. A primeira música, lançada também no ano de 1993, cujo nome é *Animais Irracionais*<sup>32</sup>, já fazia críticas negativas ao *modus operandi* da polícia brasileira para com o povo periférico, ao relatar a execução de presos na Casa de Detenção de São Paulo (Carandiru), em 1992.

A lucidez de Dexter, após 18 anos da primeira prisão, ilustra o que pode passar na cabeça de um jovem morador de periferia, que não se contenta com a vida praticamente imposta aos mais pobres e, ao procurar outras possibilidades, pode ter o crime como uma possível fuga da “engrenagem do sistema”, assim como afirmou em entrevista. O fato é que o músico foi convidado a gravar o primeiro disco solo da carreira a convite de uma gravadora, em 1997. Porém, um dos sócios da empresa acabou sendo lesado financeiramente e, assim, a produção do disco foi interrompida. Naquele momento, Dexter já tinha a confirmação de que Mano Brown e Edi Rock, ambos integrantes do Racionais Mc's e suas maiores referências, produziram o disco. Para Dexter, a notícia foi inaceitável e, ao ser perguntado sobre qual decisão tomar, refletiu sobre seguir ou não o caminho imposto aos mais pobres:

Nós da periferia sempre tivemos... sempre temos a disposição, tá ligado? De fazer tudo que for necessário para ficar bem. Obviamente que tem dois lados, né? A gente pode... a gente pode, não... a maioria trabalha, carteira assinada e tudo mais e (...) engorda essa estatística né, cara? De trabalhador padrão que o sistema escraviza. Ou você também já tem uma certa revolta com as coisas e você vai tentar buscar da melhor maneira possível.

---

<sup>32</sup> Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=y6dDWQpo9UE>>. Acesso em: 30 de out. de 2016.

É desse círculo vicioso, onde os mais pobres são forçados a permanecer, que Dexter sempre quis desvencilhar-se. A seguir, o músico explica o modo de vida que está incumbido à população periférica, referindo-se à rotina diária dos trabalhadores brasileiros:

ele sai cinco horas da manhã, quatro horas da manhã de casa e só volta a noite. Não tem nem tempo de ver os filhos crescerem, de dar uma educação um pouco mais refinada vamos dizer assim... ele não tem condições para isso. É um sistema escravagista, né meu?

Também se observa a influência da religião como mais um aspecto indutor desta realidade. A partir de estudo realizado em São Bernardo do Campo, pode-se dizer que o amparo na religião reflete em vantagens quando se trata das relações sociais. Rivera (2010, p. 73) chama atenção para dois fatos: “a pertença religiosa de fato ameniza a exclusão do mercado de trabalho. O outro é de que especialmente os grupos pentecostais têm importante capacidade de inclusão social”. Isso pode ser concebido como argumento válido, quando se observa certa obrigatoriedade imposta pelos familiares dos jovens para que sigam alguma religião. Além disso, a falta de escolaridade também produz encantamento com o mundo, reforçado pelos dogmas e doutrinas religiosos.

As dificuldades enfrentadas pelos mais pobres quando o assunto é acesso ao trabalho, pode resultar em amparo nas religiões. O fato também associa-se com a educação dada a Dexter, que na sua formação, não se identificava com o modo de vida da maioria daqueles que se encontravam ao seu redor. Isto também corroborou para que o músico tivesse dificuldades no relacionamento com a mãe, o que o levou a morar com a irmã e, depois, com o pai biológico. O músico não conseguia entender o porquê daquela “prisão”, a qual mãe tentava o manter:

Eu tinha uma certa neurose, da minha mãe e com a minha mãe, por quê? Porque ela queria me prender. Então o nosso relacionamento era muito pautado nisso, mas tempos depois eu fui entender a minha mãe. A única coisa que ela queria

era que eu crescesse sendo uma pessoa honesta, trabalhadora e tal... ela queria que eu fosse crente... essa coisa toda... enfim, geralmente é assim na periferia.

Diante deste trecho, nota-se que seria a última opção seguir o mesmo caminho daqueles que o rodeavam. Talvez por isso recorreu ao crime. O operário padrão estava longe dos planos de Dexter, que após a primeira detenção em 1998, seguida de uma desilusão com a música, chegou a acreditar que seria reconhecido, mas desta vez, entre os criminosos.

O músico, que, inicialmente, permaneceu no cárcere por seis meses, livrou-se das grades após uma rebelião, quando ficou na rua quatro dias e cometeu mais cinco assaltos a mão armada. Voltou ao cárcere e cumpriu o resto da pena. O amigo Claudio Aparecido tenta esclarecer o que pode acontecer quando um reeducando se recusa a aderir a uma fuga, visto que Dexter estava cumprindo pena em regime semi aberto após a primeira detenção:

quando tem rebelião, quem não se rebela está no time contra, irmão. Entendeu? A regra é simples. Não tem esse negócio de “ah tem rebelião, eu vou ficar quietinho porque eu só tenho mais seis meses para tirar e daqui a pouco eu estou na rua”. Não, filho. Está todo mundo junto. Se não se rebelar está... é adversário entendeu?

A fuga de Dexter pode ser interpretada como uma resistência às condições do sistema penitenciário impostas ao músico e, apesar das inúmeras tentativas de a mãe bloquear os passeios do filho, o espírito livre de Dexter e a afinidade com a música passaram a fazer mais sentido para garoto:

a única coisa que eu queria era sair para dançar, meu. E a minha mãe não deixava. Eu achava isso um absurdo. Eu só queria ter a saidinha no Calux para dançar... e fui algumas vezes, por quê? Porque burlei a vigilância... fui teimoso, fui... os caras da quebrada me levavam. Mas eu gostava daquilo... da música. Entendeu?

Certamente não faltariam histórias sobre os vários presídios por onde Dexter passou durante os treze anos de reclusão, mas foi no Carandiru onde os sonhos com o universo do rap começaram a tomar forma. No entanto, vale lembrar que o rap não foi descoberto por ele nas prisões.

Na Casa de Detenção, fundou o 509-E, juntamente com o companheiro de cela Afro X. O grupo ganhou projeção nacional e os músicos obtiveram autorizações para deixarem o presídio 157 vezes ao longo de sete meses. No entanto, após ida ao programa Altas Horas, exibido pela Rede Globo de Televisão comandado por Sergio Groisman e discussão com o então Deputado Conte Lopes, as saídas do grupo passaram a ser bloqueadas a pedido do próprio deputado. Pouco tempo depois, mas já com as saídas bloqueadas, o Carandiru sediou o que ficou conhecida como primeira megarrebelião<sup>33</sup>, promovida pelo Primeiro Comando da Capital (PCC) e com objetivo de protestar contra a transferência de alguns líderes do Partido para presídios do interior do estado de São Paulo. Na ocasião, Dexter diz ter sido marcado pelas autoridades após o debate, coisa que segundo ele, não aconteceu com Afro X:

os caras do Choque me deram uma escudada aqui no supercílio aqui e cortou e tal. E eles falaram que era um recado do Conte Lopes para mim. Eu fiquei de joelhos. Eu descii do quinto andar até o primeiro andar de joelhos, com um cachorro aqui... um pastor alemão aqui latindo do meu lado e... e com a outra parte do 509-E não aconteceu isso. Saiu andando e tal... algemado e tudo, mas andando. E eu fui posto em um bonde para o Anexo. Para Bernardinho ou Venceslau, alguma coisa assim

Como retaliação, o músico sofreu agressões e seria transferido para um presídio no interior do Estado, o que é desgastante para os detentos. Isso ocorre pelo transtorno de deslocamento, por atrapalhar as ações dos advogados de defesa e por dificultar qualquer visita dos familiares. Claudio Aparecido, que auxiliava nas questões burocráticas referentes ao período em

---

<sup>33</sup> Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u121461.shtml>>. Acesso em: 27 de out. de 2016.

Dexter ficou preso e acompanhava todas as transferências de penitenciárias, explica por que os trânsitos surtiam efeito negativo entre os reeducandos:

Às vezes tá indo pra uma cadeia no "fim do mundo", o carro passa em vários lugares para depois poder chegar lá. Então às vezes não chega no dia e para num lugar e fica na triagem e as condições são totalmente... são piores (...) Ele sumia por algum tempo até surgir de novo. Até eles chegarem em um local e conseguir se instalar e refazer os contatos... se reconectar (...) Eu lembro bem de uma vez que ele ficou em trânsito em Pinheiros. Acho que foi quando ele saiu de São Vicente e subiu... aí ia pra Bernardes. Aí ele ficou parado em Pinheiros, tipo quatro dias. O bonde veio, deixou ele em Pinheiros e depois sumiu e só voltou depois de quatro dias.

As transferências também podem ser relacionadas com a ideia de transformação do funcionamento das prisões ao longo da história da humanidade. Foucault (2004, p. 105) exhibe a singularização das penas, que passam a variar na "sua duração, sua natureza, sua intensidade, na maneira como se desenrola, o castigo deve ser ajustado ao caráter individual, e ao que este comporta de perigo para os outros". Assim, pode-se dizer que a conduta de Dexter durante o debate com o policial Conte Lopes foi o que motivou um tratamento mais ríspido por parte das autoridades no momento da rebelião.

Afro X foi libertado em 2002, pouco tempo depois do lançamento do segundo disco do 509-E, o MMII DC (2002 Depois de Cristo)<sup>34</sup>. Dexter afirma que o disco já mostrava certa divisão de ideias entre os músicos. Esse embate entre os parceiros devia-se, na visão de Dexter, ao caminho que se deve buscar a partir do rap: sempre a revolução. Para ele, Afro X teria se deslumbrado ao ser libertado. Primeiro, por acreditar que não teria feito o suficiente para tirá-lo (Dexter) da condição de detento, com uma pena de 42 anos a cumprir; segundo, por após casar-se a cantora Simonny (ex integrante do Balão Mágico), passar a frequentar um mundo diferente do que as músicas produzidas por ambos enquanto 509-E idealizavam.

---

<sup>34</sup> Disponível em: <[https://www.youtube.com/results?search\\_query=509-E](https://www.youtube.com/results?search_query=509-E)>. Acesso em: 15 de nov. de 2016.



Após ter ganhado projeção nacional, o 509-E tem fim às atividades no ano de 2003, mas Dexter permanece envolvido no rap, amparado por nomes consagrados do movimento, como, Mano Brown, Edi Rock, Dexter, Mv Bill, GOG, Realidade Cruel, entre outros.

O 509-E acaba, mas a essência permanece viva. A essência do verdadeiro rap... a essência refinada, morô meu? A ideologia, a filosofia. Ela continua viva. Inclusive eu já declarei que a essência do 509-E ela continua viva ainda porque eu fui um dos fundadores, morô? E diga-se de passagem, o mais interessado em fazer a revolução, e não em ibope. E não ibope. O ibope é consequência, o sucesso é consequência... o dinheiro é consequência.

Seguindo o raciocínio de Dexter sobre fazer a revolução de fato, a partir daquilo que o mesmo entende por rap, é que se concebe o disco “Exilado Sim, Preso Não”. É válido lembrar que o músico iniciou as composições para a obra ainda no presídio de Presidente Bernardes, um dos dezessete pelos quais passou. Não existiria lugar mais representativo onde o conceito de revolução se adequaria mais à necessidade de superação, de sobrevivência. Para chegar ao presídio, saindo da cidade de São Paulo, são necessárias oito horas em automóvel. Seria o último destino dos reeducandos após passarem por outros presídios no Estado de São Paulo. As celas individuais, os curtos banhos de sol e a distância podem ser consideradas as maiores dificuldades para quem passa por lá. Responsável por tirar Dexter de Bernardes, ao ser perguntado, o amigo Claudio relembra o tortuoso período de estadia do músico na penitenciária:

É, Bernardes tem Bernardes 1 e 2. Bernardes 1 é o regime fechado e Bernardes 2 é o RDD, que é o regime disciplinar diferenciado, que é o castigo né. Ele ficou em Bernardes 1... mesmo é... qualquer preso que vai para Bernardes, Bernardes tem fama de ser quartel general do PCC. Então qualquer preso que vai pra lá, para sair de Bernardes... para sair de Bernardes tem dificuldades depois porque é... os diretores das outras penitenciárias não aceitam porque lá tem essa fama de ser quartel do PCC. Então, para ele sair lá de Bernardes foi uma dificuldade imensa.

Após uma articulação política liderada pelo amigo Claudio, Dexter conseguiu deixar Bernardes e ser transferido para a Penitenciária de São Vicente, onde já existia uma estrutura a qual poderia ser aproveitada para a produção do disco. A penitenciária dispunha de uma estrutura de rádio, além de uma biblioteca desativada. Isto porque a direção da penitenciária via na cultura uma possível estratégia de ressocialização dos detentos. Naquele momento iniciava-se, de fato, a produção do disco “Exilado, Sim, Preso Não”.

### 5.1 O movimento Hip Hop e a reputação de Dexter

Pensar a construção da reputação de Dexter é retornar aos anos de 1990, ainda quando o músico iniciou a trajetória musical com o Tribunal Popular. Quase dez anos depois e movido pelo mesmo ideal, o músico é detido. Ocorre que este processo culminaria na formação de um grupo “revelação” do rap nacional e que alcançou a marca de 500 mil cópias vendidas<sup>35</sup>. A dupla do Jardim Calux, composta por Dexter e Afro X também foi assunto para a revista estadunidense, especializada em rap, cultura e política: *The Source*<sup>36</sup>. A mídia é a revista mais antiga e que mais durou no universo do rap, por existir desde 1988. Claudio Aparecido relembra o sucesso do grupo, além de atribuir as composições que foram mais ouvidas ao próprio Dexter.

O 509-E era uma novidade né... você pegar dois caras presos e do nada, os caras surgem em uma gravadora (...) As músicas que estouraram do 509-E, que venderam disco, eram músicas do Dexter. Saudades Mil, Oitavo Anjo.

Dessa forma, pode-se concluir que o sucesso da carreira solo do músico também está relacionado com o que foi construído durante a carreira do 509-E. O amigo Dario Nunes, ao ser perguntado sobre uma possível

---

<sup>35</sup>Disponível em: <<http://meiaguarda.com.br/rapper-dexter-e-atracao-confirmada-para-o-1o-round-combat-em-natal/>>. Acesso em: 15 de nov. de 2016.

<sup>36</sup>Disponível em: <<http://thesource.com/>>. Acesso em 15 de nov. de 2016.

comparação entre o primeiro momento e a carreira solo de Dexter, foi categórico ao ressaltar a importância do 509-E. Dario foi o responsável pela distribuição e divulgação do disco, além de ter auxiliado na produção do mesmo. Segundo ele, o período em que Dexter esteve com Afro X foi fundamental para a recepção do disco “Exilado Sim, Preso Não”:

(...) Assim, o 509-E foi quando ele se fez né? (...) O negócio é surgir pela primeira vez. O Dexter já era o vocalista do 509-E. Então era um negócio mais fácil de conseguir também.

Após o fim do grupo, Dexter produz o “Exilado Sim, Preso Não” e consegue reunir três dos grandes nomes do rap nacional em uma só obra, são eles: Mano Brown, GOG e Mv Bill. Como o músico contou em entrevista, o próprio feito já falaria por si só, pois até o momento, não havia sido realizado por outro rapper. É importante frisar que além da relação de Dexter com o público consumidor de sua obra, ele também via necessidade em dialogar com os próprios rappers mesmo estando privado de liberdade. Isto se associa como reputação sendo o que “consumidores, empregados, gestores, fornecedores, credores, mídia e a comunidade acreditam que a organização sustenta e as relações que isso gera” CHUN apud ARTONI e DARÉ (p. 38, 2005, 2008).

A inclusão de públicos além de os consumidores finais (fãs) se associa à capacidade de organização do músico. Dexter se preocupava em dialogar também com o público que auxiliava na difusão do seu trabalho, incluídos também na categoria de grupos de interesse, como explica Dario:

Ele é articulado, articulava. Ele corria. Então é um artista diferente. Era meio empreendedor também, como falei no começo né? O Claudinho pode falar, mas se fosse preciso me ligava 2h, 3h da manhã.

Mesmo com a condição de reeducando, Dexter julga que conseguiu fazer o “impossível” pelo rap e, acima de tudo, pela música. E o seu pensamento, ao ser reunido com os depoimentos de quem estava próximo do músico no momento da produção do disco objeto desta pesquisa,

reflete em um processo sólido na construção de reputação. Isto quando novamente se observa a quantidade de exemplares do “Exilado Sim, Preso Não” vendidos apenas no primeiro dia de distribuição: cerca de 3 mil cópias. Ao fim da primeira semana, as vendas já ultrapassavam 6 mil cópias. No entanto, o músico faz questão de enfatizar a presença de outros músicos e outros gêneros musicais na composição dos seus trabalhos:

minha história dentro da música é vitoriosa. Já gravei com o Mano Brown, já gravei com o Edi Rock, morô meu? Já gravei com o Péricles, já gravei com o Gilson, já gravei com o Guilherme Arantes, já gravei com Seu Jorge... então, assim, são ícones da música... já gravei com Thaíde, já gravei com Paula Lima... são grandes compositores, cantores e cantoras da nossa música e que são referências para mim, morô meu?

Pelo fato de o músico reforçar a presença dos parceiros de profissão nas produções musicais, a formação de redes durante o processo de produção do disco “Exilado Sim, Preso Não” será o tema a ser abordado na próxima etapa da pesquisa.

## **5.2 “Exilado Sim, Preso Não” na perspectiva de redes**

Pensar na situação em que Dexter se encontrava após o fim do 509-E é algo importante e que evidencia a presença de pessoas consagradas do rap nacional a sua volta. A partir do fim do 509-E e a não comutação de pena pelos crimes que cometeu, a situação do músico pôde ter sido interpretada como delicada por aqueles que o acompanhavam ao longo da carreira. Para Claudio Aparecido, uma espécie de piora nas condições do músico surtiram efeito positivo na formação da rede em volta dele:

Então eu acho que quando há o rompimento do 509-E, toda a galera que sempre quis bem ele (...) que sempre ajudou ele quando ele estava preso (...) fica afim de colaborar para que ele não se perca nesse caminho, né? “Ah, rompeu aí cai no ostracismo né?”. Essa galera fica mais ativa, mais ligada para poder fortalecer ele, para poder ajudar ele a voltar... a se manter ali na ativa.

Sendo assim, pode-se associar aquilo que Dexter vivenciava no momento como o conceito de redes de comunicação a partir de uma estrutura organizacional, que embora desempenhem papéis funcionais, carregam, cada uma, seu próprio universo cognitivo. Trata-se de bagagem cultural e pessoal que se incorpora à organização”. WELS (2005, p. 82).

Dexter também reafirma a aglomeração de pessoas no processo de produção do disco “Exilado Sim, Preso Não” e diz não ter sofrido qualquer resistência por parte daqueles que eram convidados por ele. No entanto, o músico não deixou de recompensar quem havia participado dos momentos de glória do 509-E:

os caras que me socorreram no pior momento, quando eu mais estava precisando, nós temos amizade até hoje e graças a Deus, através do disco um mora até em Portugal. O Exilado Sim chegou em Portugal para uma juventude lá e tal... os caras levaram ele para ele produzir o disco deles lá. E o cara acabou ficando lá. É o Dj Dico, ficou por lá, meu. Eu lembrei pô. Estava na favela aí olha... esquecido aí, tá ligado? Aí eu lembrei, falei: “Não pô. É o Dico. Dicô, pá, pá, pa... [chamando]”. Aceitou ele, o Função. Aceitaram a fazer o disco comigo e levar meu, toda a aparelhagem... nós tínhamos um mês, mano.

A forma de atuação de Dexter para com os seus pares de produção, além do efeito positivo para a gestão do disco também foram relatados por Claudio Aparecido. O companheiro do músico classificou a rede como contundente, forte, com grande representatividade no cenário do rap nacional:

A rede do Dexter era: Brown, Edi Rock, GOG, Rappin Hood, MV Bill, Di Função, Realidade Cruel... quando a esposa do Dexter ia visitar ele em Hortolândia, quem buscava ele na rodoviária era a mulher do Douglas do Realidade Cruel, junto com o Douglas. Ela ficava hospedada na casa do Douglas e de manhã quem levava ela para o presídio era o Douglas e a mulher dele. Essa galera toda fechou. Todo mundo ajudou. Dexter teve muita colaboração assim. O forte da luta é dele mesmo, né?

Assim destaca-se também o papel de Dexter como figura central deste processo. Como Wels (2005, p. 75) afirma sobre as redes, é que o “princípio e o fim da comunicação estão no indivíduo, e isso acarreta todas as diferenças, afinidades e idiossincrasias que interferem no processo”. Por isso a importância de se ressaltar a capacidade de articulação do músico, que tinha efeito nas ações de divulgação do disco, tema a ser relatado na próxima etapa.

### **5.3 Ações de divulgação pela comunicação informal**

Após a produção do disco, realizada na penitenciária de São Vicente com duração de um mês, além da finalização no estúdio YB na Vila Madalena, chega o momento de distribuir o disco no mercado, o que também pode ser considerado como uma ação de divulgação. É válido lembrar que o disco de Dexter não dispunha de um montante de recursos para a produção e divulgação como acontece comumente na indústria fonográfica do *mainstream*. Existia apenas um capital inicial para fazê-lo. É o que Dario Nunes explica a partir da capacidade empreendedora de Dexter:

Não foi um dinheiro que colocou pra fazer. Ele foi sendo conquistado igual “formiguinha”. Era mais na vendagem dos CD’s mesmo. Aí vai, vendia R\$ 8 mil e uns R\$ 5 mil já ia pra divulgação.

Nota-se que reinvestir o que se ganhava com a venda dos discos era tido como prioridade pela equipe envolvida nesse processo. Dario também relembra que Dexter se utilizava de uma comunicação informal para poder trabalhar, fora daquilo que se classifica como legal nas penitenciárias. Para Kunsch (2003, p. 105) os diálogos informais nutrem-se de “informações confiáveis e seguras e, muitas vezes os canais formais não proporcionam informações suficientes e claras para satisfazer suas curiosidades e dúvidas”. Dessa forma, pensar no contato com os colaboradores de Dexter a partir de cartas ou curtas ligações cedidas pelas penitenciárias, inviabilizaria uma comunicação eficaz com os seus pares. Como se observa no relato de Dário:

Tudo informal, né. Tudo informal. É que ele corria atrás, ligava pra todo mundo, perguntava pro pessoal. Tipo assim, ele é um cara muito comunicativo, né? (...) Ele me ligava 24h, ficava falando 1h, mas não pode né... não podia né. Pra ser sincero, de tanto ele falar ele até acabava pegando uns castigos mesmo lá. Mas não parava, ele era lutador (...) às vezes eu tinha um conhecido em uma cidade do interior, que ele me ligava: “Pô, o cara aqui quer 25 CD’s” Aí o cara ligava, depositava o dinheiro e eu mandava.

A presença de Dexter em todos esses processo pode ser considerada como evidência acerca do papel estratégico que o mesmo exercia, mesmo vivendo sob as condições de reeducando. Em consonância com Kunsch (2006, p. 130), “exercer a função estratégica significa ajudar as organizações a se posicionarem perante a sociedade, demonstrando qual é a razão de ser do seu empreendimento”. Além disto, o estabelecimento de “canais entre a organização e seus públicos, em busca de confiança mútua, constrói a credibilidade e valoriza a dimensão social da organização” KUNSCH (2006, p. 130).

Pode ser considerado equívoco julgar a visão empreendedora do músico como sendo a “última saída”, como se não tivesse com o que gastar o dinheiro angariado com o disco “Exilado Sim, Preso Não”. Claudio Aparecido lembra que a situação do músico, que tinha uma condenação de 52 anos, não era fácil. Seus familiares também enfrentavam dificuldades:

a mãe dele passava situações de dificuldade extrema. Eu fui... eu sou testemunha viva. Eu fui na casa dele um dia dez horas da noite levar R\$ 50 pra mãe dele comprar comida, velho... coisas básicas (...) Imagina, um cara com 52 anos de cadeia é... se abraçar no hip hop e produzir tudo isso que ele produziu sem saber no que vai dar, porque ele não sabia no que ia dar a cadeia dele... as cadeias dele. Ele não sabia, ele era um preso que não tinha perspectiva nenhuma.

Dexter não se deixava abater mesmo diante de situações de extrema dificuldade. Mesmo assim, o dinheiro ainda era, na visão do músico, consequência. Em primeiro momento, a prioridade era reinvestir quase tudo que se ganhava no próprio álbum, nas ações de fortalecimento e divulgação

do “Exilado Sim, Preso Não”. Dario fala sobre as ações, que em sua visão, foram completas:

Olha, o Exilado [disco]... foi feito uma divulgação completa, assim, digamos assim, completa. Foi feito vinil pra divulgar perante os *dj's* né, por todo o Brasil (...) Foi feito banner, que na época já não se fazia muito... e aí foi feito banner. Foi feito mídia de rádio, internet. Tipo assim, foi um CD, mesmo com um custo financeiro baixo, teve tudo. Foi com tudo. Conforme ia vendendo, não se pensava em gastar o dinheiro. Ia se reinvestindo no próprio álbum. Foi gastado muito na festa de lançamento também. Foi feito um mega show.

Outra ação de divulgação importante foi a divulgação de uma faixa “solta” antes do lançamento do disco por completo. Vicente (2012, p.13) enxerga os singles como “estratégia de promoção musical ligada à venda do fonograma, vislumbrando um consumo mais intensivo e imediato (...) ligada à consolidação da carreira do artista, vinculada à ideia de uma obra mais densa e integrada”, assim como ressalta Dario:

(...) já vinha ocorrendo uma divulgação com uma faixa enquanto estava sendo produzido. Eram umas gravações meio difícil de se conseguir né, autorização por meio da justiça e aí tinha uma faixa que nós já vínhamos trabalhando com o pessoal enquanto gravava o CD.

Além de a produção do single, outro fator relacionado ao tempo, foi a demanda reprimida que o “Exilado Sim, Preso Não” tinha no momento do lançamento. Isto pelo sucesso que o 509-E tinha feito e a reputação que Dexter tinha alcançado naquele momento.

(...) todo mundo estava na expectativa de um trampo do Dexter. Então, quando o Exilado [disco] surge, ele já surge com uma demanda reprimida. Então... e assim... e todo mundo que era do hip hop queria dar uma mão pro Dexter, sabe? Então, sei lá, o Ice Blue, que tem programa na rádio... o Rappin Hood, que tem programa na rádio. Esses caras queriam logo o trampo pra poder pôr na rua, queriam divulgar, queriam colocar o trabalho na rua.



A partir desses relatos, consegue-se afirmar que Dexter tinha, para além do talento musical, capacidade empreendedora. O músico conseguia atrair pessoas importantes que seriam indutores fundamentais da divulgação do seu trabalho. Tudo isso pela consideração que Dexter tinha com os seus parceiros de trabalho, pela visão que o mesmo tem acerca do rap, pelo que vivencia e idealiza para com o rap. Será a partir dos conceitos de identidade que se desenvolverá a próxima etapa do trabalho.

#### **5.4 A construção da identidade de Dexter**

Acerca do sucesso atribuído ao álbum “Exilado Sim, Preso Não”, também estão presentes os conceitos de identidade, exprimidos por Dexter desde o início da carreira, ainda na década de 1990. Lasbeck (2007, p. 90) sugere a identidade como “resultado da relação produtiva entre discurso e imagem, ou seja, o que surge de afinidade entre as intenções do discurso e as impressões do receptor”. A preferência por cantar músicas de protesto para o povo da periferia e evidenciar a necessidade diária de superação nunca deixaram de ser a prioridade de Dexter. Assim, o músico ressalta o que o manteve vivo durante o período no exílio:

A receita para tudo isso, ela se chama amor. Podem ter outras palavras também, outras frases: vontade de vencer, de dar a volta por cima... chame como quiser, mas no fundo, no fundo, é amor. É amor por você, amor pelo que você faz e amor pelas pessoas, por todo mundo que te cerca, por todo mundo que acredita em você, por todo mundo que vem e te dá um papo, te dá uma ideia. E obviamente também, que eu acho que esse amor se mistura um pouco com a vontade de dizer: “mano, eu vou conseguir”.

Aliada à incessante vontade de superar os obstáculos, Dexter não se identifica com a produção artística, tendo viés apenas mercadológico. Para ele, o sucesso, o dinheiro, o que vem após a produção, é consequência. Por isso, o músico não deixa de explicitar o caráter político em suas músicas e na sua atuação além do rap, seja em projetos sociais ou na sua própria conduta

diária. Dexter é referência, inclusive, para o juiz que expediu o seu alvará de soltura, que ainda consulta Dexter:

Ontem estava aqui, atendo o telefone e ele fala: “Sr. Marcos eu estou aqui com um adolescente... cometeu uma infração e tal, inclusive estou até liberando ele, mas eu queria muito que o senhor conversasse com ele e explicasse para ele como funciona algumas coisas e tal”... então isso é a recompensa, morô?

Dexter vê mais importância no reconhecimento pela sua identidade, por ser quem é, em vez da recompensa pelos bens materiais, pela fama. Acerca da identidade, também se atribui o empreendedorismo do músico privado de liberdade como um valor. Claudio Aparecido enxerga esse fato como mais um ponto forte na imagem de Dexter:

acho que se não fosse ele, não rolaria. Passaria outra impressão, né? Passaria a impressão de que ele estava com condição de terceirizar o trampo... então se ele estava com condição de terceirizar o trampo, porque ninguém trabalha de graça, isso teria um custo muito maior do que teve. Por exemplo, na gravação do DVD eu paguei a grua, eu paguei...

A partir da opinião do amigo Claudio e a correlação entre os conceitos de imagem e identidade, Martino (2014, p. 4) reflete sobre a construção de identidade como sendo “montar uma mensagem dizendo ‘este sou eu’ para as outras pessoas, e, ao mesmo tempo, ler as outras pessoas, decodificar as mensagens que elas enviam em termos de identidade”. É o que aconteceu com o público de Dexter ao receberem o disco “Exilado Sim, Preso Não”, que rendeu a posição de melhor álbum do ano (2005) pelo Prêmio Hutúz<sup>37</sup>. Sobre o dia da premiação, Dexter relembra o fato com certa nostalgia por ser agraciado na premiação mais importante para o rap nacional à época:

Ele é um disco que, mais do que o 509-E, ele me dá seis prêmios. Inclusive, dois deles, o melhor disco do ano. Isso é

---

<sup>37</sup> Disponível em: <<http://musica.uol.com.br/ultnot/2005/11/24/ult89u6116.jhtm>>. Acesso em: 22 de nov. de 2016.

uma recompensa, né? (...) ele mostra para as pessoas a verdadeira essência do 509-E e que permanece viva e ele reúne pessoas em um disco que, no momento... não no momento, mas ele reúne pessoas que jamais foram reunidas em um outra obra. E que são pessoas consideradas como pilares do hip hop

Todas as informações obtidas, tanto por Dexter, Claudio e Dario são capazes de explicar a construção da identidade do músico a partir de uma situação complexa, por estar marginalizado no sistema penitenciário. Apesar de todo o auxílio que o músico obteve, como por exemplo, a rede formada ao seu redor, os próprios amigos depositam o reconhecimento a Dexter por inteiro. Na visão de Dario, o músico se destacava da maioria com os quais já havia trabalhado, tanto produzindo, como divulgando:

O artista não pensou em dinheiro em momento nenhum. O Dexter, ele só pensava em fazer o negócio... a máquina acontecer. Claro que pensou em dinheiro também, mas é difícil você ver um artista que corre tanto. Antigamente artista colocava na gravadora e foda-se. Ele não, ele trabalhou junto em toda as fases. (...) de quase todos que eu conheci ele foi o que mais trabalhou para fazer o negócio acontecer. O cara que mais tinha dificuldade pra fazer... ele trancado, ele conseguiu agir, é... articular o CD dele mais do que muito grupo que às vezes fica o dia inteiro sem fazer nada

Claudio esboça a mesma visão, quando ressalta a sanidade do músico nos momentos em que o acompanhou no exílio. Dexter conseguia desconstruir todo um estereótipo que recai sobre os reeducandos e manteve-se com a cabeça ativa, produzindo, trabalhando para que um dia pudesse reconquistar a liberdade. “Exilado Sim, Preso Não” marca essa transição. A chegada ao “topo” com o 509-E; um longo período de conturbação após a discussão com o policial Conte Lopes; a ida para o presídio de segurança máxima em Presidente Bernardes; e por fim, o início da produção do primeiro disco solo da carreira do músico.

## 6. Considerações finais

A partir dos diálogos estabelecidos com o amigo e articulador, Claudio Aparecido; com o responsável pela distribuição do disco, Dario Nunes; e Dexter, autor da obra objeto desta pesquisa, foi possível estudar a produção e divulgação do “Exilado Sim, Preso Não” a partir do que os Estudos Culturais propõem em relação à cultura. O objetivo de se produzir obras, cujo viés também busca a reivindicação de direitos, pode ser entendido como práticas de resistência, quebra de paradigmas e não apenas de dominação.

Os relatos obtidos a partir de entrevistas mostram o porquê de o disco “Exilado Sim, Preso Não” possuir tamanha representatividade no cenário do rap nacional. A história que circunda a obra possui caráter multidisciplinar, pois envolve a questão racial; o rap, que pode ser considerado como um gênero musical marginalizado; o sistema penitenciário; a relação entre o povo periférico e as forças coercitivas do Estado, por vezes conflituosa; e a comunicação como área fundamental nas práticas culturais. Sendo assim, pensar a relação entre todas essas áreas, bem como o produto final dela, foi um trabalho desafiador e coerente com os objetivos da comunicação organizacional.

Outro fator que contribuiu para chegar-se a um resultado construtivo nesta pesquisa foi o deslocamento e o exercício de reflexão realizado pelo pesquisador a fim de obter informações sobre o processo de produção e divulgação do disco “Exilado Sim, Preso Não”, de Dexter. Isto se dá pela diferença existente entre as histórias de vida das duas partes: o pesquisador e o objeto desta pesquisa. O cuidado a fim de não criar qualquer situação desconfortável pelas diferenças na cultura de cada um daqueles que estiveram envolvidos na pesquisa foi fundamental para a colaboração das fontes e, assim, para o compartilhamento de informações que culminaram na compreensão do processo em questão.

A ida para São Paulo, a busca pelas fontes entrevistadas na pesquisa e a relação estabelecida entre o pesquisador e o músico durante essa jornada valeram o esforço desde o início da construção desse pensamento. Primeiro, compreender a história de vida do músico e do disco como elementos que poderiam ser analisados sob o olhar da comunicação organizacional.

Depois, a busca por autores e produções científicas que pudessem embasar o objeto de estudo multidisciplinar.

Após o levantamento, inclusive documental, com matérias jornalísticas a respeito músico e do disco “Exilado Sim, Preso Não”, partiu-se para a escolha da metodologia. A narração como opção de se validar as informações obtidas, baseou-se em resgatar a tradição dos povos africanos da oralidade, onde determinava-se os níveis hierárquicos daqueles grupos étnicos. Diferente do que ocorre no mundo ocidental, onde a escrita é supervalorizada. Isto se alia com a proposta do rap, que busca relatar a vida das periferias a partir da fala, a partir de histórias não tão presentes nos ambientes hegemônicos de aprendizagem, como o relato incisivo sobre desigualdade racial e a opressão sofrida pelos mais pobres. Foi nessa linha que também optou-se pela obtenção de informações sobre o disco “Exilado Sim, Preso Não” a partir de entrevistas abertas, aprofundadas com o surgimento de questões julgadas como importantes para o objetivo da pesquisa.

O ponto mais marcante deste processo foi visitar o músico em sua casa e entrevistá-lo por mais de uma hora. A vontade de ser ouvido, de contar a própria história e de depositar o olhar de quem era o maior beneficiário de todo esforço sobre o disco “Exilado Sim, Preso Não”, mostraram o porquê da conquista da reputação do músico no cenário do *Hip Hop*, além conseguir formar uma rede com os principais nomes do Movimento no país a sua volta. Esses elementos mostram a importância da comunicação organizacional, ao garantir melhor fluxo de informações para os objetivos definidos pelo músico.

O sucesso acerca da obra de Dexter associa-se com o fato de ele representar tudo aquilo que o Movimento idealiza. Dexter foi salvo pelo *Hip Hop* e igual a ele, podem existir várias pessoas na mesma condição. Sendo assim, a sugestão é que pesquisadores futuros registrem, em material, audiovisual, mais depoimentos acerca do “Exilado Sim, Preso Não”, acrescentando informações de outras pessoas que estiveram envolvidas na produção do disco, bem como na trajetória de Dexter.

## 7. Lista de referências bibliográficas

ALMEIDA, Saulo Teles; PEREIRA, Cícero; TORRES, Ana Raquel Rosa. **Um Estudo do Preconceito na Perspectiva das Representações Sociais: Análise da Influência de um Discurso Justificador da Discriminação no Preconceito Racial**. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 2003, 16(1), pp. 95-107. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/%0D/prc/v16n1/16801.pdf>>. Acesso em: 15 de set. de 2016.

ARTONI, Fabio Luizari; DARÉ, Patricia Regina Caldeira. **Reputação corporativa e a comunicação boca-a-boca: uma interdependência inequívoca**. *Revista Pretexto*, Belo Horizonte, 2008, pp. 33-50. FUMEC. Disponível em: <<http://www.fumec.br/revistas/pretexto/article/view/453/448>>. Acesso em: 19 de nov. de 2016.

BARROS, Ana Maria; JORDÃO, Maria Perpétua Dantas. **A cidadania e o sistema penitenciário brasileiro**. Disponível em: <<https://www.ufpe.br/ppgdh/images/documentos/anamb1.pdf>>. Acesso em: 3 de out. de 2016.

BARROS, Antônio; DUARTE, Jorge. **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: ed. 2, 2012.

BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas: Magia e técnica, arte e política**, p. 198-221. São Paulo: ed. 3. 1994. Disponível em: <[http://letrasorientais.fflch.usp.br/sites/letrasorientais.fflch.usp.br/files/BENJAMIN,%20Walter\\_O%20narrador%20\(.\\_\).pdf](http://letrasorientais.fflch.usp.br/sites/letrasorientais.fflch.usp.br/files/BENJAMIN,%20Walter_O%20narrador%20(._).pdf)>. Acesso em: 30 de out. de 2016.

BRASIL. **Ministério da Justiça. Levantamento Nacional de Informações Penitenciárias Infopen**. Departamento Nacional de Informações Penitenciárias. 2014. Disponível em: <<http://www.justica.gov.br/noticias/mj-divulgara-novo-relatorio-do-infopen-nesta-terca-feira/relatorio-depen-versao-web.pdf>>. Acesso em: 30 de mai. de 2016.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina. **Os Estudos Culturais**. Famecos. Pontífica Universidade Católica. Rio Grande do Sul. 2016. Disponível em: <[http://www.pucrs.br/famecos/pos/cartografias/artigos/estudos\\_culturais\\_ana.pdf](http://www.pucrs.br/famecos/pos/cartografias/artigos/estudos_culturais_ana.pdf)>. Acesso em: 2 de set. de 2016.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. Petrópolis: ed. 29, 2004. Disponível em: <<https://onedrive.live.com/?cid=4EA1444D56C96938&id=4EA1444D56C96938%21535&parId=4EA1444D56C96938%21683&o=OneUp>>. Acesso em: 20 de nov. de 2016.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2005.

GEERTZ, Clifford. **Interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Ed 1, 1989.

HALL, Stuart. **Da diáspora: Identidades e mediações culturais / Stuart Hall**; Organização Liv Sovik; Tradução Adelaine La Guardia Resende ... et al. - Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.

IASBECK, Luiz Carlos Assis. **Imagem e reputação na gestão da identidade organizacional**. 2007. Disponível em: <<http://revistaorganicom.org.br/sistema/index.php/organicom/article/viewFile/112/131>>. Acesso em: 19 de nov. de 2016.

KANT, Immanuel. **Resposta à pergunta: O que é o Esclarecimento?**. Tradução por Luiz Paulo Rouanet. 1783. Disponível em: <[http://www.uesb.br/eventos/emkant/texto\\_II.pdf](http://www.uesb.br/eventos/emkant/texto_II.pdf)>. Acesso em: 4 de out. de 2016.

KELLNER, Douglas. **A Cultura da mídia – estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós moderno / Douglas Kellner ; tradução de Ivone Castilho Benedetti**. Bauru, SP: EDUSC, 2001.

KUNSCH, Margarida Maria Krohling. **Planejamento e gestão estratégica de relações públicas nas organizações contemporâneas**. Revista Anàlisi, São Paulo, 2006, pp. 125-139. USP. Disponível em: <<http://ddd.uab.cat/pub/analisi/02112175n34/02112175n34p125.pdf>>. Acesso em: 22 de nov. de 2016.

KUNSCH, Margarida Maria Krohling. **Planejamento de relações públicas na comunicação integrada**. São Paulo: ed. 4, 2003.

LINS, Gustavo Ribeiro. **A Globalização Popular E O Sistema Mundial Não Hegemônico**. Revista Brasileira De Ciências Sociais, Vol. 25, n. 74, 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v25n74/a02v2574.pdf>>. Acesso em: 3 jun. 2016.

MARTINO, Luís Mauro de Sá. **Comunicação e Identidade – Quem você pensa que é?** São Paulo, ed. 1. 2010.

MELLO, Carla Cristiane. **Vozes Do Carandiru: O Rap De Cárcere E Os Estigmas Sociais**. 2015. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/135269/334741.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 10 mar. 2016.

RIVERA, Paulo Barrera. **Pluralismo Religioso e Secularização: Pentecostais na periferia da cidade de São Bernardo do Campo no Brasil**. Revista de Estudos da Religião, São Paulo, 2003, pp. 50-76. Pontífica Universidade Católica. Disponível em: <[http://www4.pucsp.br/rever/rv1\\_2010/t\\_rivera.pdf](http://www4.pucsp.br/rever/rv1_2010/t_rivera.pdf)>. Acesso em: 20 de nov. de 2016.

SANTI, Heloise Chierentin; SANTI, Vilso Junior Chierentin. **Stuart Hall e o trabalho das representações**. Revista Anagramas – Revista Interdisciplinar da Graduação. São Paulo: USP, novembro de 2008. Disponível em: <[http://www.usp.br/anagrama/Santi\\_Stuarthall.pdf](http://www.usp.br/anagrama/Santi_Stuarthall.pdf)>. Acesso em: 31 de ago. de 2016.



SCHUSTERMAN, Richard. **Vivendo a arte: o pensamento pragmatista e a estética popular**. São Paulo: ed. 34, 1998.

SILVA, Daniela Fernandes Gomes. **Espelhos e canções – a influência da black music norte- americana na juventude negra de São Paulo**. 2010. Disponível em: <<http://myrtus.uspnet.usp.br/celacc/sites/default/files/media/tcc/133-455-1-SM.pdf>>. Acesso em: 15 de set. 2016.

SILVA, Natália Oliveira Teles. **A institucionalização do racismo na cultura organizacional: Um olhar sobre as instituições públicas**. 2014. Disponível em: <[http://bdm.unb.br/bitstream/10483/8563/1/2014\\_NataliaOliveiraTelesdaSilva.pdf](http://bdm.unb.br/bitstream/10483/8563/1/2014_NataliaOliveiraTelesdaSilva.pdf)>. Acesso em: 24 de nov. de 2016.

THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia**. Petrópolis: ed. 12, 2011.

VICENTE, Eduardo. **A indústria da música ou a indústria do disco? A questão dos suportes e de sua desmaterialização no meio musical**. 2012. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/Rumores/article/view/55300/58927>>. Acesso em: 21 de nov. de 2016.

WELS, Ana Maria Córdova. **Estudando a Comunicação Organizacional: redes processos integrativos**. 2005. Disponível em: <<http://www.uces.br/etc/revistas/index.php/conexao/article/view/170/161>>. Acesso em: 22 de nov. de 2016.

ZENI, Bruno. **O negro drama do rap: entre a lei do cão e a lei da selva**. Estudos Avançados, São Paulo, v. 18, n. 50, p.225-241, jan. 2004. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-40142004000100020](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142004000100020)>. Acesso em: 26 mai. de 2016.

### 7.1 Matérias jornalísticas

AMÂNCIO, Thiago; MANEO, Adriano. Negros ocupam só 18% dos cargos de elite, aponta levantamento. **Folha de São Paulo**. 8 de jun. de 2016. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2015/06/1638879-negros-ocupam-so-18-dos-cargos-de-elite-aponta-levantamento.shtml>>. Acesso em: 2 de set. de 2016.

ANGELO, Damaris. Dexter, GOG e Coletivo Peso – Como Vai Seu Mundo?. **Soul Art**. 4 nov. 2013. Disponível em: <<http://soulart.org/social/dexter-gog-e-coletivo-peso-como-vai-seu-mundo/>>. Acesso em: 26 ago. 2016.

ARAÚJO, Thiago. Todos os dias o Brasil registra 'um Carandiru e meio' em mortes por arma de fogo, aponta Mapa da Violência 2016 (ESTUDO). **Huffpost Brasil**. 23 de fev. De 2016. Disponível em: <[http://www.brasilpost.com.br/2016/02/23/mapa-da-violencia-2016\\_n\\_9297246.html](http://www.brasilpost.com.br/2016/02/23/mapa-da-violencia-2016_n_9297246.html)>. Acesso em 22 de nov. de 2016.

CARVALHO, Igor. O filho brasileiro de Luther King. **Revista Fórum**. 18 de julho de 2013. Disponível em: <<http://www.revistaforum.com.br/2013/07/18/o-filho-brasileiro-de-luther-king/>>. Acesso em: 30 de set. de 2016.

CASTRO, Giselle. 'Os PMs do Carandiru merecem repouso e meditação', disse Temer na época do massacre. **Huffpost Brasil**. 27 de set. de 2016. Disponível em: <[http://www.brasilpost.com.br/2016/09/27/carandiru-michel-temer\\_n\\_12224138.html](http://www.brasilpost.com.br/2016/09/27/carandiru-michel-temer_n_12224138.html)>. Acesso em: 22 de nov. de 2016.

CELESTINO, Samuel. Com lema 'bandido bom é bandido morto', coronel da PM é o 5º mais votado em São Paulo. **Bahia Notícias**. 9 de out. de 2012. Disponível em: <<http://www.bahianoticias.com.br/noticia/124207-com-lema->

%E2%80%98bandido-bom-e-bandido-morto%E2%80%99-coronel-da-pm-e-o-5-mais-votado-em-sao-paulo.html>. Acesso em: 23 de nov. de 2016.

FISCHER, Neuber. Encontro com Fátima Bernardes cresce em audiência. **Observatório da Televisão**. 12 de mai. de 2016. Disponível em: <<https://observatoriodatelevisao.bol.uol.com.br/audiencia-da-tv/2016/05/encontro-com-fatima-bernardes-cresce-em-audiencia>>. Acesso em: 15 de set. de 2016.

GASPARIN, Gabriella. Apesar de leis, ex-presos enfrentam resistência no mercado de trabalho. **G1**. 17 de dez. de 2010. Disponível em: <<http://g1.globo.com/concursos-e-emprego/noticia/2010/12/apesar-de-leis-ex-presos-enfrentam-resistencia-no-mercado-de-trabalho.html>>. Acesso em: 22 de nov. de 2016.

GUIMARÃES, Juca. Álbum de Dexter sobre prisões faz dez anos. E pouca coisa mudou. **Ponte – direitos humanos, justiça e segurança pública**. 21 out. 2015. Disponível em: <<http://ponte.org/album-de-dexter-sobre-prisoas-faz-dez-anos-e-pouca-coisa-mudou/>>. Acesso em: 26 ago. 2016.

MALDYJAN, Mayra. Dexter, atração da Virada Cultural fala sobre rap e prisão. **Folha de São Paulo**. 2 mai. 2012. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2012/05/1084690-dexter-atracao-da-virada-cultural-fala-sobre-rap-e-prisao.shtml?mobile>> Acesso em: 30 mai. 2016.

NETO, José Francisco. Hip hop, o pai que Dexter não teve. **Brasil de Fato**. 19 out. 2012. Disponível em: <<http://antigo.brasildefato.com.br/node/10950>> Acesso em: 26 ago. 2016.

ONLINE, Folha. Em 2001, megarrebelião promovida pelo PCC envolveu 29 penitenciárias. **Folha de São Paulo**. 14 de mai. de 2016. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u121461.shtml>>. Acesso em: 19 de nov. de 2016.

QUINTILIANO, Rachel. Entrevista: Dexter. **Mundo da Rua – o catálogo de informações do rap nacional**. 5 set. 2010. Disponível em: <<https://mundodarua.wordpress.com/2010/09/05/entrevista-dexter/#more-489>>. Acesso em: 26 ago. 2016.

RAIZER, Felipe. Record já é a 28º maior emissora do mundo, Globo sobe pro segundo lugar. **Conexão TV**. 4 de mar. de 2014. Disponível em: <<https://conexaotvaudiencia.wordpress.com/2014/03/04/record-ja-e-a-28o-maior-emissora-do-mundo-globo-sobe-pro-segundo-lugar/>>. Acesso em: 15 de set. de 2016.

RALHA, Ivone; RODRIGUES, Antônio. Retrato dos negros no Brasil. **Rede Angola Info**. 24 de out. de 2016. Disponível em: <<http://www.redeangola.info/multimedia/retrato-dos-negros-no-brasil/>>. Acesso em: 2 de set. de 2016.

REDAÇÃO. Desentendimento entre Toni Garrido e Suzana Vieira gera bate-boca no 'Encontro com Fátima Bernardes'. **iBahia**. 23 de nov. de 2012. Disponível em: <<http://m.ibahia.com/single-mobile/noticia/desentendimento-entre-toni-garrido-e-suzana-vieira-gera-bate-boca-no-encontro-com-fatima-bernardes/?cHash=f94ea08b2d511910e5119ec143948642>>. Acesso em: 2 de set. de 2016.

REDAÇÃO. Rap é o gênero mais ouvido do mundo, segundo Spotify. **Billboard Brasil**. 2015. Disponível em: <<http://www.billboard.com.br/noticias/rap-e-o-genero-mais-ouvido-do-mundo-segundo-spotify/%3E>>. Acesso em: 15 de nov. de 2016.

REDAÇÃO. Helião e Negra Li são eleitos os melhores do hip hop no Prêmio Hutúz; veja quem mais ganhou. **Uol Música**. 24 de nov. de 2005. Disponível em: <<http://musica.uol.com.br/ultnot/2005/11/24/ult89u6116.jhtm>>. Acesso em: 22 de nov. de 2016.

SAMURAI, Júnior. Rapper Dexter é atração confirmada para o 1º Round Combat em Natal. **Meia Guarda**. 2016. Disponível em: < <http://meiaguarda.com.br/rapper-dexter-e-atracao-confirmada-para-o-1o-round-combat-em-natal/>>. Acesso em: 19 de nov. de 2016.

RODRIGUES, Artur; ZANCHETTA, Diego. Ex-policiais da Rota eleitos em SP somam 77 mortes. **Estadão**. 8 de out. de 2012. Disponível em: < <http://sao-paulo.estadao.com.br/noticias/geral,ex-policiais-da-rota-eleitos-em-sp-somam-77-mortes,942652>>. Acesso em: 22. de out. de 2014.

SOUZA, Beatriz. 8 dados que mostram o abismo social entre negros e brancos. **Revista Exame**. 20 de nov. de 2014. Disponível em: < <http://exame.abril.com.br/brasil/noticias/8-dados-que-mostram-o-abismo-social-entre-negros-e-brancos>>. Acesso em: 15 de set. de 2016.

## 7.2 Material audiovisual

Animais Irracionais. Tribunal Popular. 1990. Duração: 3'44". Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=y6dDWQpo9UE>>. Acesso em: 22 de nov. de 2016.

Dexter & Convidados. Dexter. 14 faixas. 2009. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=xbTT52Zbuag>>. Acesso em: 22 de nov. de 2016.

Dexter & Convidados: A Liberdade Não Tem Preço. Dexter. 18 faixas. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=RMRS8IMwnN0>>. Acesso em: 22 de nov. de 2016.

Exilado Sim, Preso Não. Dexter. 12 faixas. 2005. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=HjbWfYGyjqo&list=PL2JT9FPOSeHFS5OJ4zmbH0-HBmKR\\_CIR9](https://www.youtube.com/watch?v=HjbWfYGyjqo&list=PL2JT9FPOSeHFS5OJ4zmbH0-HBmKR_CIR9)>. Acesso em: 22 de nov. de 2016.

Fênix. Dexter. Exilado Sim, Preso Não. 2005. Duração: 5'44". Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=QTNds4iJt4c>>. Acesso em: de nov. de 2016.

Me faça forte. Dexter. Exilado Sim, Preso Não. 2005. Duração: 4'14". Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=scsubEF2DN8>>. Acesso em: 22 de nov. de 2016.

MMII DC (2002 Depois de Cristo). 509-E. Atração. 15 faixas. 2002. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=GdFtqeh8KJY>>. Acesso em: 22 de nov. de 2016.

Provérbios 13. 509-E. Atração. 12 faixas. 2000. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=n4kWxE7gawo>>. Acesso em: 22 de nov. de 2016.

Trecho do documentário “Entre a Luz e a Sombra” (2009) sobre debate entre 509-E e ex militar, Conte Lopes. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Shuce9tbEzo>>. Acesso em: 22 de nov. de 2016

## 8. Anexos

**Decupagem da entrevista realizada com Dario Nunes Silva, responsável pela gravadora Porte Illegal no momento da produção do disco “Exilado Sim Preso Não”, no dia 11 de out. de 2016 às 18h30. A entrevista foi realizada na presença de Claudio Aparecido da Silva, que também complementou a entrevista e foi o responsável por articular o encontro com as fontes desta pesquisa.**

Autor: Como foi a recepção do público nos lugares onde você distribuiu esse disco? O que era o Dexter naquele momento?

DARIO

Nesse momento ele era um artista conhecido como 509-E né, que era a banda dele e aí já vinha ocorrendo uma divulgação com uma faixa enquanto estava sendo produzido. Eram umas gravações meio difícil de se conseguir né, autorização por meio da justiça e aí tinha uma faixa que nós já vínhamos trabalhando com o pessoal enquanto gravava o CD. Aí demorou um pouco o CD, então essa faixa que a gente foi divulgando e atrasou... vários problemas. Sempre, tipo assim, era um trabalho mais complexo né? Por tempo e autorização de justiça... E aí quando nós conseguimos chegar na rua [o disco], já existia uma expectativa no Brasil todo, grande, aguardando esse CD.

Autor: Esse tempo de demora então pro disco ir pra rua você acha que culminou em uma ansiedade por parte do público?

DARIO

A ansiedade de o público querer evoluiu.

Autor: Qual foi a sua participação enquanto gravadora, a sua contribuição nesse processo?

DARIO

Vou falar assim, né, o artista, o Dexter, enquanto empreendedor ele é um artista cem por cento né? Ele tem uma visão muito de empresa e isso aí ajudou muito. Ele, além de ser artista, ele tinha uma visão mesmo de negócio. Então foi o que fez o que o negócio deslanchar mesmo. Essa visão dele de empreendedor né, de querer, exigir... ele sempre foi muito esforçado nessa parte, então foi mais uma coisa. A Porte Illegal já era uma das maiores distribuidoras de discos do rap nacional da época né? Então aí é a junção, artista certo, a expectativa do público com a distribuição que a Porte Illegal tinha foi o que deu todo esse agito aí na época.

Autor: Nesse processo você tinha muito contato com ele, com o Dexter? Você conseguia?

DARIO

Ah... é, informalmente né? Informalmente, tinha.

Autor: Mas como assim? Escrita? Carta?

DARIO

É, informalmente né... Carta não.

Autor: Você não chegou a encontrar com ele nesse processo?

DARIO

Não, não. Várias vezes. A gente produzia. Esse CD a maior parte foi produzido aqui na... em São Vicente [Penitenciária].



Autor: Você então chegou a montar equipamento lá para as gravações?

DARIO

Uma parte, uma parte

Autor: E no final desse processo, o que você achou do resultado sendo o disco produzido em um presídio?

DARIO

Ah, você perde um pouco em qualidade, mas, é... acabou sendo legal. Tipo assim, aí no fim da produção ele foi transferido de novo, porque o negócio começou a criar um nome grande, aí a diretora pra se livrar... de ter algum problema, transferiu ele de novo pra outro lugar, pro interior. Foi sempre uma luta muito grande isso aí, tipo foi sempre umas dificuldades.

Autor: E chegou alguma hora que vocês achariam que não daria mais tempo, tipo “não vai dar certo”?

DARIO

Não. Tiveram algumas dificuldades em relação às participações, como o Mano Brown e tudo... pra se encontrar, e tipo... pra conversar, sobre a música né? E às vezes não poder se encontrar.

Autor: Então eles tinham que estabelecer como seria a música pra um fazer do seu jeito, com o Mano Brown fora, pra depois juntar. No final, qual foi a mensagem dele [Dexter] para você, o *feedback*, você sendo o produtor?

DARIO

Pra mim, ele era um artista que estava preso, mas de quase todos que eu conheci ele foi o que mais trabalhou para fazer o negócio acontecer. O cara que mais tinha dificuldade pra fazer... ele trancado, ele conseguiu agir, é... articular o CD dele mais do que muito grupo que às vezes fica o dia inteiro sem fazer nada.

Autor: Chegava pra você um material mais fechado do que outros grupos que estavam na rua, por exemplo?

DARIO

Não [em tom de confirmação], fora o “divulgar”, tipo de fazer o negócio acontecer mesmo. Isso depois de gravar.

Autor: E como era feita essa divulgação?

DARIO

Tudo informal, né. Tudo informal. É que ele corria atrás, ligava pra todo mundo, perguntava pro pessoal. Tipo assim, ele é um cara muito comunicativo, né? (...) O ponto crucial, assim, foi depois que tinha lançado, quando foi feita a festa de lançamento [ano de 2009, quatro anos depois] né. Foi o ponto que marcou mesmo, né? Ele já tinha ganhado o semi aberto e tipo, era o feriado de dia das mães [há fontes que afirmam ser feriado de páscoa]. Ele não podia ficar até depois da meia noite na rua, né. Por isso que o show foi feito em um domingo a tarde.

Autor: Esse show foi lançamento do CD “Exilado Sim, Preso Não”?

DARIO

E o que marcou? O movimento [hip hop] vinha em uma crise e nós conseguimos colocar mais de 7 mil pessoas no salão. Tipo assim, fazia anos que não tinha um evento para aparecer tanta gente assim. Em um domingo a tarde ainda.

Autor: Você atribuía essa crise que hip hop passava a algum fator específico?

DARIO

Não. É... fase né, da música. Toda música tem uma fase, o pagode, o hip hop, o axé... toda música... o sertanejo... toda música ela tem um ciclo né? Digamos que é igual àquela brincadeira dos sete anos de azar né. Isso é um ciclo, acho que toda música tem um ciclo.

Autor: Você consegue comparar o momento no qual o Dexter estava inserido com o momento que ele vive atualmente? Daquela época de 2004, 2005... até aqui.

DARIO

Ah, artisticamente... ele evoluiu muito. Ele era... o “Exilado Sim, Preso Não”, o título já fala. Ele estava exilado, então ele era limitado né? Hoje não. Depois de oito anos estando na rua, o campo dele abriu. Não sou muito bom de falar, eu tô falando conforme você tá...

Autor: Mas é isso mesmo, não precisa ser tudo formal, é mais a informação mesmo. Eu sei que você falou um pouco, mas eu precisava de mais enfoque no processo de divulgação.

DARIO

Olha, o Exilado [disco]... foi feito uma divulgação completa, assim, digamos assim, completa. Foi feito vinil pra divulgar perante os *dj's* né, por todo o Brasil. Então foi feito vinil e até álbum duplo né. É um custo alto para fazer, mas em matéria de divulgação é bom. Foi feito banner, que na época já não se fazia muito... e aí foi feito banner. Foi feito mídia de rádio, internet. Tipo assim, foi um CD, mesmo com um custo financeiro baixo, teve tudo. Foi com tudo. Conforme ia vendendo, não se pensava em gastar o dinheiro. Ia se reinvestindo no próprio álbum. Foi gastado muito na festa de lançamento também. Foi feito um mega show. Então sempre nós reinvestíamos no produto né. Nunca teve negócio de: "Vendeu? Vamo gastar".

Autor: Vocês tinham isso como um processo mesmo né? E aí, nesse processo de divulgação, a sua parte termina quando você coloca o disco no mercado?

DARIO

Não. Distribuir você só coloca no mercado, aí que você capta dinheiro pra você investir no resto. Você coloca, mas tem que manter a divulgação pra ir...

Autor: Para ir vendendo mais, atraindo contratantes de shows...

DARIO

Isso, isso...

Autor: E você tem ideia de quanto em estimativa foi gasto em divulgação?

DARIO

Eu imagino... entre, tudo, tudo... uns R\$ 40 mil mais ou menos, e estou chutando ainda por baixo ainda, na época.

Autor: E esse valor, qual é a relação dele com a produção?

DARIO

Produção até menos. Eu tinha essas contas aí até um tempo atrás... eu tinha no meu computador. Como ele estava preso, eu fazia umas planilhas pra passar pra ele depois. Eu imagino uns R\$ 25 mil.

Autor: Esse valor, ele era muito inferior ou superior ao valor de um disco de rap dos artistas na época?

DARIO

Era um valor bem superior. É o que eu falei. Conforme foi vendendo, ele tinha... era tudo reinvestido na divulgação. Não foi um dinheiro que colocou pra fazer. Ele foi sendo conquistado igual “formiguinha”. Era mais na vendagem dos CD’s mesmo. Aí vai, vendia R\$ 8 mil e uns R\$ 5 mil já ia pra divulgação.

Autor: Quando esse dinheiro voltava, produziam mais CD’s?

DARIO

É, vendia mais CD’s. E aí era onde ia ganhando nome né... artisticamente, aonde que a sequência disso que é o show né, os “finalmentes” né, os shows dele, a carreira dele né.

Autor: Talvez economicamente falando, podia ser melhor pro artista?

DARIO

Isso, isso... na época já estava no fim de vender discos. Vendia ainda um pouco. Não vendia mais “aquelas coisas” [referindo-se à quantidade movimentada pela indústria fonográfica em momento anterior]. Hoje o artista quase consegue só de divulgar, fazer show e não ter nenhum CD na rua.

Autor: Acaba que com essa queda de venda de discos, os artistas acabam por investir mais em divulgação? Criam marcas, inclusive.

DARIO

Foi feito camisetas pra divulgação né. Foi feito tipo... é... tudo engloba, né? O show de lançamento, teve camiseta, tudo armando para um conjunto só. Com a finalidade de expandir o nome né. Foi onde você falou né? O porquê de que chegou nesse patamar tão rápido né?

Autor: Estamos chegando ao final já, acho que deu pra extrair muita informação. Você tem alguma coisa pra dizer sobre o disco? O que te marcou nesse processo...

DARIO

O que marcou é o trabalho, tipo assim, o esforço do artista em crescer, né? O artista não pensou em dinheiro em momento nenhum. O Dexter, ele só pensava em fazer o negócio... a máquina acontecer. Claro que pensou em dinheiro também, mas é difícil você ver um artista que corre tanto. Antigamente artista colocava na gravadora e foda-se. Ele não, ele trabalhou junto em toda as fases.

Autor: Você acha que esse mesmo foi o diferencial? De ele mesmo estando preso, articular, botar a cara e...

DARIO

A articulação do artista foi essencial aí...

Autor: E ele se colocava como centro nesse processo? Formou-se uma rede entre essas pessoas que estavam envolvidas no momento da divulgação?

DARIO

Isso, isso. Até eu que era distribuidor, às vezes eu tinha um conhecido em uma cidade do interior, que ele me ligava: “Pô, o cara aqui quer 25 CD’s” Aí o cara ligava, depositava o dinheiro e eu mandava.

Autor: Isso porque às vezes o Dexter já tinha falado com o cara né?

DARIO

Isso, isso. Mas porque ele é articulado, articulava. Ele corria. Então é um artista diferente. Era meio empreendedor também, como falei no começo né? O Claudinho pode falar, mas se fosse preciso me ligava 2h, 3h da manhã. Eu acho que hoje não pega mais nada, mas não é bom também [falar isso na pesquisa]...

CLAUDIO

Pega sim porque ele tá cumprindo pena.

DARIO

Ele me ligava 24h, ficava falando 1h, mas não pode né... não podia né. Pra ser sincero, de tanto ele falar ele até acabava pegando uns castigos mesmo lá. Mas não parava, ele era lutador... bagulho assim...

Autor: Imaginar vocês nesse processo é diferente pra mim também...

DARIO

É, eu sei o que você tá pensando. Mas a tese mesmo é o que eu finalizei. O empreendedorismo dele, tipo, dinheiro era reinvestido na marca, no nome. Teve banner, disco, camiseta, rádio, tudo em cima disso aí né...

Autor: Pela época, podia ser um cara à frente do tempo né? Atualmente essa estrutura é comum...

DARIO

É, antes não tinha muito isso. Ele há 8 anos atrás preso já conseguiu isso.

CLAUDIO

O que aconteceu com a Porte Illegal?

DARIO

Parou né, não tem mais esse negócio. Tem alguns álbuns assim né que marcam. O próprio 509-E né, foi um marco.



Autor: Você acha que o “Exilado Sim, Preso Não” veio mais forte [do que o 509-E]?

DARIO

Tipo assim, o 509-E foi quando ele se fez né?

CLAUDIO

O 509-E era uma novidade né... você pegar dois caras presos e do nada, os caras surgem em uma gravadora...

DARIO

O negócio é surgir pela primeira vez né? O Dexter já era o vocalista do 509-E né? Então era um negócio mais fácil de conseguir também.

CLAUDIO

As músicas que estouraram do 509-E, que venderam disco, eram músicas do Dexter. Saudades Mil, Oitavo Anjo, mesmo a “terceira” lá que vendeu um pouco também eram dele... todas as músicas do 509-E que tiveram alguma projeção, eram tudo do Dexter. Então, mesmo o 509-E, ele já tinha uma...

DARIO

E era uma época que vendia muito mais CD né... vendeu mais de 50 mil cópias né...

CLAUDIO

Acho que o 509-E vendeu mais de 300 mil cópias...

DARIO

É um negócio assim mesmo...

CLAUDIO

Vendeu disco pra caralho... Saudades Mil tocou até em rádio AM. Todo mundo ouvia. Foi aí que a Simonny foi conhecer os cara... Na época a minha irmã, ela era... o ex marido dela estava preso no Carandiru também [onde surgiu o 509-E], aí ela ia lá pra poder visitar e ela falou que era o maior alvoroço quando a Simonny chegava pra visitar. Meu cunhado tava preso lá também.

Autor: Alvoroço em que sentido assim?

CLAUDIO

Quando ela chegava parava tudo né, velho? Quando ela chegava parava tudo... as mulheres reclamavam que nem fila ela pegava.

Autor: Tratamento mais diferenciado né...

CLAUDIO

É louco, velho...

**Decupagem da entrevista realizada com Claudio Aparecido da Silva, quem acompanhou Dexter no sistema penitenciário desde a produção do show de lançamento do segundo disco do 509-E até o momento. Foi realizada no dia 13 de out. de 2016, às 19h.**



**Foto tirada no momento da entrevista, realizada no centro de São Paulo.**

Autor: Como você conheceu o Dexter?

CLAUDIO

Conheci o Dexter em 2002, quando eu trabalhava na prefeitura e eles procuraram a gente para lançar o segundo disco do 509-E e aí eles queriam fazer no Anhembi com a entrada mediante 1kg de alimento não perecível. Eu trabalhava no Banco de Alimentos e aí eu ajudei a... participei da negociação pra isso.

Autor: Isso na época do segundo disco do 509-E?

CLAUDIO

É. O MMII DC (2002 Depois de Cristo).

Autor: Naquele momento ele já estava privado das saídas?

CLAUDIO

Estava, já estava.

Autor: Foi depois daquele episódio com o deputado Conte Lopes não é?

CLAUDIO

Foi. Depois.

Autor: Como você percebia a atuação dele [Dexter], apesar de ainda integrar o 509-E?

CLAUDIO

Naquela época o Afro X já estava na rua e ele [Afro X] que fazia todas as negociações das coisas e os shows, que ocorriam mesmo sem a presença do Dexter, eram shows do 509-E. Ele acompanhava tudo cara. Tudo, tudo, tudo. Ele acompanhava tudo, tinha todas as informações do que estava rolando assim... ele era um cara muito ativo.

Autor: Mesmo depois dessa privação?

CLAUDIO

Mesmo depois do problema que teve e ter perdido as saídas, que permitiam a ele trabalhar. Mesmo depois disso ele teve... ele ainda participava ativamente das questões relacionadas ao 509-E.

Autor: E aí, lançam esse disco...

CLAUDIO

É... esse disco não faz muito sucesso. Ele não ganha a expressão que o primeiro ganhou, né? E logo em seguida, eles desfazem a dupla... desfazem o 509-E.

Autor: E você atribui isso ao fato de ele não estar presente em todos os momentos do segundo disco?

CLAUDIO

Acho que tem várias questões que colaboraram para o 509-E deixar de existir. Acho que uma coisa que colaborou foi que ele esperava mais do Afro X... do Afro X solto... ele esperava mais do Afro X solto em relação a ele preso, sabe? Articular melhor as coisas a fim de conseguir com mais agilidade a liberdade dele, tipo, acho que para ele o Afro X poderia ser ele [Dexter] na rua. Então, se o Afro X fosse ele na rua, o Afro X ia se preocupar em articular advogado, em não deixar ele passar os perrengues que ele passava enquanto preso, em articular... ajudar a esposa dele... porque a esposa dele estava sozinha... ela não morava com mãe, a esposa dele morava sozinha e ele tinha despesas... ele tinha despesas de aluguel, ele não tinha casa nessa época. Então ele tinha despesa de aluguel, de uma série de coisas e a família dele sempre pagou veneno, sempre passou por dificuldade enquanto ele estava preso, sabe? Tanto a mãe dele, quanto a esposa dele. Então, eu acho que ele tinha expectativa de, com a saída do Afro X, ele ganharia uma perna na rua, sabe? E isso na real não ocorreu. Acho que o que mais pesou foi isso, na minha opinião, acompanhando de perto ali. Acompanhando ali, na minha opinião foi o que mais pesou. Aí fora isso, é... sempre surgem boatos né? São muitos boatos que surgiram né? É... eles tiveram alguns problemas também com prestação de contas de shows... e aí vai surgindo. Quando uma coisa não dá certo, começa a surgir uma série de outras pequenas coisas que vão colaborando para ter o fim que teve, sabe? Então, eu acredito muito que o que faltou foi... o que ele sentiu falta foi companheirismo mesmo, sabe? Porque assim, se o Dexter está bem... o Afro

X tá na rua, portanto está bem. O Dexter está preso, mas se o Afro X está na rua articulando as coisa para o Dexter e tal e o Dexter está bem, o 509-E está bem. Então acho que o que faltou foi isso.

Autor: Por mais que ele não estivesse em corpo ali... presente... a situação poderia ser outra?

CLAUDIO

Por outro lado também, o Afro X tinha ficado, se eu não me engano, 8 anos preso... ou 6 anos... é muito tempo também. Aí o cara sai... naquela ocasião ele era um *pop star*, ele era marido da Simony, morando no Alphaville, tinha saído da cadeia. Então, provavelmente, estava querendo visitar o mundo, né? Reconhecer tudo que tinha, tudo que tinha no entorno, o mundo da fama, aquela coisa... porque o Afro X e o Dexter eles eram artistas de rap, a realidade é muito diferente do mundo artístico frequentado pela Simony, sabe? Que é um mundo do *maisntream* mesmo, sabe? É o povo da TV, aquelas coisas maiores assim né? Então isso também pode ter colaborado para confundir um pouco da cabeça do Afro X no momento e poder tomar as atitudes e as decisões corretas, sabe?

Autor: Vi inclusive que, sem querer atribuir culpa a ela, mas a Simony quis tomar frente de algumas coisas né? Falar algumas coisas a respeito do 509-E... a dar entrevistas sobre o 509-E...

CLAUDIO

E o Dexter nunca topou isso. Nunca topou. Não tem nada a ver né. É isso. Acho que está muito relacionado a isso, sabe? O fim mesmo. E aí, não sei se... você ouviu todas as músicas do CD?

Autor: Sim, sim. Cheguei a ouvir. Não decorei todas as letras mas ouvi sim.

CLAUDIO

Mas tem uma música lá que é para o Afro X: “Você se divertia enquanto eu amargava/O gosto do fel, da dor, da raiva/Passei dificuldade até umas horas e você/Cadê? Sumiu. Foi pra um outro rolê/De segunda a segunda diversão de montão”.

Autor: Tô ligado nessa, ouvi. Ouvi.

CLÁUDIO

É isso aí cara. Esse era o sentimento.

Autor: Você acha que nessa ruptura, ele como mente pensante, como um compositor, você acha que ele guardou todo esse sentimento aí?

CLAUDIO

Guardou tudo. Foi guardando e depois pôs na caneta.

Autor: O 509-E acaba ali em 2004 e logo depois [2005] ele lança o “Exilado Sim Preso Não”. Naquele momento, o que você conseguiu observar nele? O que era o Dexter naquele momento?

CLAUDIO

Ah, eu acho que era... naquele momento... ele era um cara que queria superar aquela dificuldade, sabe? Acho que o grande dilema dele era o título do disco [Exilado Sim, Preso Não]. O dilema da vida dele, na minha opinião, foi sempre o título do disco assim: exilado sim, preso não. Tipo, ele tava preso, mas ele era muito atualizado. Ele tava preso, mas ele tava só longe...

distante... naquela condição, da privação da liberdade. Mas, do ponto de vista prático, ele tava ligado em tudo que estava acontecendo, ligado mesmo... então, eu acredito que é isso, é bem isso. Acho que o título do disco retrata muito do que ele era, assim... do que significa aquele momento assim.

Autor: E como você acha que isso, a personalidade dele naquele momento, como isso interferiu ali na gestão dele do CD e depois na divulgação?

CLAUDIO

Ele é um cara muito querido né? O Dexter ele não foi pro *hip hop* na cadeia, ele não virou rapper lá... ele já era rapper antes.

Autor: Mas lá ele teve prestígio, vamos dizer assim?

CLAUDIO

Não. Acho que... o prestígio tem que ser atribuído ao sucesso. Agora ele... ele... na década de 90 ele andava com o Brown, com os cara do Racionais MC's, eles iam pra Paulista atrás de *skin head*, tá ligado? Eles eram um bando mesmo, uma gangue mesmo que queria enfrentar o inimigo. Então... eu nem acho que o prestígio que ele conquistou no hip hop seja do disco, acho que já tinha um prestígio... ele jogava bola com o Brown, tinha uma quadra lá que os Racionais alugavam todas as terças feiras e ele ia toda terça lá jogar com o Brown antes de ser preso... ele jogava com a galera do Racionais, sabe? Então, ele é um cara que já tinha prestígio no meio, sabe? Então eu acho que quando há o rompimento do 509-E, na minha opinião, o que há é o seguinte... é que toda galera, é... que ele foi muito mais rápido que o Afro X né? Então, toda a galera que sempre quis bem ele, que é a galera que sempre ajudou ele quando ele tava preso, que foi a galera que ajudou a pagar os alugueis dele, que ajudou ele a comer, a comer melhor lá dentro... que sempre que tinha uma necessidade se apertava aqui e ali pra poder ajudar. Essa galera, essa galera fica afim de colaborar para que ele



não se perca nesse caminho né? “Ah, rompeu aí cai no ostracismo né?”. Essa galera fica mais ativa, mais ligada pra poder fortalecer ele, pra poder ajudar ele a voltar... a se manter ali na ativa. E aí essa galera se mobiliza em torno disso entendeu? Aí você vê né o GOG, Thaíde, MV Bill, Brown, o próprio Di Função que esteve com ele no sistema penitenciário. Essa galera aí fica toda ligada entendeu? Pra ajudar.

Autor: Entendi. E aí tem aquela questão de ele ser transferido toda hora. Depois do episódio com o Conte ele... a gente conversou [autor e fonte] que ele passou por 17 presídios, né? Como você via, é... como isso afetava ele na sua opinião enquanto artista, compositor?

CLAUDIO

Pô isso atrapalhava demais. Isso atrapalhava ele enquanto pessoa porque todo trânsito é um puta rebento. Às vezes tá indo pra uma cadeia no “fim do mundo”, o carro passa em vários lugares pra depois poder chegar lá. Então às vezes não chega no dia e para num lugar e fica na triagem e as condições são totalmente... são piores do que a condição do preso que já está instalado. Isso também tirava ele de cena. Ele sumia por algum tempo até surgir de novo. Até eles chegarem em um local e conseguir se instalar e conseguir refazer os contatos... se reconectar. Isso atrapalhava bastante e também com certeza deve ter... isso só ele pode dizer... mas deve ter algum desequilíbrio psicológico e também colaborar para isso, entendeu? Toda vez que tinha transferência era transtorno, cara. Transtorno aí de no mínimo duas semanas. Dez dias, quinze dias de transtorno. Ficava fora do ar. Eu lembro bem de uma vez que ele ficou em trânsito em Pinheiros. Pra onde ele foi? Hum, acho que foi quando ele saiu de São Vicente e subiu... aí ia pra Bernardes. Aí ele ficou parado em Pinheiros, tipo quatro dias. O bonde veio, deixou ele em Pinheiros e depois sumiu e só voltou depois de quatro dias. Em Pinheiros ele ficou lá esperando pra onde ia, porque ele estava em trânsito, entendeu? Era foda.

Autor: Depois disso ele foi pra Bernardes né? Você tinha comentado comigo que as condições eram ruins né?

CLAUDIO

É, Bernardes tem Bernardes 1 e 2. Bernardes 1 é o regime fechado e Bernardes 2 é o RDD, que é o regime disciplinar diferenciado, que é o castigo né. Ele ficou em Bernardes 1... mesmo é... qualquer preso que vai para Bernardes, Bernardes tem fama de ser quartel general do PCC. Então qualquer preso que vai pra lá, pra sair de Bernardes... para sair de Bernardes tem dificuldades depois porque é... os diretores das outras penitenciárias não aceitam porque lá tem essa fama de ser quartel do PCC. Então, para ele sair lá de Bernardes foi uma dificuldade imensa. Aí pra tirar ele de Bernardes foi outro movimento político. Tem um advogado, que é um advogado negro, do movimento negro, que é um advogado chamado Hedio Silva Junior. Esse cara, ele era do PT e tal aí ele saiu do partido e se filiou no DEM. Até acho que aquela frase do Cláudio Lembo ("A culpa é da elite branca") foi influenciada por esse cara. Esse cara é amigo Claudio Lembo. E aí, ele se filiou no DEM e virou Secretário de Justiça. Foi o período que o Alckmin estava saindo para ser candidato a ser presidente e o Claudio Lembo era governador.

Autor: Com isso a gente conclui que ele fez o disco em uma condição muito ruim então né?

CLAUDIO

É, muito ruim. Mas em São Vicente a diretora era amiga, era a dona Andreia a diretora. Ela ajudava.

Autor: Foi onde ele ficou mais tempo depois que saiu do Carandiru?

CLAUDIO

Eu acho que ele ficou mais tempo em Bernardes...

Autor: Então antes desse movimento político que você falou né... que pode ter sido o envio dele pra Bernardes, ele fica mais tempo em São Vicente, onde as condições eram melhores para ele?

CLAUDIO

Eram boas em São Vicente, por que? Porque a diretora era simpática, né... lá quando ele chegou já tinha rádio. Já tinha uma estrutura de rádio. Então, ele chegou e ele foi potencializar o trabalho que ali tinha, entendeu? É já tinha uma diretoria que era aberta para a cultura é... como uma estratégia também de ressocialização.

Autor: Lá, se eu não me engano, o Tico estava lá também não é?

CLÁUDIO

Eu acho que não. Acho que o Tico não chegou a ir pra São Vicente não.

Autor: Tem uma entrevista que fala isso... que quem ajudou o Dexter a gravar lá era o Tico e o Di Função.

CLÁUDIO

Ah sim, mas eles estavam na rua. Eles ajudaram estando na rua.

Autor: Vamos retornar ao surgimento do Dr. Hedio então. Acho que desviamos um pouco.

CLAUDIO

É aí, o que acontece... eu procurei o Hedio. Aí falei com o Dexter: olha, conheci um cara. Ele foi Secretário de Justiça do estado de São Paulo e ele com certeza tem relação com o Nagashi, que era o secretário de Administração Penitenciária e ele pode nos ajudar a te tirar de Bernardes. Aí ele falou: pô, tenta lá. Aí eu fui. Procurei o Hedio só que ele falou que não estava advogando: “eu estou só dando aula e tocando aqui a entidade”. E ele estava dando uma consultoria para a Febraban, uma consultoria sobre diversidade racial nos bancos. E isso tava tirando muito tempo dele, tava ocupando muito o tempo dele. Ele falou: olha, eu tô... tô nessa consultoria aqui, é um negócio grande e não tô assumindo caso, nenhuma ação por causa disso. Mas insisti para pelo menos conversarmos. Aí eu falei com o Dexter, o Dexter conversou com o Edi Rock, com o Brown e aí quando eu marquei o almoço lá, foi eu o Edi Rock e o Brown falar com ele. Acho que com a presença do Brown ele se sentiu mais na responsabilidade. Aí ele topou assumir o caso. Daí a primeira ação dele foi ir no Nagashi Fukawa, primeira coisa que ele fez, marcou uma audiência com ele e pediu pra trazer o Dexter de volta. Ele tinha uma relação de muita proximidade com o juiz corregedor de Campinas. Eu fui com ele em Campinas para poder falar com o juiz corregedor e aí ele conseguiu a partir dessa relação que ele tinha, porque essa relação se constituiu a partir da construção da Cidade Judiciária em Campinas. Quando ele era secretário, ele viabilizou a construção da cidade judiciária. Aí ele estabeleceu uma relação de amizade com esse juiz corregedor, o que facilitou a vido do Dexter para Campinas. E aí ele ficou no semi aberto, de Hortolândia. Eu estive com o GOG lá. Eu estive duas vezes em São Vicente e uma vez em Hortolândia. No presídio, ele fez um evento lá uma vez... o Dexter em Hortolândia, na Comarca de Campinas.

Autor: O evento lá foi o que?

CLAUDIO

Foi uma espécie de oficinas de hip hop, bate papo, com música e troca ideia. Foi bem legal.

Autor: Isso muda a lógica de pensar do judiciário apenas como opressão né?

CLAUDIO

Não, não. Tem pessoas que querem colaborar né. Que acreditam na ressocialização das outras pessoas né. É bem legal. Conheci um monte de gente legal assim. Eu diria pra ti que o próprio Nagashi Fukawa não era um cara do mal não. Eu tive em duas audiências com ele. Uma... essa aí com o Hedio e outra com o Vicente Cândido pra falar do caso do Dexter. Ele sempre foi receptivo. Ele nunca foi um cara que “não quero receber porque é desse caso”, “não quero receber porque eu não falo com advogado de preso e tal”. Ele até tinha essa postura, mas no nosso caso ele foi receptivo. No nosso caso ele foi receptivo.

Autor: Você se coloca como um articulador nesse caso do Dexter?

CLAUDIO

É. Acho que o meu papel é mais esse. Um cara que articulou, um cara que ajudou a articular um monte de coisa.

Autor: E essa relação vocês estabeleceram a partir de quando?

CLAUDIO

No 509-E. A partir do 509-E. Quando teve a negociação para o lançamento do segundo disco do 509-E, é aí que eu surjo. E aí, como eu era um cara do hip hop, mas que estava no governo, eu me envolvi pessoalmente. Eu me envolvi enquanto pessoa no projeto, né? E aí eles viraram meus amigos. Conheço toda a galera de São Bernardo/SP, que colava com o 509-E, tá ligado? Eram 13 pessoas no time. Eu conheço toda a galera. E aí ele consegue o meu telefone e a gente fica se falando. Desde então a gente se falava. A gente se fala sempre. Eu acho que ele... é um sentimento que eu tenho. Eu acho que ele acaba... daquele time... da galera de São Bernardo e tal... ele acaba confiando mais em mim porque aquela outra galera era a galera que morava lá no bairro e tava muito mais próxima do Afro X naquele momento. Então ele acaba adquirindo uma confiança maior em mim, entendeu? Porque eu era o cara fora do “bolinho”, sabe? É mais ou menos isso.

Autor: Talvez pelo Afro X estar fora também, desvia o foco do Dexter? E você lembra como eram esses episódios de divulgação do disco “Exilado Sim, Preso Não”? Se ele podia fazer shows... se ele saía da penitenciária...

CLAUDIO

Cara, vou falar uma coisa pra você, é todo mundo estava na expectativa de um trampo do Dexter. Então, quando o Exilado [disco] surge, ele já surge com uma demanda reprimida. Então... e assim... e todo mundo que era do hip hop queria dar uma mão pro Dexter, sabe? Então, sei lá, o Ice Blue, que tem programa na rádio... o Rappin Hood, que tem programa na rádio. Esses caras queriam logo o trampo pra poder pôr na rua, queriam divulgar, queriam colocar o trabalho na rua. Quando nós fizemos o show, o primeiro show que ele fez depois dessa turbulência toda que foi lá na quadra do Peruche, o primeiro show, que foi gravado o DVD.

Autor: Isso em 2009? O primeiro Dexter & Convidados, que vai o Brown e tem uma galera no palco?

CLAUDIO

Isso vai o Brown, vai Paula Lima, vai Rappin Hood... vai um galerão. Quando nós fizemos esse show é todo mundo queria tá, véio. Foi o Realidade Cruel, foi o Rappin Hood, foi Racionais, foi Paula Lima, foi todo mundo, foi GOG... GOG veio de Brasília só pra isso, entendeu? Então todo mundo queria estar, de alguma forma dar uma fortalecida no Dexter, entendeu? Então, tinha esse nome... tinha muito apelo, entendeu? Então o Dexter... o GOG fala que ele é o Mandela brasileiro. O Dexter, talvez seja, o caso mais emblemático do que essa galera toda pregou a vida inteira, que "o hip hop salva", é real entendeu?

[Dexter liga e a conversa necessita ser interrompida].

CLAUDIO

Ele, na minha opinião, é a principal figura desse discurso dessa galera do hip hop de que o hip hop salva, entendeu? Porque ele é um cara que, cara... cometeu seis assaltos a mão armada... seis assaltos a mão armada, um homicídio... e ele foi pra lá... a condenação original dele é de 52 anos de cadeia, véio. Imagina, um cara com 52 anos de cadeia é... se abraçar no hip hop e produzir tudo isso que ele produziu sem saber no que vai dar, porque ele não sabia no que ia dar a cadeia dele... as cadeias dele. Ele não sabia, ele era um preso que não tinha perspectiva nenhuma. Como eu te disse, a mãe dele passava situações de dificuldade extrema. Eu fui... eu sou testemunha viva. Eu fui na casa dele um dia dez horas da noite levar R\$ 50 pra mãe dele comprar comida, velho... coisas básicas. Eu fui. Entendeu? Ele... ele só teve essa condenação de 52 anos porque os processos dele não tinham continuidade. Essas mudanças de presídio atrapalhavam a defesa dele, essa... a falta de grana, porque nem sempre tinha grana também atrapalhava ele. Ele nunca tinha dinheiro para os advogados, ele não tinha

grana. Então, ele não tinha muita perspectiva de conseguir uma boa defesa que garantisse para ele penas brandas e que ele voltasse pra rua. O que deu perspectiva para ele foi o hip hop, foi o hip..

Autor: Tem uma dualidade nessa história porque ele afirma que assaltou para bancar um CD não é? O cara da gravadora leva um “cano” e ele já tinha chamado os Racionais para a produção...

CLAUDIO

É isso. Aí ele foi preso, foi para um semi aberto e foge né? Mas aí falam, pô o cara tá no semi aberto e foge? Velho, quando tem rebelião, quem não se rebela está no time contra, irmão. Entendeu? A regra é simples. Não tem esse negócio de “ah tem rebelião, eu vou ficar quietinho porque eu só tenho mais seis meses para tirar e daqui a pouco eu estou na rua”. Não, filho. Está todo mundo junto. Se não se rebelar está... é adversário entendeu? Então também teve isso. Então... é essa loucura aí. Aí nessa fuga ele comete cinco assaltos a mão armada. Louco né? E aí cada uma dessas... desses assaltos... foram julgados individualmente, quando teriam de ser julgados conjuntamente por serem crimes sequenciais...

Autor: Isso ele conseguiu depois, não é? Essa comutação de pena...

CLAUDIO

Conseguiu... Aí caiu de 52 anos para 13 anos.

Autor: Toda essa espera do público então culminou para um maior sucesso dele então?

CLAUDIO



É mano... era uma demanda represada, juntando mais com a agonia de todas as figuras do hip hop que também tinham esse desejo, que queriam colaborar com aquilo... que o bagulho viesse.

Autor: Que colaboraram, não é?

CLAUDIO

Que colaboraram, isso. Teve muita gente que correu junto com o Dexter. O Brown correu muito junto. Ele é um cara que corre muito junto com o Dexter. Edi Rock, correu muito junto. GOG correu muito junto, o MV Bill também correu fortíssimo.

Autor: Formou uma rede ali em volta dele né...

CLAUDIO

Era uma rede muito forte né? A rede do Dexter era: Brown, Edi Rock, GOG, Rappin Hood, MV Bill, Di Função, Realidade Cruel... quando a esposa do Dexter ia visitar ele em Hortolândia, quem buscava ele na rodoviária era a mulher do Douglas do Realidade Cruel, junto com o Douglas. Ela ficava hospedada na casa do Douglas e de manhã quem levava ela para o presídio era o Douglas e a mulher dele. Essa galera toda fechou. Todo mundo ajudou. Dexter teve muita colaboração assim. O forte da luta é dele mesmo, né? Não tem jeito, quem aguentou o sofrimento era ele, quem suportou tudo, a perseguição que ele sofreu no sistema prisional, é... coisa de tortura... é perseguição para torturarem ele mesmo... mentalmente... mas ele venceu! E a vitória dele eu atribuo ao hip hop. Ele é o principal fruto do termo "hip hop salva". E uma galera fala isso né, e fala porque sabe qual o papel que o hip hop teve em várias quebradas aí do Brasil a fora, pra fazer a cabeça de uma molecadinha que estava totalmente sem perspectiva, não é?

Autor: Como você via a participação dele no próprio trabalho? Ele dava conta praticamente sozinho do próprio trabalho? Como você enxergava isso?

CLAUDIO

Ah, eu achava que era uma loucura, né? Mas... eu sempre achei que era uma loucura, mas eu também acho que se não fosse ele, não rolaria. Passaria outra impressão, né? Passaria a impressão de que ele estava com condição de terceirizar o trampo... então se ele estava com condição de terceirizar o trampo, porque ninguém trabalha de graça, isso teria um custo muito maior do que teve. Por exemplo, na gravação do DVD eu paguei a grua, eu paguei... se fosse uma produtora que me procurasse pra ajudar na grua eu acho que eu não ajudaria não. Mas foi ele né: “E aí, Claudinho tem como me ajudar?”. Entendeu? Então, é isso.

Autor: Ele corria atrás né?

CLAUDIO

Ele corria atrás das coisas. Era ele, era o cara. Então todo mundo ajudava. Todo mundo fortalecia de certa forma.

Autor: Acho que tendo a visão de alguém que estava próximo ali, deu para absorver muita informação. Aí acho que, para finalizar, como você resume assim... esse período do Dexter pós 509-E e início da produção do “Exilado”...? Achei louco isso porque só depois de 4 anos de disco ele consegue gravar o primeiro DVD.

CLAUDIO

Acho que se tivesse uma palavra que a gente tinha que atribuir a tudo isso, na minha opinião, é superação. É... acho que esse palavra resume tudo, tá ligado? Agora, eu acho que o Dexter é um cara diferenciado, acho que ele é um cara diferenciado do ponto de vista... porque ele não era só um cara preso, né? Ele era um cara preso há mais de dez anos. Era um cara preso há muito tempo, né? Que tá com tudo... com todo o acesso às revoluções que estão ocorrendo, tudo prejudicado né? E ele conseguir se desdobrar e fazer tudo que ele fez assim... é, acho que é um cara de uma capacidade empreendedora assim, fora do normal... fora do normal... acho que é isso. Ele saiu e rapidamente conseguiu comprar a casa dele. Está pagando ainda, mas tá instalado. Então é um cara extremamente empreendedor.

Autor: Você vê essas tentativas de colocá-lo em trânsito para outros presídios como, talvez uma estratégia do sistema penitenciário, de isolar o cara pela “mente pensante” dele, pelo fato de ele ser um líder?

CLAUDIO

É isso. Ele tinha uma capacidade... o cara que tem uma capacidade de gravar um CD... o cara que tinha capacidade de, preso, produzir, gravar, fazer capa, montar estratégia de divulgação, pôr para tocar e até de vender show... o cara tem uma capacidade organizativa fora do comum. Para um sistema que quer o cara lá deprimido, mofando, ele era muito perigoso... muito perigoso.

**Decupagem da entrevista realizada com Marcos Fernandes de Omena, conhecido como Dexter, no dia 14 de out. de 2016, às 14h.**



**Foto tirada no momento da entrevista, realizada na casa de Dexter, que também funciona como escritório do músico, em São Paulo.**

Autor: O estudo é com base nos Estudos Culturais, uma corrente que existe e dá enfoque nas práticas culturais também como uma forma de resistência e não só de dominação. Como um programa de TV, por exemplo, que pode ter conteúdo capaz de alienar uma população. O rap, o movimento hip hop vai em outra direção, no sentido de informar... você é um cara que teve prestígio dentro do hip hop desde 1994, quando você começou...

## DEXTER

Comecei em 1990, na verdade... o primeiro disco... em 1993. Na Coletânea Projeto Rap Brasil Volume I, que eu participei aí o nome do grupo era *Snake Boys* ainda, não, minto... é, era *Snake Boys* ainda. Logo em seguida a gente mudou para Tribunal Popular e tal porque a gente passou a entender, é... que devíamos valorizar o que era nosso, ou o que é nosso. Então a gente passou para Tribunal Popular, que era uma espécie de tribunal do povo, onde o povo fazia as suas reclamações e a gente transformava em música. Então esse foi o primeiro grupo que eu tive: *Snake Boys*. Começou em 1990 e em 1993 eu mudo o nome para Tribunal Popular. Em 1993, eu gravo também a primeira

música: Animais Irracionais, que era uma música... que é uma música, na verdade, que fala sobre a ação da polícia no Carandiru em 1992, no Massacre... e fala de racismo também, fala de vários problemas sociais aí que a gente enfrenta. Mas, quer dizer, na verdade era uma música mais direcionada para essa pauta aí: o racismo e também a ação da polícia dentro do Carandiru naquela ocasião. Bom, aí a partir de 1993 a gente vira Tribunal Popular, entendeu? Então aí você pode continuar...

Autor: Aí tem a sua história de tentar gravar o disco. Você chama o Edi Rock e o Mano Brown para gravar, o cara da gravadora...

DEXTER

Patrick, você não se incomoda, irmão? Eu vou falando aqui e vou comendo... porque eu estou morrendo de fome.

Autor: Não, que isso. Tranquilo. E bom... aí o cara da gravadora é lesado financeiramente pelo sócio e você tem a produção do disco ali naquele momento inviabilizada e recorre ao crime para tentar produzir esse CD... aí você é preso, sai em uma rebelião e volta mesmo para cumprir a pena...

DEXTER

É... realmente. Eu vou preso por conta dessa minha vontade de também querer gravar e tal e assim né mano? Nós da periferia sempre tivemos... sempre temos a disposição, tá ligado? De fazer tudo que for necessário para ficar bem. Obviamente que tem dois lados, né? A gente pode... a gente pode, não... a maioria, obviamente que trabalha, carteira assinada e tudo mais e... passa ou engorda essa estatística né, cara? De trabalhador padrão que o sistema escraviza. Ou você também já tem uma certa revolta com as coisas e você vai tentar buscar da melhor maneira possível. E da maneira mais rápida porque é imediato as coisas muitas vezes né? Então, eu estava sim

precisando de uma grana para gravar, para poder pagar... pô, imagine você... eu, adolescente, jovem, gravando o meu disco... o meu primeiro disco solo... com os caras que eram as maiores referências que eu tinha e, de repente, o dono da gravadora fala para mim que ele foi lesado pelo sócio e que ele não vai poder mais bancar. Mano, endoidei. E aí infelizmente, toda essa minha disposição que hoje eu canalizo para fazer o bem, para cantar sobre coisas boas e importantes. Não que na época eu também não cantasse, eu cantava. Mas eu canalizei para tentar descolar um dinheiro mais rápido possível, né? Conhecimento eu tinha, eu tinha essa base também. Todo jovem de periferia, infelizmente, ele tem essa base. Essa base tá lá. Basta ele analisar a ver como que é, como que não é e rapidinho ele vai aprender. Né? O Edi Rock fala em uma música dele, Mágico de Oz, que o “garoto se espelha em quem está mais perto”. É isso. Eu também me espelhei sempre em quem estava mais perto, morô? Eu não queria ser operário padrão igual a minha mãe era. Entendeu? Minha mãe, infelizmente, ela não me ensinou a ter gosto para ser um operário padrão, morô meu? Muito pelo contrário, ela só dizia para mim que isso era ser o honesto. Mas não é o suficiente... enfim. Chega um determinado momento que você vai pra cabeça também, você quer construir seu sonho. Seu sonho, muitas vezes quando você é jovem, ele não tem preço. E aí eu fui buscar esse dinheiro da maneira que eu achei, naquele momento, mais eficaz, porém, obviamente que é totalmente errada. Mas eu quis buscar esse dinheiro para o meu trabalho... que o meu trabalho saísse... porque eu também queria ser escutado, eu queria ser ouvido pelas pessoas. Eu também queria falar.

Autor: É o seu lugar de fala né? Você queria tê-lo na sociedade... o operário padrão muitas vezes ele não tem né, ele está na engrenagem ali...

DEXTER

Exatamente. Porra, ele sai cinco horas da manhã, quatro horas da manhã de casa e só volta a noite. Não tem nem tempo de ver os filhos crescerem, de dar uma educação um pouco mais refinada vamos dizer assim... ele não tem

condições para isso. É um sistema escravagista, né meu? Que a gente vive... infelizmente. Então, eu sempre fui cavalo selvagem. Eu sempre burlei a vigilância, né? Sempre de uma forma ou de outra, inclusive a vigilância da minha mãe. Minha mãe falava: “menino, não vai... hoje você não vai sair e tal. Hoje eu vou trabalhar e você não vai sair”! Pô, minha mãe virava as costas e eu saía, meu.

Autor: Ia brincar com os cavalos né...

DEXTER

É (risos). Eu ia brincar, eu ia andar a cavalo na rua de trás de casa, lá... tinha um matagal lá malandro, um sítio lá, uma fazenda, sei lá que que era aquilo lá meu. Vários cavalos lá e oxe... eu e a molecada da favela lá, eu e a molecada da favela, eu pegava os cavalos e ia andar filho... então, Patrick... quer dizer, desde criança né, cara? Eu fui criado... eu fui criado de uma maneira rígida, ríspida, porém, me dava muito mais vontade de driblar a vigilância porque eu não fui criado para isso. Não nasci para isso. Minha personalidade não era essa. Não é que eu era um menino mal ou menino ruim. Não é nada disso. Eu só queria minha liberdade. Com 15 anos eu já queria né, mano... sair de casa para voltar quatro horas da madrugada e o caraio... minha mãe não deixava, tanto é que eu fiz o que? Que eu saí da minha casa e fui morar com a minha irmã. Morô? Porque eu queria a minha liberdade. A minha irmã ela tinha uma cabeça mais aberta. Ela sabia que nós éramos adolescentes, jovens, que gostavam de curtir a festa, os bailes...

Autor: Isso em Itapeva/MG né?

DEXTER

É... com quinze anos eu vou parar em Itapeva/MG, mas até então eu moro no Jardim Calux, em São Bernardo com a minha mãe. Então, a única coisa que

eu queria era sair para dançar, meu. E a minha mãe não deixava. Eu achava isso um absurdo. Eu só queria ter a saidinha no Calux para dançar... e fui algumas vezes, por quê? Porque burlei a vigilância... fui teimoso, fui... os caras da quebrada me levavam. Mas eu gostava daquilo... da música. Entendeu? Então era isso. Por muitas vezes, infelizmente, você acaba cometendo erros e que podem ou não, é... te ajudar na sua criação, mas na criação que vem da rua, tá ligado? Não a criação de casa.

Autor: A trilhar o seu caminho mesmo...

## DEXTER

Exatamente... você vai apanhar na rua... ou melhor, das regras da rua. Você vai aprender a viver e tal... e infelizmente ou felizmente, para mim foi assim. Eu... as regras da minha mãe, elas se aplicavam muito em prender, prender, prender... tá ligado? Alagoana, nordestina... ela foi criada assim pelos pais dela. Eu fui entender a minha mãe, para você ter uma ideia... anos depois, meu. Nessa época eu tinha raiva, inclusive da minha mãe, sabe? Eu tinha uma certa neurose, da minha mãe e com a minha mãe. Por que? Porque ela queria me prender. Então o nosso relacionamento era muito pautado nisso, mas tempos depois eu fui entender a minha mãe. A única coisa que ela queria era que eu crescesse sendo uma pessoa honesta, trabalhadora e tal... ela queria que eu fosse crente... essa coisa toda... enfim, geralmente é assim na periferia. Mas assim, mano... mano... eu sempre fui muito cavalo selvagem... pô, eu sou de Leão né, cara? Então... liberdade total. Ao mesmo tempo que eu sou muito carinhoso, muito amoroso e pá, eu também sou de resolver, entendeu? Sou de chegada também... enfim, foi isso que aconteceu quando eu me deparei com essa dificuldade de: "pô, e agora? O que que eu vou fazer para bancar esse disco? Como que vai ser"? Não pensei duas vezes, mano. Infelizmente ou felizmente, porque... eu aprendi muito com esse processo todo, também. Então assim... graças a Deus... Deus me proporcionou um aprendizado, o que poderia ter sido a morte também... poderia ter chegado de uma outra forma, né? Mas graças a Deus, Patrick, foi



assim, um aprendizado muito importante pra mim... muito grande... muito grande! Cresci como pessoa, cresci espiritualmente falando, sabe? Então, mano... eu, talvez... não sei se um dia você vai ouvir isso de alguém, mas... eu te digo com todo o... com toda a certeza do mundo, foi importante o meu período no exílio. Foi muito importante. Eu cresci muito. Aprendi a respeitar o limite das pessoas, aprendi a respeitar o defeito das pessoas.

Autor: É um lugar humano né? Você costuma dizer...

DEXTER

Exatamente. É um lugar muito humano, cara. Independente de qualquer fita, de serem criminosos. É um lugar onde o sistema nem tem ideia disso. Porque o sistema carcerário ele funciona exatamente como o sistema quer, entendeu? Você vai dizer que o sistema carcerário é falido? É falido para nós, mas para o sistema ele funciona como um relógio. É aquilo... eles te colocam lá dentro, você vira apenas um número e por aí vai... e a lógica da coisa e que você vá e volte, vá e volte... até o dia que os caras resolverem zerar você. Simples assim. Funciona muito bem. Entendeu? Funciona pra caralho. E por ele funcionar dessa forma e eu já conhecer o hip hop e o hip hop me ensinou a pensar, em especial o rap, eu entendi a jogada.

Autor: Você chegou lá munido, podemos dizer assim?

DEXTER

Eu cheguei vacinado... eu cheguei vacinado. Então, é... mas demorou um tempo para entender o “estar”, o “estar” lá dentro. Demorou um pouco, tive que observar muito, ouvir mais e falar menos. Na cadeia não sei fala muito. Quem muito fala na cadeia dá bom dia a cavalo... uma hora ou outra acaba... né mano? Então ao mesmo tempo que ele é um lugar muito humano ele é um lugar muito frio. Então se você souber conviver... eu convivi treze anos.

Graças a Deus, mano, saí sem precisar matar ninguém e também saí graças ao meu bom Deus sem precisar morrer, entendeu? Então eu tive que aprender a conviver. Eu fiz amizades, grandes amizades. Eu tenho grandes amigos hoje em dia que eu conheci na prisão, pessoas que pararam com o crime, outras pessoas que não pararam também e que vira e mexe eu encontro nos meus shows, mas assim, é uma escolha de cada um né mano? E eu respeito. A minha música, ela... com a minha música eu procuro fazer a diferença e se esse cara que continua no crime ainda vai no meu show, ainda há esperança né? Se ele vai lá ouvir o Dexter e tal... o que o Dexter tem a dizer e relembra tudo que a gente passou através das minhas músicas naquele lugar, ainda há esperança. Então o meu objetivo é esse, irmão, é fazer com que a minha música chegue da melhor maneira possível às pessoas e que ela faça a diferença na vida dessas pessoas da melhor maneira possível também.

Autor: Acho que você tocou em um ponto importante aí, que é justamente o que eu vou tentar abordar na pesquisa: esse momento no sistema prisional. Você vai para o Carandiru, lá se junta ao Afro X e montam o 509-E. O primeiro disco tem uma repercussão grande, mas a partir do episódio com o deputado Conte Lopes, que era para ser um debate, mas pelo meu entendimento ele não obedeceu muito a proposta...

## DEXTER

Nós também estávamos totalmente despreparados para o momento. Não era para ter sido daquele jeito... não era nem para a gente ter ido, mas a ânsia de fazer justiça era muita, morô meu? Já com o conhecimento do rap e muita leitura baseada em liberdade e muitos outros conhecimentos, sabendo o que o sistema faz, a gente queria vingar, entendeu? Era uma espécie de: “vamos vingar os nossos irmãos e irmãs que esse cara já matou, que esse cara”... enfim. Mas, no fundo, no fundo... nós estávamos totalmente despreparados também. A gente não tinha, é... uma preparação 100% para dialogar. Não era para ser um debate, era para ter sido uma mesa de diálogo, o que hoje seria.

Claro que contrapondo todas as opiniões dele e tal... porque as opiniões dele não são as mesmas que as minhas, obviamente. A gente iria contrapor. Mas seria uma conversa com ética, com respeito, tá ligado? Embora... esse respeito... respeito que eu digo pelo programa, pela ideia, pelo tema, morô? Mas infelizmente não dá para você dizer que respeita um ser humano que só pensa em fazer tudo aquilo que ele pensa...

Autor: Eu vi que você, inclusive, começa com uma pergunta sobre as diferenças entre alguma pessoa pobre que comete um crime e um rico que faz isso à maneira deles. Daí ele responde que não rouba e afirma: “você que rouba, estupram e matam”.

DEXTER

Isso, ou seja, ele já generaliza... para você ver como que funciona o sistema. Eu nunca... eu, obviamente, nunca fui estuprador e ele me acusa de ser estuprador. Eu nunca fui traficante, ele me acusa de ser traficante, de ter sido traficante ou de ser um traficante né... na época. Então você vê que é o seguinte... nem o meu histórico ele sabia. E o sistema, ele coloca todo mundo no mesmo... né meu? É farinha do mesmo saco e tal... quando na verdade, dentro da própria prisão, não é assim que funciona. Existem condições de estar e não estar. O estuprador não fica no convívio comum porque nem o próprio crime aceita esse tipo de...

Autor: Conduta?

DEXTER

Conduta é uma ótima palavra, mas eu queria dizer de: ação. De... enfim... o próprio crime também não aceita porque o criminoso também entende que poderia ser a mãe dele, a irmã dele... então, enfim, o próprio crime não aceita. E aí você vê que ele totalmente despreparado também ou querendo

inflamar uma plateia, uma sociedade contra aqueles dois reeducandos que estavam ali na frente dele, batendo de frente com ele... é... inflamando... querendo jogar contra.

Autor: Querendo ou não ele tinha mais poder nas mãos do que vocês...

DEXTER

Sim. Ele é um deputado. Naquele momento sim, ele era um deputado. Tanto é que é o seguinte... tanto é que é o seguinte não... em um determinado momento ele diz o que? Que eu não sou exemplo para ninguém.

Autor: Exato. Aí você fala: “ué, então eu vou voltar...”

DEXTER

Então eu vou voltar a pá... porque eu estou aqui... fazendo música. Estou mostrando que é outro caminho e tal. Inclusive, nas músicas que eu canto eu deixo muito bem explicado para os jovens e para as crianças e até os adultos também que o crime não é o caminho. Então você vê também que ele estava despreparado. Se ele estivesse preparado ele poderia também conduzir de uma outra maneira: “não Dexter, é o seguinte, hoje eu te vejo como exemplo, eu vejo você aí fazendo músicas. Então é o seguinte, vamos tentar conversar para gente chegar em um denominador comum”. Ele também não estava preparado. O que que ele queria? Ele queria acusar... ele só queria acusar, bater com palavras e ponto. Fazer com que a gente saísse de lá massacrado, entendeu? Pela sociedade, pela plateia e tudo mais... mas quando ele viu que era... né mano? Pelo menos da minha parte falo eu, que era um pretinho zica também... ele pá, entendeu? Mas o que acontece, ele resolveu partir para a ignorância. E se eu te disser uma coisa você não vai acreditar. Quando o programa termina, que a gente volta para o camarim, ele vai lá no camarim me cumprimentar, meu. Ele foi lá me cumprimentar, meu. Ele falou,

ele falou... eu estava, estava... a Cássia Eller veio falar comigo que ela ia se apresentar no programa também e ela veio me dar os parabéns pela troca de ideias... eu acho que de forma alguma eu mereço os parabéns, acho que fui muito mal no debate. Não achei que fui bem. Eu só queria fazer justiça, só isso. E às vezes a ânsia das coisas acaba atrapalhando um pouco, né? Sua maneira de ver, de pensar... eu poderia ter posto na mesa de uma outra maneira, enfim... não me arrependo, foi importante para a época, certo? Mas se é hoje era uma outra ideia, uma outra conversa e hoje eu acho realmente que é... eu ganharia a troca de ideias, o debate... sem precisar ser agressivo. Eu fui agressivo na época.

Autor: Isso acontece e o Conte entra com o pedido para travar a saída de vocês...

DEXTER

Óbvio. É inadmissível dois reeducandos, ou dois ladrões...

Autor: Ladrões, assaltantes e estupradores na visão dele, né?

DEXTER

E traficantes, na visão dele, é... continuar saindo e ganhando dinheiro e falando o que tem que falar para ele. Inadmissível. Em dois dias o processo estava todo resolvido. Não sai mais. Acabou. Dois dias...

Autor: Afetou também o Afro X na época?

DEXTER

Afetou todos nós né, mano? Nós éramos um grupo.

Autor: Mas eu digo, afetou o 509-E... não foi nada relacionado a sua pessoa, especificamente, ou a do Afro X...

DEXTER

Não. Foi o grupo. Agora, obviamente que eu, Dexter, fiquei na visão dele, fiquei como o mais perigoso, tá ligado? “Esse Dexter aí é o mais perigoso, ele tem mais base, ele fala mais, ele bate mais de frente”. Entendeu? Foi o que chegou para a gente inclusive lá. A diretora me chama e fala: “pô Dexter, como você faz aquilo?”. Enfim... o Dexter ficou como o mais perigoso. Tanto é que, depois da rebelião... enfim... os caras do Choque me deram uma escudada aqui no supercílio aqui e cortou e tal. E eles falaram que era um recado do Conte Lopes para mim. Eu fiquei de joelhos. Eu desci do quinto andar até o primeiro andar de joelhos, com um cachorro aqui... um pastor alemão aqui latindo do meu lado e... e com a outra parte do 509-E não aconteceu isso. Saiu andando e tal... algemado e tudo, mas andando. E eu fui posto em um bonde para o Anexo. Para Bernardinho ou Venceslau, alguma coisa assim. É... e a outra parte ia para Franco da Rocha, foi para Franco da Rocha. Só que aí a minha advogada rápido entrou em contato lá e tal... e conseguiu me tirar do bonde. Mas era para eu ter ido ao anexo, entendeu?

Autor: E o que representava assim... você ir para o Anexo? Seria pior? É uma condição pior do que ir para Franco da Rocha, por exemplo?

DEXTER

Lógico. É totalmente pior. Você fica em uma sala sozinho. Acho que são duas horas de sol, não me lembro mais agora quanto tempo... mas acho que são duas horas ou uma hora e meia de sol e você tá sozinho né mano. E é uma cela para cada indivíduo, você fica sozinho e é uma prisão de segurança

máxima mesmo. Agora, a condição de um cara que apenas cometeu um assalto. Não que não tenha uma gravidade, óbvio. Eu estou empunhando uma arma. É óbvio que tem uma gravidade, mas eu fui assaltar. Não fui matar, não fui estuprar, entendeu? Enfim... não matei um diretor de cadeia, não matei um agente penitenciário, enfim... essas coisas que te levam para o Anexo ou você fazer parte de qualquer facção, enfim... você liderar, você ser um líder. Agora, não precisa para parar no Anexo ser um líder apenas de facção. Você pode ser um líder no pensamento, né? Você pode ser um líder, tá ligado, é de várias formas... e a partir do momento que essa forma, ela contribui para o enriquecimento intelectual das pessoas, você é um cara perigoso.

Autor: Talvez até mais do que um cara que mata...

DEXTER

Do que um cara que, por alguma razão ou sem ela, pega uma arma e mata um... no medo né, na frieza... não na frieza, mas no calor do medo. Acontece muito isso né, mano? O cara tá ali fazendo um assalto ali e tal. A polícia chegou, deu voz de prisão o moleque com um medo da porra ele vira e senta a madeira, enfim. Muitos morrem assim, não é o caso. Não é o meu caso. Entendeu? As nossas ações elas são friamente calculadas embora tenha muita emoção, mas ela é muito mais perigosa né? Porque ela educa as pessoas. Entendeu?

Autor: A pesquisa tem enfoque nesse momento do episódio com o Conte e em uma piora das suas condições enquanto reeducando. O 509-E, inclusive termina. Vocês lançam o segundo disco, ele não vai tão bem assim...

DEXTER

Já mostrava uma divisão de ideais, morô? A outra parte casou com uma cantora famosa e começou a ficar vislumbrado com o mundo que ele estava vivendo. Alphaville, jantares com pessoas famosas... essas coisas todas e tal. Carro do ano, a porra toda e é engraçado porque era sobre justamente tudo aquilo que a gente falava nas nossas letras, né? “Não caia nisso”. E aí a outra parte, infelizmente, se rendeu aos caprichos né? Então, para mim não dava mais porque passou a ser uma parte do grupo... e a outra fica bem, fica muito bem explícito isso no segundo disco. São quinze músicas, cinco de cada um e cinco feitas juntas. As cinco músicas que foram feitas você já vê que são outros objetivos né, meu? São outras ideais já, as que foram feitas separadas. Eu continuo na pegada mesmo da revolução mental das pessoas e a outra parte já está pensando em outras coisas né, mano? Se rende ao sistema. Se rende a tudo aqui que falava contra ou apontava como um ‘mau’ né? O mau não necessário, um mau desnecessário. A desigualdade, racismo, preconceito, morô meu? Toda... é foda... muita treta.

Autor: Aí na pesquisa eu tento investigar esse processo de produção do “Exilado Sim, Preso Não”, que é você em outra condição. Você, depois de ter ganho prestígio sofre uma interrupção, uma tentativa de ter as suas ideias travadas. O 509-E acaba em 2004 e o “Exilado” é de 2005... essa é a curiosidade. Como você, depois dessa ascensão, consegue canalizar e produzir um disco solo e esse disco ser um marco para o rap nacional? Como isso influenciou em quem você é hoje?

DEXTER

A ideia é... acho que a receita de tudo isso é simples. Mas ao mesmo tempo não tão simples assim. A receita para tudo isso, ela se chama amor. Podem ter outras palavras também, outras frases: vontade de vencer, de dar a volta por cima... chame como quiser, mas no fundo, no fundo, é amor. É amor por você, amor pelo que você faz e amor pelas pessoas, por todo mundo que te cerca, por todo mundo que acredita em você, por todo mundo que vem e te dá um papo, te dá uma ideia. E obviamente também, que eu acho que esse



amor se mistura um pouco com a vontade de dizer: “mano, eu vou conseguir”. Entendeu? Deus é maior e eu vou mostrar que é possível. Então assim, essa é a receita. O 509-E acaba, mas a essência permanece viva. A essência do verdadeiro rap... a essência refinada, morô meu? A ideologia, a filosofia. Ela continua viva. Inclusive eu já declarei que a essência do 509-E ela continua viva ainda porque eu fui um dos fundadores, morô? E diga-se de passagem, o mais interessado em fazer a revolução, e não em ibope. E não ibope. O ibope é consequência, o sucesso é consequência... o dinheiro é consequência. Às vezes a gente está aqui no escritório conversando e eu falo: “pô gente nós estamos aí, falta uma grana, mas vamos aguardar que daqui a pouquinho chega”. Não dá dois dias e pintam dois, três shows... então assim, acho que o que te movimenta é o amor que você sente pelas coisas, tá ligado? E todas as barreiras... eu sempre fui um cara de enfrentar barreiras e enfrentei barreiras desde criança, óbvio... desde criança, várias barreiras. O fato de o 509-E ter acabado foi uma barreira, se tornou uma barreira para mim. E eu falei: “Não. Vou ter que ultrapassar.” É tipo aquele lance dos filmes que você vê: “vencer seus medos, tá ligado?”. É de filme, mas também é uma realidade, morô cara? Vencer seus medos. E assim, eu tinha, eu sempre tinha a confiança em... no processo de criação, nesse louco amor que eu sinto pela música que salvou a minha vida, pelas pessoas que fazem parte desse metiê. Pelos fãs, pelos amigos, pelos parceiros... por com quem eu já fiz música. Eu posso dizer que a minha história dentro da música é vitoriosa. Entendeu? Já gravei com o Mano Brown, já gravei com o Edi Rock, morô meu? Já gravei com o Péricles, já gravei com o Gilson, já gravei com o Guilherme Arantes, já gravei com Seu Jorge... então, assim, são ícones da música... já gravei com Thaíde, já gravei com Paula Lima... são grandes compositores, cantores e cantoras da nossa música e que são referências para mim, morô meu? Então assim... eu posso dizer que, graças a Deus eu sou um cara vitorioso dentro da música. Óbvio que ainda tem muita coisa a ser conquistada. Mas se eu parasse hoje, eu já pararia feliz assim... se eu falar: “vou parar e tal”... mas eu acho que não é assim, né? Você não fala: “eu vou parar”. Alguma coisa para você. Alguma coisa aí... não sei. Ou a velhice, sei lá... alguma coisa para você, mas você não tem a capacidade, quando você ama, de parar de fazer aquilo que você ama.

Enfim... então a palavra amor engloba tudo isso. E aí você tem o desafio de passar aquela fase. Aí você fala: “ E agora? O 509-E era um puta nome”. As pessoas queriam o retorno, mas não tem condições. Você precisa trabalhar com pessoas que também pensam igual a você. No mínimo, ela tem que ter uma... quer dizer, ela pode discordar de algumas coisas, mas ela tem que ter o mesmo objetivo. Ninguém é igual a ninguém, obviamente, mas vocês tem que, no mínimo, ter o mesmo objetivo para poder trabalhar junto. Mesmo que no meio do caminho a gente discorde de uma coisa ou outra, o que é natural. Agora, quando não se tem o mesmo objetivo, aí não dá. Quando o objetivo é diferente não dá. Eu tenho o objetivo de mudar a vida das pessoas mesmo., entendeu? Muita gente já não acredita mais nisso, Patrick. Não acredita. Tem amigos meus que são do hip hop, que falam para mim: “Dexter, você é o último dos moicanos, meu”. Nem os caras que são referência para você acreditam mais nisso. Eles acham que eles já fizeram a parte deles, já era. Eu ouço muito isso, mano. Entendeu? Então assim, cara, é muito louco quando você se vê em uma situação dessa. Você fala: “Caralho”. Olha para um lado, olha para o outro e você vê outros movimentos muito mais juntos com você do que as pessoas da sua própria cultura, do seu próprio movimento, embora o hip hop não seja um movimento, o hip hop é uma cultura, mas... vamos, metaforicamente, chamá-lo de movimento. Você vê outras pessoas, de outros movimentos, muito mais lado a lado de você do que quem está inserido no seu movimento. Você acredita nisso? Então quer dizer, muita coisa mudou. E eu continuo aí, mano... batalhando... e aí ontem, Patrick, para você ver a recompensa como... o dinheiro que é consequência... ela vem. Não que o dinheiro seja recompensa, mas consequência. Ontem, por exemplo, um juiz me ligou, o doutor Jaime me ligou e falou assim: “Sr. Marcos”... ele só me chama assim. Ele me ajudou no projeto que eu desenvolvo, o Como Vai Seu Mundo. Ele que reconheceu que eu já estava no lapso de poder ir embora, ele que analisou meu processo com carinho, enfim... ele entendia que o Dexter não podia mais ficar preso, entendeu?

Autor: Seu papel aqui fora é...

## DEXTER

Fundamental... e assim, se tivesse no lapso, já tinha que ir embora, não dava mais para ficar ali porque ali... o próprio rap, o hip hop já tinha feito o trabalho porque o sistema carcerário não investe em ninguém. Então o seguinte, qual é a recompensa? Ontem estava aqui, atendo o telefone e ele fala: "Sr. Marcos eu estou aqui com um adolescente... cometeu uma infração e tal, inclusive estou até liberando ele, mas eu queria muito que o senhor conversasse com ele e explicasse para ele como funciona algumas coisas e tal"... então isso é a recompensa, morô? Juiz me ligar para que eu possa trocar ideia com um adolescente que acabou de julgar, de dar uma sentença... e aí ele dá mais uma oportunidade para esse jovem de ficar em liberdade, mas de melhorar como ser humano, né? Mas antes de tudo, ele me liga e pede para que eu troque algumas palavras falando sobre a minha experiência de vida com esse jovem. Isso é a recompensa né, cara? Quando que um juiz vai ligar para um ex reeducando? Entende? São conquistas, cara. Além de ele me ligar, hoje a gente senta para jantar, para almoçar... a gente anda junto, a gente conversa, enfim... é um amigo que eu tenho. Então, isso é muito louco, isso é o que o rap de verdade proporciona para a gente. Quanto custa o cordão? Quanto custa a casa? Quanto custa o carro? Eu quero isso, aquilo... nesse processo não importa. O que importa é o que de fato ou o que de sólido você constrói. A amizade é sólida. A amizade ela é... quando ela é de verdade, ela é... ela é o seu porto seguro também. Pode chamar um amigo para trocar umas ideias, mano. "Tô mal hoje"... pô, o cara vai te ouvir, vai te dar boas ideias, vai falar, né? Vai mostrar para você a importância que você tem em determinados âmbitos, enfim mano... isso que é muito louco, entendeu? Tudo isso que eu vivi de 2004 para 2005 foi movido através desse sentimento porque, na verdade, todos os dias é o sentimento que me guia, que me sustenta. Quando você não ama mais, mano, não dá mais... quando não ama mais, não dá, já era... não tem sentido... é igual a um casamento você não ama mais, você vai separar, vai seguir outra vida, vai procurar uma outra pessoa, enfim... mas eu amo rap, mano, rap é a minha vida. Quanto eu estou no palco eu me liberto de tudo. E aí, mesmo dentro desse processo, de vamos trazer o estúdio pra cá e tal, houveram muitas

coisas que quase me fizeram desistir. Por exemplo, nós tínhamos um *dj*, que era inclusive um *dj* que eu tinha colocado no 509-E, que falou que ia me ajudar a produzir... aquela coisa toda. E quando eu precisei mesmo de fato, não veio. Preferiu ficar com a outra parte, cantando, porque achou que estava bom... e hoje já nem está mais junto, nem amizade existe mais e por aí vai... os caras que me socorreram no pior momento, quando eu mais estava precisando, nós temos amizade até hoje e graças a Deus, através do disco um mora até em Portugal. O Exilado Sim chegou em Portugal para uma juventude lá e tal... os caras levaram ele para ele produzir o disco deles lá. E o cara acabou ficando lá. É o *Dj Dico*, ficou por lá, meu. Eu lembrei pô. Estava na favela aí olha... esquecido aí, tá ligado? Aí eu lembrei, falei: “Não pô. É o Dico. Dicô, pá, pá, pa... [chamando]”. Aceitou ele, o Função. Aceitaram a fazer o disco comigo e levar meu, toda a aparelhagem... nós tínhamos um mês, mano.

Autor: Foi uma juíza que concedeu a autorização?

DEXTER

Foi a Diretora que concedeu, na verdade.

Autor: Tinha uma rádio lá já?

DEXTER

Tinha uma rádio, tinha sido desativada. Aí eu cheguei, seis meses depois a gente reativa essa rádio, aí existem lá quatro salas, é... desativadas também, enfim... aí a gente, eu e a doutora Janaína, que era a Diretora de Educação, ela com uma super boa vontade de nos ajudar, de pô... aí eu dei uma ideia: “Vamos construir uma biblioteca e tal?”. Aí a gente começa a batalhar, a gente faz a reforma dessas quatro salas. Três viram salas de aula e uma vira biblioteca. Foi uma coisa linda aí que a gente já construiu ao longo desses anos aí... essa foi uma das coisas mais bonitas que eu considero importante,

tá ligado? Que a gente lia livros... e eu via meus companheiros de cela lendo, outros de outras celas também lendo e a gente trocando informações. Foi um período muito importante, sabe? O “Exilado Sim, Preso Não”, ele nasceu em um período de muitas dúvidas, mas também de muitas certezas, tá ligado? Por isso que ele é um disco importante, mano... ele é um disco que ele reúne GOG, Mv Bill e Mano Brown, mano... no mesmo disco, entende? Ele é um disco importante. Ele é um disco que, mais do que o 509-E, ele me dá seis prêmios. Inclusive, dois deles, o melhor disco do ano. Isso é uma recompensa, né? Então para você ver, com o 509-E, que foi exatamente um nome que explodiu, que, enfim... saiu na... saiu em revistas americanas, meu. *The Source*. *The Source* falou do 509-E mano. É mole? Uma revista especializada no rap americano, falou... no rap norte americano. Falou do 509-E meu. Assim como falou do Racionais também. Então assim, é... olha só aonde a gente conseguiu chegar não é, cara? Com o 509-E. Agora, o disco Exilado Sim Preso Não, já na minha carreira solo, ele mostra para as pessoas a verdadeira essência do 509-E e que permanece viva e ele reúne pessoas em um disco que, no momento... não no momento, mas ele reúne pessoas que jamais foram reunidas em um outra obra. E que são pessoas consideradas como pilares do *hip hop*, cara, do Brasil. Entende? Então... aí você vai e ganha seis prêmios com o disco. Melhor música, melhor disco solo e por aí vai. Pô cara, isso é um retorno... eu vejo até como espiritual a coisa. É espiritual o lance assim, sabe? É um retorno muito gratificante, muito gratificante. Porque você está ali na indecisão, com várias dúvidas, não é meu? Aí você liga para um, liga para outro. Aí o Dário entra nesse processo também. Eu liguei para o Dário. Falei: “Porra Dario, é o seguinte, quero lançar um disco solo e tal, mas mano, eu tenho receio... 509-E é um puta nome”. E ele fala para mim: “Mano, sou mais você porque você é o 509-E. Então, vamos embora, bicho. A gente faz o disco aí”. Aí eu falei: “Mano, eu estou querendo fazer esse disco, mas eu queria antes, ter alguém que distribua para mim esse disco”. Ele falou: “Não mano, estou junto”. A gente conseguiu vender o disco... três mil cópias em um dia só, ou seja, é muita gente comprando. E foram seis mil em uma semana. No primeiro dia, quando chegou, foi febre, meu. Pô três mil pessoas. Obviamente que não foram três

mil pessoas porque um lojista pede, ele pede cem peças, o outro lá também pede cem peças.

Autor: Mas ele pede porque vai vender, não é?

DEXTER

Ele sabe que vai vender, então, em um dia só contabilizando quem esteve na galeria e mais essas vendas para outros lojistas, inclusive de outras capitais, somou-se três mil cópias vendidas em um dia. Isso é histórico, entendeu? Isso é muito bom. Acho que poucos grupos de rap conseguiram essa façanha. Eu considero como uma façanha. Ainda mais para a época, né? A pirataria estava aí, essa coisa toda, enfim...

Autor: O Dario fala que o movimento estava passando por uma transformação. Um momento de baixa...

DEXTER

Exatamente cara, exatamente. De dois mil para a frente, a gente começa a enfrentar uma certa resistência. Começam a ouvir outras músicas. As pessoas já começam a questionar os *mc's*, o que nos anos noventa não acontecia. Era muito difícil você ver alguém questionando o Mano Brown, alguém questionando o GOG. Enfim, as pessoas acreditavam piamente naquilo que a gente cantava, naquilo que a gente canta. Não que elas deveriam ser igual cavalo e não questionarem. Não é isso. Eu estou falando de questionamentos absurdos, não é? De questionar, de começar a chamar os nossos irmãos de vendidos, disso e a porra toda... porra, essa época aí foi foda. Dois mil e três para dois mil e quatro... ali começa. Então o Dario tem razão, a gente estava passando por uma transição e, esse disco, ele ganha mais disco ainda quando se entende a dificuldade da época. Quando você para pra pensar na dificuldade da época, ele ganha mais brilho ainda. O

nome foi muito bem escolhido assim... não porque eu escolhi, mas, cara... eu estava lendo, na época, Exílio na Ilha Grande, do André Torres. Ele contando como começou a facção, o CV na verdade. E assim, é... muito louco o livro e eu lá pensando: “O exílio na Ilha Grande”. E aí me vem a ideia... quando você entende esse processo, vê que tem um disco minuciosamente pensado, né? Feito. Estava te falando agora do nome...

Autor: O encarte né, inclusive já... nunca tive a oportunidade de vê-lo, mas existem líderes...

## DEXTER

Você nunca viu o CD? “Jé, pega um “Exilado” aí para mim por favor e traz uma caneta também, por favor. A caneta tem aqui embaixo” – referindo-se às funcionárias da produtora. Então ele é um disco, cara, que né... “Exilado Sim Preso Não” é o cara que está... você já deve ter visto isso também... Gandhi já falava que... Gandhi falou que ele conhecia pessoas fora da prisão que estavam mais presas do que aqueles que estavam na prisão, entende? Então, o disco retrata bem essa atmosfera. E aí você vê, eu tô lá lendo Exílio na Ilha Grande. Então, se liga... foi um nome muito bem escolhido, muito bem pensado. Tem tudo a ver com a leitura que eu estava tendo no momento. Foi muito bom ler o livro, abriu novos horizontes. E aí realmente, o que acontece? Eu acho que você tem que dar... poxa essa é uma versão nova e os caras não colocaram a capa, agora que eu lembrei, me perdoa irmão. Até tinha um aqui que você abria, que tinha, enfim... tinham vários personagens e o que acontece? Foram pessoas que também estiveram presas, mas nem por isso deixaram de ser grandes pessoas... grandes líderes. E essa versão aqui é nova, a Radar que lançou e eles reduziram o encarte, você acredita? Nem eu sabia, não tinha me ligado. Bom, mas enfim, esta aí a... vou ver se eu consigo o primeiro para você. É, aqui foi um processo muito importante. É uma pena que...

Autor: O Edi Rock e o Mano Brown chegaram a ir em São Vicente para te ajudar?

DEXTER

Não, na verdade é o seguinte, eles produzem fora e mandam as bases, aquela coisa toda, enfim...

Autor: Aí vocês colocavam as vozes lá dentro?

DEXTER

Isso, lá dentro. Eles mandavam as bases, aquela coisa toda. Aí é o seguinte, a gente coloca a voz lá dentro em um aquário construído lá dentro com placas de isopor e palitinhos assim... lembro até hoje. A gente jogava a cobertura em cima, nesse aquário improvisado para abafar o som e ficar uma acústica legal. Quem gravou lá dentro foi o GOG e o Bill. O Brown gravou fora. Mas quando chegou no YB para masterizar e mixar, aquela coisa toda... aí o Brown ajuda né a trabalhar o disco e grava a parte dele da "Sou Função" fora. Foi muito louco assim. Eu ficava acompanhando pelo telefone. Aí os caras: "Hoje tem estúdio, negão". Aí eu pá... deixava o telefone lá a noite toda carregando lá... a noite toda e os caras lá trabalhando. Paravam para comer e eu ficava também aqui. Daqui a pouquinho voltavam e... esse disco tem uma história muito grande, cara.

Autor: O Claudinho falou inclusive que você assinou umas faltas graves lá por conta dessa comunicação...

DEXTER

É assinei, assinei na verdade por conta de telefone. Não foi exatamente por essa comunicação, mas pelo telefone. Na verdade foi uma vez só também. Usei várias vezes, só descobriram uma vez, tudo bem também. Mas tem a



ficha técnica aqui, olha. A gente dá a Cesar o que é de Cesar, mano. Produção artística. Pô, muito louco. A faixa quatro foi produzida pelo Edi Rock, a “Última Viagem”... muito boa. Cara muito louco.

Autor: Ouvi muito aquela “Me Faça Forte” com o Bill.

DEXTER

Com o Bill e com a Tina né? Muito bom.

Autor: Como você articulou todos esses nomes importantes para o hip hop nacional estando preso, exilado na verdade? Como foi formada essa rede?

DEXTER

Mano, são pessoas que já estavam na minha... no meu dia a dia. Aí eu fui pensando em cada um deles. Por exemplo, o GOG veio de Brasília e falou: “Negão, queria fazer uma visita”. Aí o Claudinho articulou e tal aí o GOG foi parar lá. Falei: “Pô GOG, você vai vir em um momento bom porque eu estou gravando o meu disco e tal. Vem aí, vem escutar o disco”. Aí legal. Ele chegou, a gente almoçou, enfim, mas também ficamos lá ouvindo música do CD e aí de repente ele ouve “Salve-Se Quem Puder”, meu. Quando ele ouve “Salve-Se Quem Puder”, ele fala: “Mano, que porra de música é essa, bicho?” Aí começa a falar que os caras que estavam aqui fora não estavam tendo essa visão e eu lá dentro estava tendo essa visão. E ele fala: “Mano, pô essa música é foda”. Tanto é que a música já estava fechada. Ela já tem três partes antes da parte dele e naquela época a gente fazia... era normal, natural, um padrão inclusive fazer três partes na música. Hoje não. Tem duas, tem uma, enfim. O rap mudou muito, diminuiu o tempo aquela coisa toda, enfim. Eu não sou muito adepto dessa nova modalidade não, mas está aí, né cara? Hoje você não pode fazer músicas extensas porque se não for... eu faço, por quê? Porque eu acho que quando a música tem assunto, ela tem

condições, você pode fazer perfeitamente. Quando você vai deixar de ouvir um “Homem na Estrada” por causa do tempo? Quando você vai deixar de ouvir uma “Saudades Mil” por causa do tempo? Ou um “Senhor Tempo Bom” por conta do tempo? Entendeu? É... enfim. Você não vai deixar de ouvir essas músicas por conta do tempo. Você vai ouvir porque tem história, porque são músicas boas, importantes e falam grandemente com você, entendeu? Enfim, mas... porra mano, então assim, “Exilado Sim, Preso Não”, disco muito importante que mostra a resistência. Aí nasce a oportunidade de gravar com o Brown. Eu comecei a escrever a “Sou Função”, meu... assim, comecei a escrever a minha parte né? “Muito amor muito amor/pelo sangue pela cor/a herança tá no sangue/louvado seja Deus, senhor”. Falei: “pô meu, isso aqui é função meu. Isso aqui é a cara do Brown”. Aí liguei para ele, cantei para ele e ele falou: “Não negão, nessa música aí eu vou participar. Essa música é do caralho”. Ele ficou feliz assim né, de ter recebido o convite. Quis presentear o Leandro, que é o Função né? Que era um presente para mim e aí eu queria presentear o Leandro porque ele merecia e tal. Aí falei para ele: “Negão, faz uma parte... a primeira parte, que antecede a minha. Aí você canta a primeira, eu venho na segunda e o Brown canta depois”. Ele fez... enfim. E aí, nos presenteamos, né? Muito louco.

Autor: Como você viu na época a recepção do público com esse time todo ao seu lado?

DEXTER

Mano, foi mil grau, mil grau. No dia que a gente foi receber prêmio, inclusive... quer dizer, não sabia que iria receber prêmio, mas o disco estava indicado e aí foi todo mundo para o Rio de Janeiro e eu lá... só acompanhando pelo telefone.

Autor: Nessa época as saídas já estavam... como estavam?

DEXTER

Brecado. Não estava saindo para nada. Dois mil e cinco né? O episódio lá aconteceu em dois mil. Desde então, sem chance. Eu fui sair oito anos depois quando eu fui fazer Dexter & Convidados na quadra da Peruche. Ali mil grau né meu? Cinco mil pessoas em um lugar onde o contingente era para quatro mil e duzentas. Não sei como, mas a gente conseguiu colocar cinco mil pessoas lá dentro. O Dario também estava comigo. Esse show aí foi mil grau. Aí eu saio, ganho a saidinha e a primeira coisa que eu faço é um show. O amor pelo bagulho é muita treta né, porque você não consegue ficar longe. Quando eu faço Dexter & Convidados eu consigo reunir pessoas mil assim, sabe? No bagulho... trago Paula Lima, trago GOG, trago o Brown, trago o Edi Rock, Thaide e por aí vai.

Autor: E você articulando tudo?

DEXTER

Articulando tudo, lá de dentro.

Autor: O Dario chegou a afirmar que, na visão dele, você era um empreendedor... você conseguia articular tudo. Ele gravou outros grupos, mas que você se destacava nesse sentido.

DEXTER

E aí que eu falo para você: é o amor pelas coisas, sabe? É a força de vontade de fazer, entendeu? Se você não tiver amor, você não vai, mano. Não faz. E realmente era muito louco assim, o enredo né? Para se fazer o disco, enfim... tudo que eu consegui construir, que eu consegui fazer dentro da prisão, teve que ter uma articulação perfeita, né? É graças a Deus, mano,

eu sempre fui muito bem atendido pelos meus amigos assim, sabe? Os caras sempre falavam: “Pô, o Dexter está lá, mas ele está batalhando então vamos ajudar”. Dj Hum, sabe? Que produziu “Saudades Mil”, sempre... desde o primeiro disco. Porque sempre foi o mesmo processo. No “Provérbios 13” [509-E], a gente acaba que conquista a saída porque o juiz, ele... enfim, ele gostava muito da Sophie [quem descobriu o 509-E pelo Talentos Aprisionados. Posteriormente foi empresária do grupo], que tinha o Projeto. Dr. Otávio, o nome dele. Enfim... o Dario sempre falava mesmo: “Pô Dexter, você é mago. Como você consegue, mano? Reunir tudo isso e”... E no dia do show mano? Eu articulei tudo lá de dentro “fio”. Ligando, pá, pá, pá, pá. E todo mundo: “Pô. Não, Dexter, legal”. E eu: “Gente, saidinha. A minha primeira, estou feliz demais. Queria você comigo e tal, cantando”. Paula Lima, mano. Nunca tinha cantado com a Paula Lima, mano. Aí fui chamei a Paula e dei a música para ela: “Bem Vindo à Madrugada”. Porque a Tina já tinha ido para os Estados Unidos, a Tina mora lá e tal... e eu não tive condições de trazer a Tina. Era o que eu queria né? Porque ela participa do disco e tal. Ela me ajudou. Foi lá me visitar. Foi lá gravar comigo, então eu queria que fosse a Tina, mas infelizmente ela estava nos Estados Unidos e eu não tinha como trazê-la né, mano? E aí o que acontece? Aí eu vou e faço o convite para a Paula Lima e ela aceita... a gente vai e grava. Que honra né cara, gravar com a Paula Lima, uma grande cantora. A negra... representatividade ao extremo. E aí você reúne essas pessoas. Mano, eu acho que o rap, ele te ensina a fazer as coisas também. Ele te ensina... mais uma vez eu falo para você, Patrick, o amor é que movimenta tudo, entendeu? E que maravilha você saber que vai estar com essas pessoas dividindo palco, isso é muito amor. E só o amor pode te proporcionar essas coisas. Bob Marley falou uma vez que “somente o amor salvará o mundo”. Acho que foi ele que falou isso. Eu acho também. Enquanto a gente achar que a cor da pele for mais importante do que os brilho nos olhos, uma outra frase dele ou do Martin, a gente vai viver assim... em guerra.